COMEDIA BURGUEZA

CARTAS D'AMOR

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA —
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * LISBOA * * *

COMEDIA BURGUEZA

Cartas d'amor

POR

TEIXEIRA DE QUEIROZ

Socio effectivo da Academia das Sciencias de Lisboa

Es de vidrio la muger...
M. Cervantes — *C. impertinente.*

TERCEIRA EDIÇÃO

1919

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

La plupart des drames sont dans les idées que nous nous formons des choses. Les événements qui nous paraissent dramatiques ne sont que les sujets que notre âme convertit en tragédie ou en comédie au gré de notre caractère.

H. de Balzac — *Modeste Mignon.*

CONVERSANDO

Os livros são como as plantas, que nascidas sob o mesmo clima, alimentadas do mesmo humus, e regadas pela mesma agua cristallina, se mostram deseguaes no crescimento e na fruti-ficação. Encanta uma pelo rebento vivaz e pelo folhedo garrido; outra, nem flores, nem fructos ostenta. Que razões póde haver para o seu aspecto ser differente? Não são ellas irmãs, oriundas ambas de sementes escolhidas e merecendo eguaes carinhos ao cultivador?

Assim os livros sahidos da nossa alma para a incerta aventura da publicidade: em todos se

emprega identico e cuidadoso esmero e o mesmo amor de perfeição, comtudo, o publico, tenebrosa esphinge, abysmo para onde lançamos os filhos da nossa sensibilidade, prefere uns certos, sem nos dar a razão.

Com as *Cartas d'Amor,* agora de novo editadas, succedeu serem recebidas com excepcional apreço pelo anonymo que nos apavora a nós, auctores de livros. Será difficil de encontrar a razão da preferencia, como difficil é descobrir no fundo do mar a pedra branca da fortuna. Seria a especialidade do problema psychologico d'amor, aqui proposto, e a solução dada por Maldonado com tamanha abnegação e singeleza? Poderá attribuir-se á fórma epistolar, tão apropriada a confissões delicadas, ingenuas ou subtis, e aqui renascida depois de tão bem acceite em França, no seculo XVII, o seculo das elegancias?...

E se o caso podesse attribuir-se, como o entende um escriptor francez moderno, ao titulo do livro, por entrar n'elle a magica palavra *amor?*... Tudo póde ser; qualquer explicação

serve, quando se não encontra a *razão sufficiente.*

*

O problema do amor, na alma da mulher principalmente, tem sido e continuará a ser a mais procurada base artistica, no seu aspecto de belleza erythmica: encontrar-lhe, n'um dado momento de crise animica, a fórma evocativa mais adequada é o privilegio d'aquelles que tem dignamente na sua mão uma penna, um pincel, uma batuta ou um cinzel. Fórma unica e definitiva não existe, não a encontrou Shakspeare, o supremo prescrutador d'almas; porque sendo o sentimento constantemente variavel, ao artista só lhe compete definir estados transitorios, que por todos sejam comprehendidos.

O romance, como hoje é acceite e comprehendido, tem exigencias especialissimas de technica, que só o aturado estudo e observação podem descobrir. O delicado e espiritual instrumento da palavra tem de penetrar os reconditos da alma humana com delicadeza e tacto,

e só se póde impôr pela exactidão e força moral.

Comprehendidas taes difficuldades a sua execução ainda é difficil e precaria. Conseguir, pois, que no torvelinho da vida social moderna, composta de mil interesses divergentes, o publico pare um minuto deante das paginas de qualquer livro de paixão, livremente tratada, é caso para agradecer.

É o que faço.

Vále.

Cortinhas, 7 de outubro de 1912.

Teixeira de Queiroz.

CARTAS D'AMOR

Es de vidrio la muger...

M. Cervantes—*Curioso impertinente.*

PRIMEIRA PARTE

I

Depois d'uma contemplação instinctiva, durante alguns dias em casuaes encontros, fixou-se na retina e na memoria de R. aquella physionomia singularmente expressiva, em que muitissimo havia do mysterio das almas e da côr e perfume das flores mais bellas. Não a podia esquecer e não a podia substituir! Que leve cabeça de lavandisca! Como era gracioso o meneio do seu corpo flexivel, tão ligeiramente ondeante no passo breve d'um lindo pé pequenino!

Para a imaginação calorosa de R. era antes visão angelica do que uma creatura da terra; parecia-lhe reflexo de luz, deixando no ar qualquer coisa de espiritual, a fluctuar como aza de nuvem. A sua pupilla scismadora fixava attenta a bella miragem, seguindo-a de-

pois no espaço n'uma via lactea deslumbrante. Não lhe encontrava sempre a mesma expressão, é certo; umas vezes ironica e provocante no olhar e no sorrir; outras, d'esses mesmos olhos e d'esses mesmos labios, derivava uma tristesa tão doce que era um enlevo! Obrigava-o a pensar n'uma alma, que andasse longe do corpo, a voejar por entre sombras de arvoredos recolhidos e cheios de preces, ou pelos sidereos espaços, onde a luz é calma e uniforme. Em qual d'essas expressões contrarias se devia acreditar? Em ambas, por derivarem da mesma fonte de sensibilidade, do mesmo ser affectivo e unico. Eram, apenas, anceios diversos do mesmo coração; agora o sorrir travesso e encantador da mocidade, com movimentos bruscos de seiva primaveril; logo o cahir em pensamentos tristes, com a imaginação vaga, sem destino certo, como pomba ferida que procurasse abrigo para acalmar a sua dôr. Comtudo ella sorria e sorria amorosamente. Os olhos de R., que sorviam com avidez tudo que d'ella viesse, recolhiam religiosamente esses sorrisos. Mas eram phenomenos dispersos, furtivos e sempre a mêdo. Impedimentos sérios obstavam a qualquer approximação, separava-os uma montanha de convenções sociaes. Porem R., quando se convenceu que um assentimento se desprendia d'aquella vontade captiva, para responder ao seu rosto supplicante; quando recolheu o primeiro sorriso cheio de reveladora meiguice, escreveu febrilmente as seguintes palavras que enviou:

«Todos os sublimes canticos de Salomão ácerca do amor, não valem um sorriso de Galatéa!»

Partiu o timido bilhete, mas logo ao espirito de Roberto acudiu um ancioso arrependimento! Puros receios de destruir uma ventura ao nascer. A maior punição da sua ousadia seria o gelar-se n'aquelles labios, frescos como fontes, a promessa contida no sorriso da vespera. Alem d'isto, se os olhos negros como amoras, em vez de carinhosos se mostrassem reprehensivos, elle julgaria descer aos infimos abysmos da desgraça! Para a sua alma de fogo era este o supremo castigo. Tomado d'esse febril receio, fixou-a intensamente, logo que a encontrou. A terra em que assentavam os seus pés tremia n'esse momento, como se houvera abalo no coração do globo. Ella passou ligeira e quasi indifferente; mas como explicar o escarlate subito do seu rosto?!... Podia ser calculada a indifferença; mas a expressão animada dos olhos e a tremura dos labios?! Roberto sentiu-se perplexo; procurou-a de novo n'uma volta do jardim, para a interrogar com aspecto firme. Osculavam-se roseiras por entre o zumbido sonoroso das abelhas. Ella afastava os raios de sol ardente, com uma sombrinha vermelha; por isso, o seu rosto lacteo, appareceu animado d'esperança, n'uma luz d'aurora. Quando, Roberto, ia formular a muda interrogação, Galatéa encontrou meio de não responder, olhando para um macisso de rosas, d'onde colheu uma flor. Mas tinha lido o terno bilhete, pois de novo o rosto se lhe animou da mesma intensa chamma e com o mesmo sorriso, que esperançara Roberto. O namorado rapaz ergueu-se ao infinito em extases de esperanças, a imaginação sahia-lhe em borbotões d'applauso. Como é que

elle se conteve e não atirou a sua alma aos pés d'aquella deusa, da dominadora do seu coração?! Passaram, elle doido de alegria, ella ligeira como um pensamento bom.

*

* *

Voltaram, mais tarde e n'outro logar, os olhares cautelosos. Os sorrisos tinham já mais accentuada meiguice; mas eram todos dirigidos ás avesinhas, aos arvoredos, ás flores que enfeitavam os jardins. Em furtivos relances, porem, Roberto percebeu que era comprehendido nos favores divinos. Uma vez ou outra, sobre elle cahiam lampejos d'esse rosto bello e clemente; a sua alma formada de carvões accesos, logo volatilisava, em fumos de prece, o incenso religioso. Era uma evocação de todos os sentidos, extase augusto, glorificação de todo o universo, isso que lhe brotava em cachoeira da phantasia. O poder magico que sobre elle tinham aquelles formosos olhos, negros e mysteriosos, era verdadeiramente extraordinario. Elle sentia-lhes dentro todas as caricias e todas as turbulencias; eram ondas suaves de candura, symphonias victoriosas d'amor, applausos e castigos, trovões e cantos meigos de aves peregrinas. Tudo lhe diziam, tudo lhe communicavam, e Roberto vivia n'uma atmosphera de goso e impaciencia. Porem, como em algumas occasiões, esses olhos se não furtassem á contemplação dos seus e an-

tes se deixassem admirar na maravilhosa expansão de tanta formosura, o mesmo sentimento irreprimivel, que ditara as primeiras palavras, escreveu as seguintes:

«Por Deus lhe peço que me não considere um homem trivial! Por pouco que eu seja em mim, engrandece-me o extraordinario sentimento, que a sua belleza fez brotar de todo o meu ser, como rumorosa caudal d'agua pura. Não fallo do meu coração, que é um orgão bastante pequeno para conter tamanho affecto. Esta admiração e formidavel enlevo, abrange mais do que o meu proprio existir; porque, quando a vejo, vivo fóra d'elle e me relaciono com todos os sonhados e formosos anjos do ceu. Sou hoje mais que um homem terreno, habito espheras superiores, comprehendendo tudo d'um modo differente do passado. A sua divindade transformou-se. A minha mesquinhez tornou-se grandesa; o meu ser relativo tornou-se absoluto, pelo ideal intenso e superior de que se alimenta. Tenho agora um só desejo, uma só ambição grandiosa, é viver no seu espirito, na sua mente candida. Seria como vaguear nas delicias d'um ceu mahometano. Tudo que é material irrita hoje a minha sensibilidade. Eu, até hoje, confesso materialista, acredito firmemente, as almas pares que podem cohabitar em espheras luminosas, em mundos ignorados do vulgo, e gozarem ahi o contacto de sentidos novos, d'uma agudeza sublimada. Não me expulse de si, guarde-me na sua mente, peço-lh'o com a humildade com que se faz a mais fervorosa prece.»

Ficou ainda sem resposta este appello. Roberto tambem só esperava que, n'um simples sorrir, apparecesse o assentimento exorado. Porem ella, receiosa ou cruel, não appareceu durante dois longuissimos dias! Procurou-a em toda a parte, nos sitios onde costumava vel-a; em todos os logares de vida social, onde ella imperava pela formosura e pelos encantos da sua alta educação. Sabendo-a muito devota, buscou-a nos templos, casas de vida recolhida, onde sombras religiosas afagam sentimentos nobres e delicados. E foi ahi, a hora bem matinal, que a viu ajoelhada, submissa, tremente deante do poderoso Deus, que flagella o amor na mulher e o acaricia no animal bravio. Um sacerdote, talvez o seu confessor, dizia missa a que ella assistia mergulhada em resas. Acompanhava-a apenas uma creada, mulher vulgar no sentir, que espalhava a vista indifferente por toda a egreja. Roberto contemplou longamente a sua eleita, escondido n'um recanto, para que ninguem o descobrisse. Chorava-lhe o coração afflictivo pranto, por se julgar a causa da grande amargura, que iria n'aquella alma. Febril e tremulo escreveu o seguinte, que enviou:

«Serei um reprobo, por ter perturbado a paz sublime da sua alma! O meu amor, as minhas loucas palavras, ter-lhe-hão originado tamanha pena, que seja necessario recorrer á omnipotencia divina, para a proteger contra mim?! Via-a hoje na egreja, depois do meu olhar a ter solicitado por toda a parte. A sua attitude de grande soffrimento atribulou-me. Serei eu a causa d'essa amargura, que só na fé religiosa encontra

alivio?! Não o posso acreditar; e, quando o acredite, sentirei com goso esvair-se-me a vida condemnada. Ter-me-ha na conta d'um d'esses lendarios demonios, que só se nutrem do mal e da infelicidade das creaturas felizes?! Então é que isto, que o seu divino sopro creou dentro em mim, é peste envenenadora. Não é loucura d'amor, é crime de perversidade! Não o posso acreditar; a minha razão e o meu sentir affirmam o contrario. Não se esconda no seio de Deus para fugir de mim; porque, quem a ama santamente, como eu a amo, vive tambem no seio de Deus! Deste sentimento que me absorve, póde resultar a morte com a desesperança; porém, o que nunca poderá resultar é qualquer macula para o seu espirito angelico. Adoro-a e prefiro-a a todas as venturas possiveis e irrealisaveis, terrenas ou celestiaes. Não me afaste de si e não se afaste do meu amor, porque é uma iniquidade. Tudo que de nobre, grande, absoluto, generoso em mim hoje existe, é obra sua. Não esmague com despreso, fundado em preconceitos, esta flor nascente. Quanto eu soffri, ao vel-a tão fervorosa aos pés de Deus, por me parecer que era contra mim que orava! Não lh'o mereço, creia; porque ainda sobre a terra não houve amor mais sincero e mais puro!»

N'uma lettra desegual e nervosa, Galatéa escreveu o seguinte:

«Bem sabe que o não posso amar. Prohibe-mo a lei divina e a humana. Adeus: seja feliz e esqueça-me».

II

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 25 d'outubro.

Não posso, não devo esquecel-a! Que lei divina prohibe o amor, grande, vigoroso e unico, que eu sinto?!... Que lei humana se lhe oppõe, a não ser barbara lei que não devemos acatar?!... São coisas absurdas que nos tem ensinado; a nossa razão deve repelil-as. Mas penso que me faz grande injustiça, attribuindo-me sentimentos vulgares!... Pensará que a excepcional sympathia, a invencivel attracção, força omnipotente que não sei definir, que os seus meigos olhos e os seus risos cariciosos exercem sobre todo o meu ser, resumirá propositos de posse, como é vulgar?!... Oh! por Deus, por si e por mim, não o pense! Ainda que eu lhe queira explicar o meu prazer e tormento d'alma, n'este instante, não posso; porque a linguagem humana é insufficiente para as grandes emoções! Mas na sua bella imaginação junte uma braza de fogo do lendario inferno com um terno raio de luz do lendario ceu, escalde com uma e acaricie com o outro o mais impressionavel dos corações e terá a imperfeitissima imagem do que eu soffro e góso. E' claro que o amor mais puro tende a uma realisação: mas será isto outra coisa, alem da sublime harmonia de dois cerebros com o mesmo pensamento, do sublime convivi o

duas sensibilidades homogeneas, da fusão ideal de dois entes?! Esta plastisação das almas póde dar-se, deve dar-se no amor perfeito e completo. A calidez do sangue e o impeto das paixões egoistas, pode levar a outras e differentes comprehensões do amor. Admitto o alarme da sua sensibilidade, quando me percebia na physionomia incendiada alguma coisa de estranho, ao vel-a no meio de outra gente. Perdoe-me, talvez tivesse razão. Seria incorrecto, podia offendel-a no seu delicado sentir. Mas era coisa superior á minha vontade, o deixar de a contemplar. Todos se approximavam de si e lhe fallavam, beijando-lhe uns a mão, o que julgava impiedade, tratando-a outros familiarmente, o que me parecia irreverencia, e só eu que, pelas fatalidades do sentir, mais e melhor apreciaria a ventura do seu convivio, é que ficava a distancia! O seu pudor assustou-me, a sua honestidade resentiu-se; paguei-o bem duramente, com o despreso que me infligiu nos primeiros dias. Mas isso passou; o seu coração e a sua intelligencia chegaram á verdade, a minha admiração não era como a admiração dos outros homens. Sorriu-me depois, decerto por entender que o meu fervente enlevo a não humilhava, que a não poluia o meu culto. A sua alma restituiu á minha alma confiança serena. Os seus olhos trataram-me com mais suavidade. As circumstancias impunham-nos reservas, eu tomei alento e coragem. Consentiu que a contemplasse na sua sublime candura, na expressão angelica do seu semblante, ironico e triste, gracioso e pensativo. Agradeço-lh'o: foi uma grande ventura a d'esses dias passados.

E agora quer que a não ame, que fique silencioso, que deixe de a ver! Impossivel! O meu coração transborda e preciso de que alguem recolha em vaso de cristal purissimo as lagrimas do meu amor, os deleites da minha sensibilidade. Quem hade ser? Um estranho, que as não comprehenda, que as não estime?! Quer que metta entre os nossos corações outro coração? Trate-me com dureza, se quizer; mas eu hei de vel-a e hei de amal-a. Este sentimento, em mim, é indestructivel, é irreprimivel. Os votos que fez, conserve-os; o juramento, que deu, sustente-o. O meu amor está fóra d'esse amor da sociedade, vive n'outra região, nutre-se d'outros elementos.

R.

III

Maria Paula ficou confusa e talvez atormentada com as ardentes declarações de Roberto. Leu a carta na sua salinha particular, com a porta fechada por dentro. Que se passaria no seu espirito sonhador?! Enviou as seguintes palavras:

«Cança-me a sua insistencia. Attribue-me qualidades, que não tenho. Se me conhecesse melhor nada d'isto existiria. Vive n'um engano, que poderia ser funesto, se não tivesse de acabar, por ser um idylio, festivo de certo, mas tardio. Escrevo-lhe serena e confiada em que isto não terá seguimento. Peço-lh'o com o meu melhor sorriso, com esse sorriso em que, por uma illusão sua, tanto confiou. De certo, de certo vivemos n'um equivoco. Não sonhe mais.»

IV

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 1 de novembro.

Soffra-me ainda o que lhe vou confessar. Com tristeza lhe digo que, nas suas palavras, encontro certa ironia, que me rebaixa e não mereço. Serei um tonto como Hamlet, quando fallava d'um modo enredado e obscuro?! E' bem possivel que certo estado de aguda sensibilidade me tenha alterado o juizo, por forma a dispertar a sua piedade. Porem, generoso coração, olhe que é cruel e injusta, funestamente injusta. Eu nada pedi, nada solicitei da sua alma divina, senão que me deixasse adormecer dentro d'ella. Será por que hontem descobri o primeiro cabello branco, na minha cabeça de trinta annos, que é tardia esta paixão, este idylio festivo? E' dura para quem tanto a ama; porem, de todas as illusões que o viver tem apagado no meu peito, brotou agora esta flôr de cacto, entre areias estereis. Ainda que tenha de a regar com lagrimas, prometto conserval-a pura e immaculada, para exemplo de infortunios. Tenho-a alimentado na esperança de que acceitaria o noivado espiritual, que lhe offereci. Regeita-o por causa do outro noivado! Poderá esse encher-lhe o existir imaginativo, saciar um coração ancioso, como o seu é, porque os seus olhos não mentem?!... Creio que não. Consulte-se, falle a si mesma

e verá que não. Todos temos duas vidas dentro do nosso corpo; a vida ordinaria, phenomenal e commum, a chamada vida de relações; e a vida mais alevantada, abstracta e intellectual, que raramente com a outra se liga. E' esta, a superior vida de sonho que, com tanta crueldade, me aconselha a extinguir em mim! Não posso fazel-o, sem aniquilar o melhor do meu ser. No estado de hiper-sensibilidade em que me encontro, acredito e sinto que a morte do meu corpo não seria a morte d'este «immenso affecto, que os nossos corações enleia»! Não me recuse a morada no seu pensamento, eu nada quero do seu viver mundanal. Posso resignar-me a não mais lhe escrever, a nunca procurar a sua convivencia, se m'o ordenar; mas o que nunca poderei, é deixar de pensar em si e de trazer sempre, na minha retina, a sua graciosa imagem! Consinta-me, ao menos isto, pois já não conheço outra ventura. E' pedir muito? Talvez, mas seja boa! Lançarei assim alguma sombra sobre a sua virtude? Creio que não; porque a minha contemplação será sempre humilde e respeitosa. Bem sei que, quando a vejo, absorvo com furia, na minha mente, toda a sua bellesa e que roubo ao ar e aos outros olhos as particulas de infinita graça, que generosamente lhes costuma conceder. Mas elles não a apreciam tanto, como eu a góso, porque lhes falta certa faculdade de sentir, só propria do puro amor! E' esta a ambição que desejo saciar e, se m'o consentir, eu serei feliz; pois fóra de si... e de mim nada mais existe.

Por isso, não me humilhe com os seus desdens, não me degrade do seu coração. Olhe que é iniqua, infini-

tamente iniqua, se assim o fizer. Acredite no que lhe vou dizer: O seu corpo, tão gentil, tão gracioso, d'uma ondulação tão simples e caprichosa, não o quero para nada. Admiro-o, adoro-o, como o involucro, o subtil calice que encerra o imponderavel perfume da sua alma. Porem, é a parte que, na sua forma transitoria, pertence á natureza universal, e que, felizes vermes, se encarregarão de restituir á sua origem. Quero só o que me pertence, a parte intimamente individual, a semente d'alma, que fructificará no meu cerebro, aquillo que é proprio de si e não se confunde com particulas de outras existencias creadas. E' o que reclamo do seu amor...

R.

V

De Maria Paula *a* Roberto

Sou muito simples, muito ignorante e não me sei exprimir como desejo: no idylio tardio, referia-me á minha situação especial de mulher casada. Ouça-me agora...

Hontem á noite, antes de me deitar, emquanto esperava meu marido, que só chegou passada a meia noite, encerrei-me no meu oratorio. Não imagina como é lindo o meu oratorio e como eu estou bem n'esse logar sagrado, em companhia das minhas queridas imagens. Dentro d'elle e com ellas tenho vivido deleitosas e confortadoras horas em meditação! Hontem, ajoelhada sob o olhar amantissimo da Virgem, olhar con-

solador em todas as minhas crises, chorei lagrimas, que me vinham do coração. Bem as sentia subir, vinham-me do coração aos olhos. Mas este coração estava sereno e compassivo, batia como nos instantes de maior calma, ou então de grande angustia, quando elle, coitado, não tem tempo, nem grandesa bastante para dar todas as pulsações. Pedi fervorosamente á Virgem que produzisse um milagre, o maior de todos os milagres que lhe tenho pedido, que era obliterar na sua tenaz memoria a minha imagem. Prometti que da minha parte faria todos os esforços, luctaria até morrer, se tanto fosse preciso, para que o mesmo se produzisse em mim. Com ajuda da Virgem decerto o conseguiremos. Para chegar ao fim desejado, se me imposessem o castigo de viver no fundo do mar, escondida dos olhares d'este mundo, acceitaria. Ligue-se commigo no pensamento de nos separarmos, seja bom para quem nunca lhe fez mal, livre-me dos tormentos que já soffro e dos que ameaçam a minha existencia. Não tem direito de trazer a perturbação á minha alma. Restitua-me a paz que eu gosava antes de o conhecer! Por Deus, pela Virgem, deixe-me. Serei toda a minha vida orações, para pedir ao ceu que lhe dê as ventu ras, que merece.

VI

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 5 de novembro.

Não blaspheme! Não peça ás entidades superiores, que formam o mundo da sua fé, milagres barbaros, que não cabem na razão humana, nem mesmo na divina. Deixemos os philosophos discutir, se existem ou não, essas prodigiosas forças, que regulam o curso dos astros e o anceio das almas; para mim tem ellas realidade na sua crença. Venero-as, porque a sua mente as segue n'um caminho sorridente, transformando-lhe as lagrimas em consolação, as tristesas em serena alegria. Mas, por isso mesmo que respeito a sua religião, é que lhe peço que não invoque Deus e os santos, para coisas impossiveis. Mais facil que supprimir o amor, quando elle existe, será transformar em poeira de luz e desapparecerem no seio do infinito, essas miriades de estrellas, que adornam o firmamento, e o proprio grosseiro globo, em que ambos vivemos. Suponha essa desagregação de quanto forma o universo, o seu aniquilamento, se quizer, ficariam ainda as nossas almas livres, podendo, então, amarmo-nos na absoluta independencia dos espaços sem fim! Seria até um noivado sublime e perpetuo!...

Mas não fallemos de coisas irrealisaveis, e não implore loucuras: evite contrariar-se inutilmente, no que

tem de etherea, divina e maravilhosa a sua mente. A Virgem, esperança nossa, não póde sentir contra o amor, força omnipotente, que anima o que existe de material e immaterial. Seria o mesmo que sentir contra si mesma, negar a sua essencia, destruir-se perante o divino favor, que a creou para tão sublime destino. Maria é toda amor, dizem-no os seus livros religiosos. Por isso quando um coração chega a possuir o dom do amor (mas do amor verdadeiro e não do trivial, que é só concupiscencia) Maria, a virgem sublime, auxilia-o e bemdil-o em vez de o diminuir. Para se convencer de que isto é assim, recorde a piedosa e encantadora legenda do nascimento, vida, e final terreno da mãe de Jesus. Ella é sempre o encanto, a estrella da manhã, a torre de marfim, a mãe admiravel desde o seu primeiro vagido n'um silencioso templo da Galiléa, até que subiu aos ceus, arrebatada pelos anjos que a levaram. Qualquer que seja o valor historico d'esta intensa creação, o seu valor symbolico é real, pelo consôlo que dá aos afflictos — afflictos do mal da vida, afflictos das afflicções do sentir. Se, ao contrario do que affirma, não estivesse agitada, no momento em que no seu oratorio levantava os lindos olhos para a celestial imagem, em vez de sorrisos dos beneficentes labios, perceberia antes doce ironia, condemnando a sua inane supplica!

Ame e seja amada! Resuma n'isto a vida. Consinta que eu continue a embeber estes meus olhos nos seus encantos, pois é a formosura ideal, por mim ha tanto tempo presentida. Que esse carinho continue a cahir

sobre mim, como uma benção; n'elle reside uma incomparavel força conciliadora, capaz de juntar almas contrarias. Quando as suas leves palpebras se descerrem, que seja para alentar a minha coragem, firmar a minha fé, accender a esperança d'este coração torturado. As estrellas devem estar em festa, quando as fita com benevolencia; não me roube tambem a mim essa felicidade. E principalmente, não procure oppor-se ao que é inevitavel. O amor é uma lei de attracção universal, que a vontade mais energica não póde revogar. Por isso ame, seja amada, e resuma n'isto toda a sua vida. A Virgem e o proprio Deus hão de bemdizel-a.

R.

VII

De Maria Paula *a* Roberto

Não sou eu que blasphemo, quando procuro submetter os meus actos ás leis divinas. Bem sabe que este amor é um peccado e eu prefiro antes a morte. Estava persuadida que cederia ao sincero voto da minha carta. Porque o não faz?! Eu queria que tudo findasse sem antipathias, nem recusas... A sua tenacidade, mais uma vez lh'o digo, contraria-me e contraria Deus. Vejo que é surdo aos ditames da vontade divina. Pois só d'ella e do favor da Virgem espero perdão, para o que já temos feito. Seja bom e sincero; meça a grandeza da desgraça, para a qual procura guiar os nossos passos. No sagrado tribunal da penitencia, ao

meu confessor terei de dar contas do que a minha consciencia diz ser mau. Sou uma mulher casada, tenho os meus deveres.

VIII

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 7 de novembro.

O seu pequeno e nervoso bilhete demonstra-me que não vive sereno o seu espirito. Eu não disse uma palavra, que podesse contrariar as suas crenças. Basta serem suas e darem-lhe gozo moral, para eu as respeitar e bemdizer. Porém, no meu entender, a religião não consiste sómente na deleitosa e calma associação e convivio celeste de Deus com os seus eleitos. O tremendo Jéhovah dos hebreus, o dormente Mandjoussri das seitas hindus, o amoroso Allah dos arbes, são os representantes da necessidade que o homem tem d'uma força superior e omnipotente, em que assente a sua anciedade, em que se limite a sua imaginação. De todos os representantes na terra d'essa grande idéa, Çakia-Mouni, Mahomet, Jesus, é este ultimo, sem contestação, o mais humano e o mais sublime, aquelle que, vindo á terra, trouxe verdadeiramente Deus no coração e nos labios. Deu-nos o soffrimento como consolação da vida, offereceu-nos o ceu como premio de bondade, apontanos o inferno para a continencia dos nossos instinctos maus. Esta, que é a religião de todos nós, simplificam-

na as almas d'elite, chamando-lhe «a parte ideal da vida humana». Perdoe-me se perturbo com a minha clareza as suas idéas; mas é a definição que o meu espirito acceita. Apresenta-a uma das intelligencias mais lucidas, mais encantadoras, mais poeticas, mais religiosas, benevolentes e ternas de todas que eu conheço — Ernesto Renan. Elle comprehendeu na sua singeleza, na sua bella conformidade e elevação mystica, as almas sublimes que se chamaram Marco Aurelio, Santa Thereza, Fra Angelico, o pobre d'Assis e, finalmente, o divino Jesus, que a todos sobreleva, como o dilecto filho de Deus. Por isso, se quer ser religiosa e não offender a Deus, aperfeiçôe o seu espirito na comprehensão do ideal humano, que é o caminho breve e directo para o ceu. Esse ideal é todo harmonia nas linhas, na luz, nos sons, na conjugação das almas, que incessantemente caminham para o amor.

Falla-me nos seus deveres! Quaes deveres?! os sociaes?! Quem procura distancial-a d'elles? Eu não, que lhe recommendo que seja dedicada companheira d'aquelle a quem materialmente a entregaram, em época em que o seu espirito, por falta de floração, não tinha capacidade de escolha. E' o que acontece a quasi todas as mulheres, no momento actual. Que me diria d'uma altaneira aguia que, logo ao nascer, fosse mettida dentro d'uma gaiola, ahi creada com todos os esmeros e cuidados, crescendo o seu volumoso corpo, alargando-se as suas portentosas azas e á qual, depois de crescida, abrissem generosamente a porta da sua prisão, para que conquistasse a grandeza dos espaços?!

Essa liberdade, que lhe offereciam, era irrisoria e estava tolhida pela educação anterior. Pensa que a indomita ave desferiria immediatamente o seu vôo largo na amplitude infinita? De certo que não: poderia ambicionar o ceu que se arqueia deslumbrador sobre à nossa cabeça; mas ficaria a olhar para a terra, á qual a prendiam as tradições da sua vida. Em vez de aguia, seria uma simples pata; pois desconheceria o poder dos instrumentos com que a natureza a dotara, para ser uma verdadeira aguia. Mas quando a experiencia, excitando-lhe os instinctos naturaes, lhe ensinasse para que serviam as potentes azas, no bello animal acordaria uma força nova, um animo ousado e havia de desferir o magestoso vôo. Querer omnipotente, essa aguia, nunca mais volveria a ser uma pata, e ainda que na lembrança lhe ficassem os meigos carinhos da sua primitiva prisão, não mais procuraria encerrar-se n'ella.

Assim a alma humana! Logo que ella comprehenda que pode aspirar ao illimitado e ao incommensuravel luminoso, julga que se resignará, por condescendencia, a ficar adstricta á terra escura?! Não, decerto. Pode amar a terra, berço da creação; mas hade aspirar ao ceu, fim e repouso das almas.

E' o que me atrevo a aconselhar-lhe. Seja do mundo; mas vôe para onde a leva a sua rica imaginação. Seja esposa dedicada, siga o mundo; mas não atrophie o seu coração, e os infinitos gosos do amor, que n'elle moram escondidos. Seja uma aguia e não se sacrifique a viver entre silvêdos, como o pardal. Satisfaça a todos os deveres convencionaes, mas não restrinja a isso

a sua felicidade, pois seria offender a natureza que lhe distribuiu uma alma calorosa, uma imaginação ardente. Seria uma amputação no immaterial, um crime. Se quizesse escutar a voz do Infinito, ouviria reprehensões; porque o Infinito só ama o que d'elle se approxima, e todo elle é lei de união e amor. Amar e ser amado, é o maior problema da vida humana.

IX

De Maria Paula *a* Roberto

9 de novembro.

Santo Deus! o que pensa de mim, que de coisas tão sublimes! Olhe que sou a pata humilde, o pardal que se esconde nos silvêdos. Essa aguia soberba, a voar pelos espaços, não sou eu, pobre rapariga ha poucos annos sahida d'um convento. E' illusão do seu espirito, imaginação de poeta. Não me conhece, nunca fallou commigo; porque nas aguas, onde nos vimos pela primeira vez, pouco nos demoramos... Quando um dia se aproximar de mim, verá o nada que valho. Sinto magua em desfazer o seu sonho, mas talvez seja o remedio para acabar este devaneio. Conheço-me bem, sou bem pouca coisa; intelligencia vulgar, vivo das idéas e do sentir de toda a gente. A sua phantasia está, a meu respeito, cercada d'um espesso nevoeiro; mas, quando vier o sol, tudo se tornará claro. Sei que

é um homem muito intelligente e instruido ; por isso hade comprehender quanto tem vivido enganado. Enganado por si mesmo, pois foi quem inventou todas essas coisas que diz. Sou nova ; o ser casada dá-me privilegios de mais edade que a que tenho ; mas, quando me encontro com as minhas antigas companheiras de convento, sinto-me creança, por isso ellas me chamam ainda, por brincadeira, a cotovia, nome que vem da poupa que eu usava no penteado. No meio de raparigas solteiras, esqueço-me de que sou casada. A falta de filhos e um marido todo entregue aos seus estudos, fizeram com que eu não mudasse no sentir. Mas conheço, pela religião e pelo que vejo, os meus deveres, e estou bem firme n'elles. A nossa vida interior, pelo que deve ter percebido, é pacata e sempre a mesma. Por fóra goso a vida de sociedade, que muito me entretem ; em casa recebemos pouca gente, só parentes ou intimos. As impressões novas que do mundo recebo desapparecem, e faço esforços para que desappareçam, quando entro na minha salinha, onde está o meu canario, musicas... alguns romances... coisas para distrahir. Já vê que a sua imaginação é fertil em invenções, e que nada, do que diz, existe. Se não, verá, quando me conhecer melhor. Ao contrario do que tenho pensado, desejo que me conheça. Metteu-me mais susto do que me mette esta idéa ; porque tenho a certeza de que depois ficaremos só bons amigos. Julio é d'um *abord* difficil ; mas não é intractavel. Pelo contrario. Procure familiarisar-se com elle, não me opponho, porque vejo n'isso o modo de readquirir a

minha tranquillidade habitual. Pena foi que os poucos dias das *Pedras Salgadas* não fossem sufficientes para nos approximarmos, porque então já estava feito o que se vae fazer. Já vê que lhe não tenho medo como galan, visto que o espero como amigo. Até me dá riso: todas essas flôres raras, com que tem enfeitado uma existencia vulgar, murcharão; a nossa convivencia será um campo natural e alegre de malmequeres e papoulas, como os tenho visto na minha quinta das Azáleas. E hade prometter-me nunca mais semear n'esse campo plantas que entonteçam... apenas alguns goivos, flôr religiosa, e a myosotis, ainda que entre os inglezes seja conhecida por um nome que não lhe convem. Pelo que lhe digo, vê certamente quanto estou senhora de mim. Reformei o meu juizo a seu respeito; já o não temo, nem percebo hoje a razão porque o temia...

M. P.

X

DE ROBERTO *a* MARIA PAULA

Lisboa, 11 de novembro.

Obrigado pela sua deliciosa carta. Abriu-se na minha tristeza uma formosa manhã, vou aproveitar este lindo sol, para me aquecer. Não me teme... principia a ter confiança... oh! ventura suprema! Já a não perturbam as minhas palavras, os meus sentimentos já a não inquietam!... A que bondoso santo deverei este

milagre? Por que o é, um verdadeiro milagre! Principiava a julgal-a rebelde... As suas reservas... as suas recusas... Era lá possivel! Os seus olhos tão meigos, o seu riso formado de caricias... poderiam mentir?! Estou de joelhos, a orar agradecido ao santo ou santa que me protegeu. Só lhe queria saber o nome, para lhe offerecer a minha gratidão.

Decerto lhe não dou novidade no que vou contar: mas é curioso como coincidencia. Ao mesmo tempo que a sua carta vinha em caminho, travava eu relações com seu marido. O nosso convivio era apenas cerimonioso, de pessoas que se conhecem por se encontrarem frequentemente. Diz na sua carta que elle é d'um *abord* difficil e eu sentia isso na realidade. Desconfianças da sociedade, melindres e reservas de temperamento. Mas o acaso, que é o grande inventor, o grande conciliador da vida, desfez n'um momento essas resistencias. Hontem, no Gremio, onde eu e elle nos encontramos frequentemente, a proposito d'uma troca de revistas estrangeiras, encetamos conversa. O assumpto interessava-o: elle viu que eu acabava de ler um artigo nos *Dois mundos*, acerca das escavações dos francezes na Syria, para o estudo da epocha prè-romana. A predilecção que julgou descobrir em mim pela archeologia facilitou a nossa entrada em conversação. Elle conhece muito bem todos esses assumptos, eu sou apenas um curioso de todas as leituras. Porém, acompanhei-o com toda a cortezia, como era meu dever, na esplanação das suas idéas, o que me valeu ser julgado com sympathia um entendido ou, pelo menos, um espirito não

desinteressado n'estas materias. Sahimos juntos e acompanhei-o até casa, pois faço por ahi caminho, como sabe. Quando chegámos á sua porta appareceu casualmente á janella. Viu-nos, cortejei-a, sorriu-nos... mas que sorriso de má! A ponta d'ironia florida, que resaltou d'esses labios e d'esses olhos tão bellos, roçou-me pelo coração. Comprehendi-a completamente, depois que cheguei e li a sua carta. Havia no seu riso o subtil desdem da mulher formosa e amada. Quem, tanto como Maria Paula, poderá ter esse orgulho! Mas eu que a admiro, soffro com as suas zombarias, ainda que sejam leves, pois as tomo como signal depreciador do meu sentir. Visto estarmos em caminho de nos conhecermos melhor e de convivermos, heide obrigal-a a concordar que não mereço as suas maldades... Serão apenas requintes femininos, para se tornar mais attrahente e querida? Talvez. Mas como é divina, mesmo quando magôa!... Gostei muito de seu marido, que levou a gentilesa ao ponto de me convidar para vêr as suas collecções archeologicas. Elle o que ama é a préhistoria, principalmente. O sympathico enthusiasmo, com que se exprime ácerca das coisas d'esse passado remotissimo e conjectural, denuncia alma sensivel de poeta, affastado da vida presente! E' um sonhador de estranhas sombras e desejaria conhecer o famoso troglodyta — o homem selvagem coberto de farto pello, dono de paixões violentas, que lhe sacudiam o corpo membrudo e as exprimia com formidaveis gritos, que se repercutiam nas cavernas e perpassavam depois sobre a superficie das aguas bulhentas... A apreciação

dos instrumentos de pedra enleva-o, recreia-o, torna-o fecundo em supposições e verboso como Cicero. Talvez entenda que o homem, n'esse misero estado de bruto, era menos pernicioso e velhaco do que depois de civilisado, e muita gente haverá que lhe dê razão. Vive, todo em imaginação, sobre essas almas elementares, encontra-lhes interesse e relevo, que nem todos comprehendem. Prestei-lhe a minha respeitosa attenção de homem apenas lido no assumpto; parece-me que elle recebeu com benevolencia e agrado o meu culto pelo seu saber.

Durou bem uma hora a prelecção que lhe ouvi ácerca de dolmens, grutas, monumentos funerarios, e objectos encontrados n'esses abrigos de vivos e mortos. N'essas epochas recuadas, o ente mais que selvagem chamado homem, tinha rudimentar raciocinio, fraca imaginativa, pouca sociabilidade e apenas se suspeita do seu sentir religioso. Na sua obscura existencia era sómente espertado pelo aguilhão da fome e pelo aguilhão do amor.

A fome saciava-a com raizes, com a carne dos inimigos que eram féras, com molluscos que o revolto mar de si cuspia: o amor, um amor cego e bruto, exhibia-o no meio de florestas de grandes arvores, denunciando-o por meio de roncos formidaveis, que se perdiam no espaço immenso. Por certo que os seus delicadissimos ouvidos, só proprios para escutar doces cantos, conhecerão as palavras e acontecimentos barbaros relativos á vida d'esses nossos estupidissimos avós, que se defendiam, com pesados calhaus e tron-

cos d'arvores arrancadas com a raiz, do elephante antigo, do mammouth, do auroch, do rangifer e d'outras creaturas bem pouco amaveis. N'este primeiro e rudimentar periodo da vida social era com instrumentos de silex que se sangrava o inimigo, se cortavam os bifes e tuberculos alimentares, se afeiçoava a madeira, se poliam as joias de ornamentação. Não sei se a encantará muito saber, que a mulher de então era conquistada a golpes de pedra e á paulada. Este é o facto inicial do amor humano, que principiou pelo ciume; mas como seria a creatura já questionada tão encarniçadamente? A um *cavalheiro* rude, musculoso, coberto de pello, sem cultura e sem acceio, deveria corresponder uma *senhora* egualmente inesthética, desgeitosa e barbara como seu caro esposo. Será isto possivel, santo Deus! Então a mulher, o ser ethereo, a graça, a unica grande preoccupação dos artistas, não terá sido sempre, como a viram os esculptores e poetas gregos, os elegantes generaes e oradores romanos e, antes d'elles, os imperadores e reis da Syria, do Egypto, da Persia e de todo o maravilhoso Oriente?! Não posso, não quero acreditar, por mais que m'o digam, que ha exemplos actuaes d'essa fealdade nos selvagens da Polynesia e d'outras partes do globo. A minha imaginação revolta-se contra uma tal blasphemia artistica. Mas emfim, visto que o dizem, admitto que existam exemplares de beldades horrendas entre os habitantes da Africa, da Asia e nas ilhas do Pacifico. Em compensação, a par de muito estafermo, encontram-se nos nossos paradisiacos climas mulheres formosas como deusas... Eu co-

nheço uma, pelo menos. A este respeito antes queria viver no ideal da legenda biblica, antes queria acreditar no paraiso terreal e na existencia d'uma Eva de superior encanto e superior belleza... Não é um absurdo tamanho como se pensa, a sciencia mesmo alguma coisa d'isto entrevê, pois que a differenciação dos sexos, garantindo a força ao homem e a graça á mulher, parece ser phenomeno já presumido no correr da geração. N'esses antros maravilhosos que se chamam laboratorios e gabinetes experimentaes, a poesia ainda pode entrar. A nossa deliciosa companheira, que a bondade divina (n'isto a reconheço) nos deu para consolo das agruras da vida, será sempre o limite e o typo da belleza. E' claro, repito, que me não posso referir a todas as mulheres ; muitas, a maior parte são excluidas ; mas algumas... Eu não posso comprehender como seu marido se pode referir com enthusiasmo á troglodyta felpuda, não posso ! Acho-o incoherente, visto chamar-lhe a sua Galatéa. Que especie de relação encontrará entre essa disformidade grotesca e a adoravel nympha da mythologia grega ? Galatéa, branca como o leite e leve como o ar, é só côr e aroma. Tão bella como a Venus formada de espuma, foram ambas infelizes com os pretendentes que as suas graças concorreram. O horrendo Polyphemo e o não menos horrendo Vulcano, fizeram-nas passar momentos bem difficeis. Ellas desforraram-se depois, no que as louvo incondicionalmente, uma com o zagal ciciliano Acis, outra com o formosissimo Adonis. Esta vida não póde ser formada sómente de coisas desagradaveis...

Adeus. Não se torne a rir de mim. Olhe que o desdem mata o amor. A alma luminosa das mulheres bellas — bem o sei eu! — tem pontos opacos que designam as suas crueldades. Scismam os poetas sobre estas imperfeições; mas concordam em que, se a mulher formosa fôr tambem bôa, uma simples caricia sua tornará a nossa alma completamente translucida. Ah! como eu entregaria o meu vil corpo á tortura, por uma caricia da adorada Maria Paula.

Roberto.

XI

De Maria Paula *a* Roberto

17 de novembro.

Admiro como póde mostrar-se apaixonado e critico ao mesmo tempo! A sua critica ao meu Julio é uma ingratidão; porque elle veio encantado comsigo. Durante o jantar não me fallou d'outra pessoa, da sua boa educação e conversa intelligente. Convidou-o para ver as suas collecções e isso só elle o faz ás pessoas que muito considera.

Vae-me ser apresentado por meu proprio marido; é uma prova da confiança que elle deposita em sua mulher. Adora-me, não pensa senão em mim e na sua archeologia, tendo eu o melhor logar no seu coração. Venha: desappareceram os receios que sentia ao rece-

ber os seus olhares incendiados e cartas inconvenientes. Sou outra; estou armada contra a sua poesia. Isto vae desfazer o equivoco que tem existido. Julio tem mais trinta annos do que eu, e d'ahi esse equivoco. Tenho-o percebido em si, como já o percebera em outros. Nós as mulheres estamos sugeitas a isto. Mas, como uma voz cá dentro me aconselha a confiar na sua lealdade, estou certa do que vae succeder. Até da sua parte espero que reconheça, que não mereço os seus enthusiasmos. Sou mulher como todas, inferior a algumas e só quem me não conheça é que se poderá illudir. Vae achar-me talvez frivola, insignificante e até feia. As suas palavras serão desmentidas, o que a sua imaginação creou vae desfazer-se como a bola de sabão, que as creanças sopram. E o meu sorriso, que tanto gaba, assistirá a tudo isto com a sua expressão natural. Nem podia deixar de ser assim uma rapariga guiada sempre por gente antiga. Aos sete annos entrei no convento; sahi aos desoito, para me casarem pouco tempo depois. As férias passava-as na nossa quinta das Azáleas, entre parentes e intimos. As freiras só me fallavam de grammatica, bordados e resas, principalmente de resas. De modo que hoje, que frequento o mundo, comparandome com outras, reconheço que sou desgeitosa e menos que ellas. O que me vale são as toilettes; se fosse pobre, ninguem faria caso de mim. Minhas tias, boas e santas senhoras, escolheram-me um marido de sua confiança, para administrar a fortuna que me deixaram e tornar-me feliz. Julio tem cumprido estas duas coisas d'uma maneira completa. Já vê que tudo justifica que

eu seja o que sou, uma trivial creatura sem a graça e o espirito, que outras possuem.

Para que a minha vida seja e continue a ser monotona, até concorre a ausencia de filhos. Deverei sentir esta falta? Quando penso no que soffreria se tivesse um filho doente, quando considero quaes seriam, em tal caso, as angustias do meu coração, ás vezes excessivo no sentir, agradeço a Deus esta determinação da sua divina vontade. Podem chamar-me egoista, pódem: se todas as mulheres pensassem assim, acabaria o mundo. Serei destituida do sentimento sublime da maternidade, que engrandeceu a propria Virgem Maria? Não o acredito, antes supponho que esta minha maneira de sentir virá exactamente da falta de um filho para o amar. No meu entender os affectos só apparecem na presença d'aquillo que os deve dispertar. Sou muito pouco philosopha; mas surgir no nosso coração um amor sem objecto, parece-me tolice. Se Deus me der ainda um filho, hei de adoral-o com uma energia superior, hei de sorvel-o com beijos. Desapparecerá este meu estado de indifferença, existirei só para elle e para mais ninguem! Julio, que vive dos meus presumidos encantos e da sua sciencia, é insensivel a tal facto, julgo até que estima em mim esta falta d'um affecto sério. Eu, com a minha sensibilidade que se exalta quando menos se espera, se tivesse um lindo bébé, gordo, rozado, olhos negros, pelle de seda, uma boquinha como um cravo vermelho, duplicaria a minha vida para o amar, havia de enchel-o de todos os mimos imaginaveis.

Agora vejo que lhe estou fazendo confidencias de pessoa intima. Que semsaboria! Não lhe devia mandar esta carta: mas envio-lh'a para que me conheça bem. Concorrerá para se desfazer a nuvem que me cerca. Ella desapparecerá por completo, quando vier a esta casa, que póde ser para a semana. Meu marido quer convidal-o para jantar, no dia em que visite as suas collecções. Não ha que ver, conquistou-m'o.

M. P.

XII

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 5 de novembro, á meia noite.

Como é bella, como é explendida, como é intelligente e como eu a amo! Desde ha uma hora que augmentou extraordinariamente o meu fervor por si. Eu a julgar que estava repleto d'amor, e sinto, a todos os instantes, crescer em mim esta omnipotente idealisação, que me exalta acima de todos os homens. Não havia equivoco, não havia illusão, a não ser no desconhecimento em que vivia de todos os seus primores. A formosura da sua alma reserva-me ainda outros deslumbramentos! Pobres intelligencias que nós somos, e como é desmedido e vão o nosso orgulho de observadores! Cuidamos tudo ter aprendido, quando sabemos muito pouco de tudo. Em vida minha, nunca sonhei poder passar horas tão cheias de encanto, como essas horas d'hoje junto de si! E' estranha e continuada melodia a sua voz,

uma deliciosa caricia o seu olhar, a atmosphera que a cerca reune perfumes nunca sentidos. Abençoada a archeologia de seu marido, que me proporcionou aprecial-a a si, n'um foco de luz hallucinante, que me transportou a mundos d'uma belleza infinita. Não sei o que lhe ouvi, a minha memoria tudo esqueceu, para no meu coração ficar sómente a resonancia dos divinos canticos, que n'este momento escuto e escutarei toda a vida. O alto e magnifico palacio, superior ao das loiras fadas, que eu andava levantando na minha mente, para habitação do meu secreto amor, já rompe com suas agulhas pelas nuvens e irá muito além. E' para guardar o que de si me chegue, seja pensamento, ou sorriso, ou ventura de olhar, pois tudo considero generoso presente de preço inestimavel. Como é insensata e louca! Persuade-se que, por se querer mostrar vulgar, mulher como todas, conseguirá apagar a luz vivificante do seu rosto, o calor da sua alma, a generosa febre do seu coração! São predicados que sahem expontaneos de si, como da féra a braveza e do cordeiro a meiguice. Ao contrario do que pensa, os seus propositos de fingimento exalçam-lhe a graça natural, com toques de simplicidade, que até hoje só em seres imaginarios tem existido. Devia reparar que eu fiquei mudo, quando principiei a escutal-a! E' que as suas palavras, divinisadas pela limpidez da sua expressão, corriam nos meus nervos, suaves e murmuras, como agua de fonte escondida entre aconchegados fetos, lançando-me n'um embebido sonho... Desculpe: era o indicio da minha celestial embriaguez!

Todo eu transbordava de goso, não me cabia no peito o coração, nem o cerebro no craneo. Estes miseros componentes do meu corpo, por tal fórma estavam orgulhosos ao escutal-a. que pretentiam quebrar as suas mofinas cadeias. Todo o espirito que me attribuem, todo o saber de que me julgam ungido, toda a força de vontade de que tenho dado sobejas provas... o que valem deante de tanta graça?! Tudo isto é tosco bloco de granito, em face d'outro bloco formado de luz! Qual é mais precioso?! Estupida questão: a luz foi sempre a representante das coisas ethereas e sublimes, sem ella não haveria mundo, nem apreciariamos a summa belleza das mulheres formosas...

Que diria eu em resposta ao que lhe ouvi!? Um punhado de necedades, por certo. Ignoro o que se passou, varreu-se-me tudo da lembrança, sentindo-me agora impregnado d'um bem estar sublime, como nunca experimentei. O delicioso favor de ficarmos sós na liberdade das nossas almas, devo-o tambem á bemdita prèhistoria. A chegada do amigo de seu marido com o objecto de cobre, que tinha encontrado em escavações recentes, foi a nossa salvaguarda. E' encantadora, cheia de pittoresco e imprevisto, a epocha dos metaes... Hei de affirmal-o sempre. Seu marido não pensou mais no seu hospede, para só se entregar ao exame da rara descoberta. Então é que Maria Paula principiou a tornar-se menos agradavel. Querer fingir de trivial, quem no espirito tem o melhor de todos os encantos, que formam a belleza! Accumulava palavras e idéas vulgares, para me distrahir de si. Percebendo lhe a si-

mulação, não lh'a consenti, e depois que se conheceu descoberta, entrou francamente na sua divindade e foi então que se gerou no meu cerebro esta commovedora resonancia, que em mim vibra. Não se amesquinhe com fingimentos! O calor nunca poderá ser gelo, a luz nunca poderá ser treva, o perfume hade ser sempre perfume. Nem a vontade do Omnipotente póde mudar a essencia das coisas. Um leão, por mais que se agache, nunca fingirá de lebreu! Para o meu amor são inuteis esses artificios; elle descobre por si a verdade, entra-lhe na alma e escuta-a. Seja sincera, expontanea, e ame-me, que bem lh'o mereço.

Tenho escripto com o sangue das veias do cerebro. Ainda ha bem pouco a tinha perto de mim e vivia da sua irradiação. N'esse momento eu estava febril; mas agora sinto-me penetrado de dolente calma. Será o mysterioso silencio da noite, será este amoravel luar entrando pela minha janella, que assim me levam para a meditação? Meditar é o estado muito especial do nosso ser, em que as idéas adejam sobre a mente, como o reflexo das estrellas sobre a superficie d'um lago. Ha imperceptivel ondulação, as idéas, como as chispas da luz, approximam-se de mil modos, sem nunca se tocarem. Parece que vão seguir linhas divergentes, curvas insensatas; mas juntam-se de novo, voltam ao ponto de partida, para retomarem o incerto fadario.

O objecto da minha meditação foi hoje, como sempre, a sua formosura moral, que brilha explendida no seu explendido semblante. Não tenho outro thema, não sei mais nada. Sob a minha janella estende-se um chão

cinzento de telhados. A noite está serena e muda; mas o silencio tem suas vozes para os doridos do mal de amor. Divago por caminhos que me separam de si; mas para si torno. O que se passará por baixo d'esses telhados, que cobrem subterraneos de almas?! Dores? Alegrias? Saudades? Desesperos? N'um ponto será a ferida do amor incomprehendido, n'outro o desespero da viuvez; alem talvez o crime e a perversidade! Quem sabe se aquella luz distante alumiará quaesquer noivos, que n'este momento comecem a loucura da felicidade! E' isto a vida? E' isto, até mais do que isto a vida terrena, a das angustias e dos prazeres; mas ha outra vida, a da imaginação, em que todas essas coisas se realisam por forma differente. São vidas parallelas e reaes; mas a realidade na imaginação torna a vida mais intensa, torna-a mais vida. Soffre-se mais e gosa-se mais. Pense, querida, que a seu respeito eu vivo pela imaginação. A minha alma anda agora fluctuando sobre o longinquo tecto, que abriga o seu delicioso somno. Em frente da minha janella, amplamente aberta, os meus olhos materiaes guiam-me a alma para chegar até si, por um calculo que é adivinhação. Como móra para os lados do mar, o sussurro das aguas é o meu guia, serve-me para a encontrar. Esta ligeira brisa que me bole nos cabellos, talvez primeiro beijasse a sua face angelica. Quem sabe, talvez ella me traga um pouco do seu delicioso perfume. Pensa em mim quando está acordada? sonha comigo quando dorme? Estou convencido que sim. Não o negue, com esse deshumano

proposito de me afastar. Não é possivel que duas almas como as nossas, uma vez em convivio, possam separar-se sem levarem qualquer coisa uma da outra. Essas essencias imponderaveis, o que se traz e o que se deixa, é que despertam a nossa memoria. A recordação d'uma pessoa não é mais do que permanencia no nosso cerebro de elementos ou modalidades consonantes com outras da alma evocada. A sciencia ainda o não definiu assim; mas dil-o o coração, que em certos estados de sensibilidade hypèraguda, deve ter valor testemunhal. Eu julgo ter deixado alguma coisa da minha alma na sua alma; por isso affirmo que pensará em mim. Seria grata a impressão que lhe deixei? Seria de irremediavel. anthipathia?! Ah! que, se o fôr, nunca a injustiça se manifestou com maior crueldade, porque este amor que lhe consagro não tem equivalente na terra.

Roberto.

XIII

De Maria Paula *a* Roberto

28 de Novembro.

Como esteve inconveniente hontem no D. Amelia! Parece querer tornar publicos sentimentos que me tem jurado desejar esconder de toda a gente, para viverem só no seu coração. Esse delicado pudor confesso que o engrandecia a meus olhos: não é um acto

de orgulho e vaidade, dizia eu commigo. Mas hontem, santo Deus! não tirava os olhos do camarote, o que me obrigou a preferir sempre o logar d'onde peior nos viamos. A' minha amiga Lucinda do Amaral, que me tinha convidado, não passou o caso despercebido. Como todas as mulheres muito experientes e habituadas a terem côrte, adivinhou logo o que poderia haver. Da sua parte, entende-se; porque da minha nada tinha que adivinhar. Com o geito que ella tem de piscar os olhos, quando quer ver melhor, seguiu-o toda a noite; fallou-me diversas vezes de si e pediu-me para lh'o apresentar na primeira occasião. Se elle já me conhecesse — acrescentou com malicia — podia vir fazer-nos a sua visita e teriamos optima conversa. Conservei-me quasi indifferente, mas não consegui enganal-a. Hoje, ás tres horas da tarde, pensava em me preparar para sahir de carruagem, e entra ella na minha salinha atirando logo este disparate: Roberto de Magalhães faz-te a côrte!

Eu não sou velha, não sou conhecedora das ciladas do mundo, nem esperta; mas sou mulher. Como estava prevenida, porque vi que ella pensara durante o espectaculo n'isto, respondi-lhe: Tambem já notei que olha para mim. Um passatempo que pouco durará...

Fitou-me com certa malicia aconselhando-me: Acceita; é um rapaz muito elegante e espirituoso, segundo dizem. Porque não terá elle procurado a minha casa? Apresenta-m'o quinta feira, se elle fôr ao *tea* da Paraizo. Respondi-lhe: Elle pediu-me a mesma coisa quan-

do jantou comnosco, no dia em que foi ver as collecções de Julio. Quanto a acceitar-lhe a côrte, sabes que não tenho geito para *flirts.*

Lucinda ainda se demorou mais de uma hora e sahimos juntas. Na nossa conversação de intimas, o nome de Roberto appareceu mais de uma vez, trazido sempre por ella, já se entende. Logo que eu o apresente terá immensos convites para jantar, para a partida dos sabbados, para o *tea* das terças, para as soirées intimas, para o grande baile, que ella dá todos os annos. Lucinda é, como sabe, toda sociedade, o marido um verdadeiro homem do mundo, muito differente do meu, que só deseja viver entre os seus cacos, pedaços de pedra — objectos cheios de verdete e de ferrugem!... Essas ninharias são para elle coisas preciosas e não lhe offereçam joias em troca, que as não acceitará! E' bondoso e inoffensivo, deixal-o divertir-se. Eu gosto d'elle assim, estou habituada...

Admittida essa sua loucura, como um facto inevitavel, posto que eu o continue a considerar passageiro, pareceu-me melhor não negar. Mostrei que o seu proceder não tinha o meu consentimento, (posto que o não contradiga com sufficiente energia, como era meu dever). Ainda me fio em que o tempo tudo desfará; conservo-me serena e esperançada em que o juizo lhe hade vir com a reflexão, pois concordo que isto não é possivel continuar. Contei a Lucinda algumas coisas passadas: a sua assiduidade em me procurar em publico, palavras aduladoras a que não dei importancia, nas duas conversas que já tivemos. E' claro que lhe oc-

cultei a nossa correspondencia. Poderia eu confessar um tamanho disparate!? Nem por sombras! Se ella adivinhasse que nos escreviamos, pensaria de mim coisas monstruosas, architectaria dramas e tragedias! E' de muita imaginação e mulher intelligentissima. Coisa muito differente de mim, como terá occasião de ver... Com esta meia franqueza conquistei-lhe a benevolencia. A conversa continuou affectuosissima e ella foi de tamanha tolerancia, que chegou a dizer-me que não esmagasse com uma recusa as suas declarações. Olhem o conselho! Guarde-o para ella. Parece que tem uma grande inclinação por si, apesar de ainda o não conhecer pessoalmente. Pois lá se avenham. Lembro-lhe que melhor fará, se me deixar na minha obscura tranquilidade e tentar a fortuna de Lucinda. É mulher elegantissima e muito gabada; todos a reconhecem como espirituosa. Vejo-a muito enthusiasmada comsigo. Volte-se para ella, que talvez seja feliz. Ouvirei contar o que se passa, seguirei essa linda aventura com interesse. Eu cá do meu cantinho, com um livro sobre os joelhos, o angora no regaço, o canario a cantar, applaudirei, creia.

Para não ser encontrada em pouca lealdade por uma amiga, contei a Lucinda como esta sua côrte começou, affiançando-lhe, que durará pouco tempo. Gostaria da minha figura *mignonne*?... Talvez fosse apreciador de toilettes vindas de Paris. Os meus cabellos pretos, as minhas joias, os meus olhos... essas pequenas coisas, que prendem momentaneamente os homens elegantes, talvez lhe agradassem. Sou nova e não sou triste,

o que não admira, pois não tenho tido desgostos e possuo um marido amantissimo, carinhoso, e muito pouco maçador. Faço o que quero e como quero. Casada, tenho mais mimo do que tinha em solteira. Não devo ser agradecida a Deus, por toda esta felicidade d'uma vida socegada? Devo e sou-o. Lucinda concordou commigo em que as declarações, mais ou menos aduladoras, dos homens elegantes, são coisas triviaes e passageiras como o sol e a chuva; e que nós, as mulheres de sociedade, andamos sujeitas a ouvil-as como os camponezes, que cultivam searas e vinhas, andam sujeitos a boas e más colheitas. Quando estou nas Azáleas tenho visto que, da manhã para a tarde, depois d'uma trovoada, o ceu se torna azul e lindo, voltando tudo ao que era. Assim, nas coisas do coração: os amores passam, a gente fica triste, mas depois esquece e consola-se. O melhor em todo o caso é não experimentar.

Lucinda e eu concordamos em deixar correr este seu *flirt*, insistindo ella em que eu lh'o devia animar, no que me não pareceu absolutamente sincera. Em quanto me ouvia, dava nos seus lindos dentes repetidas e leves pancadas com o leque de tartaruga... Este significativo *tic* é um tanto suspeito nas mulheres, principalmente na minha amiga, que o acompanhava do seu franzir de palpebras para ver melhor... Gostará ella de si?!...

Não tenho nada com isso. Pensemos em não perturbar as nossas almas com sentimentos turbulentos, diziam-me no convento. Separemo-nos do amor, que é flôr cheia de espinhos. Reconquistei, como hade ter

percebido, a calma habitual da minha alma. Por que não faz o mesmo? Comecemos hoje a nossa correspondencia de bons amigos. Para que me hade escrever cartas cheias de loucuras e não cartas serenas e sensatas como eu desejaria receber de si?!

M. P.

XIV

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 30 de Novembro.

Como é extraordinaria a sua carta! Desanimadora e confiante ao mesmo tempo! E' a representativa da sua imaginação, sempre imprevista. Rica natureza de poeta, nervos que, por muito sentirem, só acolhem impressões fugazes. Constantemente mudavel!... Os seus olhos confessam-me terno amor, os seus labios desmentem-no. A sua linda bocca tem sorrisos que me incendeiam a mente, as suas cartas pretendem apagar esse incendio! E aconselha-me que reconquiste a calma necessaria! Como poderei conseguil-o n'esta constante fluctuação, morando dentro de mim a esperança e o desespero?! Confesso-lhe que n'este curto espaço d'um mez, tenho tido horas tão amargas, que já formulei a hypothese de a não amar! Mas isso é crudelissimo — grita logo em mim uma grande voz! O meu coração revolta-se contra o desvairado proposito. Sinto tormentos, maldições; cegam-me fumos infernaes; fóra de mim clamam vozes imprecativas; o negro e mau pen-

samento é expulso do meu cerebro, no meio das maldições de todo o meu ser affectivo. Não faz idéa do que é a minha alma e do grande enthusiasmo que ella sente por si. Não posso deixar de a amar; esta é hoje a razão fundamental do meu existir. A sua doce e despreoccupada mocidade, o seu olhar tão captivante, o seu riso composto de petalas de cravos vermelhos, a linha do seu corpo, ondeante como um murmurio... formam o typo da ideal belleza, que se me prendeu á mente, enleando-a e sujeitando-o n'uma deleitosa escravidão. Tirar isto de mim, é impossivel, bem o sabe. Morreria o meu corpo e ficaria sem destino o meu pensamento, que vive fundido na minha sensibilidade. Reconheço que não posso deixar de a amar. Emquanto n'este coração houver alento de vida, a sua carinhosa imagem hade ter em mim culto! Se morrer, morrerá essa imagem? acabará esse culto? As minhas idéas têm sido que fóra de nós nada existe; mas, depois que a encontrei, revolto-me contra a possibilidade d'um aniquilamento completo, que represente libertação sem consciencia. Isso repugna-me hoje. Se não tenho direito de estrangular as aspirações elevadas da minha imaginação, se acredito que ellas terão um destino superior, ahi está o fundamento da minha repugnancia. E' este um dos argumentos conhecidos para se affirmar a vida suprema da nossa alma alem da morte e a existencia d'essa grande energia potencial que se chama Deus!

Isso que me propõe de acabarmos com este amor para não soffrermos não o julgo sincero, por ser egoismo incompativel com a formosura do seu coração. Por

mim fallo: o mal que me tem trazido este immenso affecto, é bem menor do que o goso por elle gerado. Apesar dos meus tormentos, vindos das incertezas em que as suas desegualdades me têm lançado, confesso que me sinto de ganho. Que momentos de incomparavel prazer tenho tido! São noites luarentas de esperança, em que o meu ser se engrandece e amplifica até ao infinito! São bellas horas de anhelo, em que a minha sensibilidade irradia n'uma atmosphera de luz e perfumes, tomando orgulhosamente conta de toda a grandesa do ceu! Não ha ponto sonhado pelos poetas, ou habitado por atomo palpitante de vida, que não fique sob a minha vassalagem n'esses instantes. Todas as energias occultas da natureza o amante conhece; porque todas cabem na pequenina cellula do nosso cerebro, onde se gerou a aspiração do amor. Aquelle que um dia gosou isto, pode desafiar contrariedades subjacentes, o infimo mal da perversidade humana, a mesquinhez das convenções sociaes; porque tudo lhe fica inferior e para elle não terá poder, nem sentido. Orgulho-me de ser d'esses eleitos. Dentro de mim ha um mundo grandioso, onde não chegam as settas, os ataques de mãos sceleradas. Reconquistar a calma do meu espirito, renunciando ao bello sentimento que assim o tem ennobrecido, isso não; pois equivaleria a buscar a vida na morte. Nem posso acreditar no ironico alvitre da sua carta, tão bem semeada de reticencias, aconselhando-me que dirija a côrte que lhe faço, para a sua amiga L. tenha o proposito de ser seguido. Apesar d'isso, julgo-me melindrado, pois me faz perceber que me con-

sidera um exemplar d'essa especie abominavel dos *conquistadores*. Por caridade não me torne a dizer coisas d'essas. Póde não querer amar-me e ter desejos de me afastar da poderosa influencia da sua graça. Porém, ao menos não me prohiba de me aquecer ao sol da sua alma radiosa e moça! Seria uma falta de misericordia, uma crueza impropria de si. Não receie imprudencias da minha parte. Não sou creança, respeito-a muito e tenho como norma segura do meu proceder, não lhe acarretar sobre a existencia feliz, males que lh'a tornem desditosa. Tenha confiança em mim, que sou por temperamento e, mais ainda, por vontade, um homem reflectido. Julgue muio embora (e julgará bem) louca a minha paixão; tenha como desvario este meu ardente enthusiasmo; porém, os meus trinta annos devem ser garantia contra impetos de rapaz. Inquieta-me pouco a perspicacia da sua amiga L. como lhe não aprecio bastante os encantos. Conheço o marido, que é homem de bom tracto. Se me quizerem dar a honra de me chamar ao circulo das suas relações, muito me lisongearão. Ficarei assim mais perto de si. Bem sabe que viver na sua atmosphera pessoal é um dos mais fervidos desejos do meu coração. Seja, querendo, dura para commigo; mas consinta-me que eu respire o mesmo ar que respira, que veja com os meus olhos os quadros de paisagem, que a enamoram; que escute os murmurios da brisa, ou as musicas dos grandes mestres, que os seus ouvidos escutarem. O meu goso será maior e mais completo que o seu, bem sei, mas nada lhe roubo do que lhe pertence. A divina chamma (deixe-me ter este or-

gulho), viverá em mim, irradiará de mim; mas, quem sabe se um dia ella não aquecerá essa frieza?! Vê que a minha submissão é completa: quero amal-a, sem ser amado. Não me repulse. Desculpe a amargura d'esta carta, mas eu não posso estar alegre. Sou uma misera planta coberta por uma grossa nevada: terei ainda alento, o meu corpo resistirá, até que chegue o degelo da primavera?! Não me condemne porque a ventura levou um dia os meus olhos a encontrarem os seus e a contemplarem n'elles o quadro mais maravilhoso da terra. Foram incautos? Seriam; mas fizeram-no sem malicia, creia. Toda a vida está cheia d'estes acasos, que a fé, nos corações ingenuos, pretende attribuir a uma desconhecida e poderosissima energia, chamada destino. Eu, no estado d'alma em que me encontro, não sei o que é, mas desejaria muito ter a crença das almas ingenuas para acreditar que uma admiravel força, omnipotente como um Deus, nos impellia um para o outro. E' verdade que certas condições accidentaes nos revelam, por vezes, phenomenos maravilhosos. Ha na Syria, nos logares mysticos da Syria, o encantador cyclamen, que enfeita as vertentes sagradas do Libano e as margens dos lagos azues da Judea. Concorre para o tom mysterioso d'essa paisagem triste e deleitosa, propria para chorar os deuses mortos, no dizer d'um supremo escriptor (Renan). Como encontre terra grata ao seu desenvolvimento e o mesmo maravilhoso sol, que aqueceu o coração de Jesus e de Maria de Magdala, o cyclamen desabrocha em tão formosas côres, que os visitantes das religiosas paragens da an-

tiga e poetica Palestina, ficam surprehendidos! Pois entre nós é flor de menor preço. O mesmo se dá com a planta do amor. Nasce, cresce, desabrocha explendida, se encontra terra favoravel e sol que a anime. Se não encontra, definha; se não morre, é porque existe um coração que a guarde em potencia, até chegar o momento em que desabotôe em brilhantes petalas. Maria Paula, seja a terra syriaca e o sol galileu para a recatada planta que esmorece na minha alma...

Roberto.

XV

De Maria Paula *a* Roberto

5 de Dezembro, meia noite.

Meu Deus! meu bom Deus, valei-me! Dae-me coragem e valor para de mim afastar as grandes infelicidades, que estão imminentes sobre o meu destino! Diz-me isto uma mysteriosa voz, que em toda a parte e a todos os momentos percebo. Essa voz afflictiva, ás vezes parece sahir da minha garganta: será o echo dos meus pensamentos e o murmurio das minhas maguas?! Fico esquecida, quasi sem acção, sentada no meu *fauteuil*, mergulhada n'um denso nevoeiro, que significará a tristesa da minha alma! Desejo então nunca mais o vêr, nem receber cartas suas, nem ouvir fallar de si. Queria que me dissessem que tinha partido para uma

longa e demorada viagem, d'onde só voltaria ao fim de muitos annos, quando todos os meus cabellos fossem brancos, as rugas me enchessem a cara, os meus olhos e os labios descórados não pudessem chorar nem rir. Era a paz, o esquecimento talvez, a melancolica tristesa dos que são verdadeiramente felizes. Sentiria n'este afastamento o silencio do coração, que é o supremo allivio! E se a morte viesse agora tolher todo o meu corpo; se ella, a doce amiga, me alcançasse n'estes meus vinte e tres annos, levaria nas suas azas o começo d'uma grande desventura, talvez para regiões onde a felicidade será verdadeira. Haverá uma felicidade verdadeira?!...

Que de lagrimas não chorei ao ler a sua carta! E' uma dura e vehemente queixa, ao mesmo tempo que uma apaixonada supplica! Porque é que o destino não havia de fazer que eu o conhecesse cinco annos antes?! Então era ainda livre e poderia offerecer-lhe um coração limpo, alegre e moço. Agora não: é tarde, muito tarde! Sinto, reconheço que lhe não posso dar aquillo que a sua calorosa mente deseja, que é uma alma immaculada como a neve... O mundo... as circumstancias... tornaram-me coisa differente do que fui e que já não posso tornar a ser. Se pudesse, offerecer-lhe-hia isso que fui. O que sou não vale a pena, não vale esse seu enthusiasmo, que apesar de tudo me perturba o coração. A nossa ventura, que entrevê em sonhos, é uma ventura que falhou. Querer conquistar um bem impossivel, é crear um mal irremediavel. Não devemos pensar n'isso; antes com infinitos

esforços devemos afastar de nós a catastrophe. Abro-lhe hoje a minha alma toda: sinto-me ditosa pensando em si. Vejo-o, mesmo durante a escura noite, n'uma luz tão celestial, que para mim, a sua imagem, não se póde despegar da minha vista. Na meia sombra do dia atravez das cortinas da saleta, o livro e o meu angora no regaço, a cabeça repousada, as palpebras unidas n'uma preguiça dôce... se a imaginação principia a vaguear, ao fim de todos os caminhos por onde vou, encontro sempre a mesma representação. Sem querer, evoco aquelle primeiro e unico minuto, quando os meus olhos se fundiram nos seus, por fórma que nunca mais tiveram liberdade de viver sós. Foi sob uma acacia da recatada rua d'um parque, onde começou o nosso sonhado paraiso! Eu scismava em qualquer coisa, estava em estado de ausencia feliz, não via nem escutava: e, talvez acordada pelo rumor da brisa passando nas arvores, descerrei incautamente as palpebras e encontrei a fixidez do seu olhar incendiado! Parecia o olhar d'um louco, parecia o olhar d'um assassino; mas era, ao mesmo tempo, um olhar de carinho e de louvor incomparaveis! Envolveu-me deliciosamente. Nunca mais sentirei essa primeira sensação de mêdo e goso, que me deixou os nervos n'uma indolencia carinhosa. Conjecturei que estaria ali havia tempo, n'essa especie de contemplação que me perturbou. Porque me perturbaria só n'esse momento, quando já nos tinhamos encontrado mais vezes, cruzando pensamentos incaracteristicos de pessoas indifferentes?! E' singular que só então o sangue me fervesse no coração, a ponto de

me escaldar a face de pudor. Pareceu-me que havia dentro em mim alguma coisa de prohibido, que o seu intenso olhar estivesse analysando. Confesso que não sabia que estivesse ali... N'esse instante encontrava-me eu a pensar no vago, percorrendo sitios ao acaso, sem me poder fixar... Se n'aquellas circumstancias a morte me levasse, a minha alma voaria para o céu. A minha consciencia estava n'essa feliz quietação que não accusa o mal. Como teria sido misericordioso o bom Deus, se me chamasse para si, em tal momento!... Roberto fez mal em revolver com o seu olhar agudo a minha alma simples e tranquilla! Ha realmente casos em que parece ser o *inimigo* que dirige as nossas acções. Se nos não tivessemos encontrado ali, por mera casualidade, nada do que hoje existe entre nós, existiria. Porque me não deixaria eu ficar n'essa tarde no meu quarto, como de costume?...

Surprehendo-me a fallar d'um acontecimento que me proponho esquecer. Deveria rasgar esta carta em bocadinhos do tamanho das lettras com que a escrevi. Mas as suas insistentes supplicas esperam de mim alguma coisa, que não tenho energia para lhe recusar. Elle ahi parte, esse papel infeliz; mas jure-me que, depois de lêr as coisas insensatas que n'elle vão, o destruirá, o queimará como merece. Fui imprudente no que lhe confesso e já estou arrependida. Seja, porém, generoso, rasgue e queime esta carta. Faço-lhe confidencias que nunca deviam sahir do meu coração; mas tome-as como palavras ao vento, destrua e queime este papel. Espero-o da sua lealdade.

Vae receber, por estes dias, convite de Lucinda do Amaral para um jantar de ceremonia, a que nós tambem iremos. Eu não lhe dizia que depois de apresentado... Qual será a idéa d'ella? E' a mais intima das minhas amigas... Nós, as mulheres, somos, ás vezes, verdadeiramente incomprehensiveis... Eu não devia ter acceitado... Era-me facil arranjar um pretexto... Vivo n'um constante receio de tudo...

M. Paula.

XVI

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 8 de Dezembro.

Muito obrigado: o meu coração ajoelha deante de si para lhe agradecer a sua deliciosa carta. Beijo fervoroso a bemdita mão, que escreveu palavras de tanto conforto! Eu mereço-lh'as, creia. Nunca a sua alma divina teve impulso de tamanha justiça, como este de me recompensar das minhas tribulações. Hoje sei que me ama; ainda que o negue mais uma vez, não ouvirei as suas palavras. Já tenho onde guardar a minha felicidade. Bastou um grão d'areia da sua confissão, para encher o profundo alicerce do sumptuoso palacio.

Não inutilisarei o inapreciavel papel, em que as magicas declarações foram escriptas. N'elle está o cantico

dos canticos d'esta deliciosa ventura, que me exalta. Como poderia eu commetter tamanho sacrilegio! Se mão criminosa por qualquer modo abominavel, me roubasse esta carta e a reduzisse a cinzas, como me pede que faça, essas cinzas juntal-as-hia n'um escapulario, que traria toda a vida pendente sobre o meu peito. Ninguem fóra de mim (nem Maria Paula!) tem hoje direito sobre joia de tão raro valor! Eu sou o seu unico e orgulhoso dono. Conserval-a-hei guardada n'um cofre de sandalo e hei de relel-a todos os dias. Reconfortar-me-ha nas horas d'amargura, que ainda as hei de ter fartas. Porém as feridas, que me vierem do amor, cural-as-hei com o mesmo amor. E esta carta, por ser a primeira em que me abre claramente o seu coração, servirá de balsamo para pensar essas feridas. Por isso, em vez de a aniquilar, guardo-a como amuleto contra a maldade dos homens, quando elles queiram inquietar a minha existencia moral. Obrigado. Beijo commovido a bemdita mão, que escreveu palavras de tanto conforto.

....

....

....

O convite da sua amiga L. acabo de o receber n'este instante e é para hoje. Veio mais depressa do que a sua carta me annunciava. Até logo. O infinito prazer de estar comsigo d'aqui a horas, perturbou por tal fórma a corrente das minhas idéas, que não posso continuar. Antes assim, attendendo ao motivo. Vamos a vêr qual será a intenção de L. com este convite.

Diz-me voz secreta que não é má. Considero-a apenas uma pessoa amavel, mulher de sociedade, que se julga obrigada a preparar bellos encontros... Ainda bem. Até logo.

Roberto.

XVII

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 9 de Dezembro.

Deliciosa a noite de hontem! Viu como L. foi gentil e captivante? E então discreta?! E' por força uma mulher intelligente e de muita experiencia. Principio a tel-a em grande conta, como pessoa de tacto e coração. As suas apprehensões devem estar desvanecidas. Ambos lhe devemos reconhecimento. Eu devo-lhe mais do que isso, pois me proporcionou horas d'um encanto deleitoso. Veja como ella foi boa e como é conhecedora dos segredos das almas e dos habitos sociaes. A' mesa collocou-nos em logares dos mais favoraveis, para nos contemplarmos sem esforço e fallarmos com naturalidade. Todos estavam de bom humor, foi uma festa muito agradavel, sobretudo depois que á noite chegou mais gente. Até seu marido pensou muito menos na curiosa epoca palëolíthica e na, não menos interessante, do bronze. Nunca o vi tão communicativo

e conversador. Distinguiu-me com muitas amabilidades que lhe retribuí.

A maior de todas, porém, foi ir para a mesa do boston e deixar-me livre a sua deliciosa conversação, que me encheu de ventura. Aproveitámos esse tempo em esvasear os nossos corações e a dona da casa, que nos não perdeu de vista, sorria-se. E' maliciosa e alma complicada, reconheço-o. Quando seu marido se levantava da mesa do jogo e nos vinha interromper, ella nunca deixava de o acompanhar com os olhos. Os seus excessivos escrupulos obrigaram-me a ir conversar com outras senhoras. Mas com que má vontade lhe obedecia! O que valia era deixar-lhe nas mãos o meu coração! Tratou-m'o sempre bem, porque o sinto hoje contente.

Todo o amante tem no fundo do seu ser um pouco de selvagem e de rebelde. Preciso de educar os meus nervos para festejar em seu marido, quando se approximar de nós. Devo reconhecer que elle vem armado de todos os direitos sociaes e que eu não tenho nenhuns. Para affirmar a minha vassalagem, prometto arranjar-lhe alguma coisa de muito interessante para o seu museu archeologico. Tenho um amigo, grande colleccionador, que me ajudará n'esta delicada empreza. Gosto immenso de o vêr enlevado na apreciação artistica e philosophica das coisas do passado, em quanto eu contemplo as perfeições e encantos do presente! A minha admiração por si não tem limites, augmenta todos os dias de intensidade. Esta ancia do peito diz-me que nunca haverá termo n'isto.

Pela segunda vez me reconheço incapaz de repetir o que dissemos. Quando o coração falla, o cerebro está ausente e a memoria vulgar é uma faculdade inutil para taes situações. A melhor reminiscencia não é a das palavras, é a do sentir. Esta commoção immensa, em que vivo fóra da sua presença, é a minha grande memoria. Estou sempre cheio dos seus olhares, dos seus sorrisos, dos seus perfumes, da sua voz e dos seus gestos. Levanto-a perante mim, como uma formosissima imagem cheia de movimento e de vida. O sentimento do amor vem ao meu peito em ondas fortes e levantadas, que parecem ondas de mar. Essas vagas, ou crescem rumorosas contra as paredes do peito e depois se desfazem dolentes em brandos leitos de espuma, ou recuam desesperadas, tendo batido nos obstaculos, impassiveis e duros, da má vontade alheia. Na glorificação ou na furia reside o immenso cantico ou a immensa dôr. Os amantes felizes só escutam córos d'anjos, os desditosos ouvem imprecações infernaes. E' pobre a minha linguagem para exprimir a grandeza d'este affecto, mas ainda os poetas não inventaram outra mais clara e rica, que então tel-a-hia eu aprendido. Porém reconheço que tudo está em relação: o homem primitivo, rude e violento, como a natureza que o cercava, exprimiria a sua paixão por formidaveis gritos, que enchiam a terra socegada e o mar tempestuoso; os ingenuos amantes de Anachreonte e de Virgilio davam suspiros brandos nos bosques deliciosos da Attica e da Ombria; nós, os corações d'agora, nas salas e nos theatros, reprimimos o nosso sentir sob sorrisos con-

trafeitos e dizemos palavras ambiguas. A sociedade moderna está manietada pelo progressivo aperfeiçoamento dos seus meios de cultura, quer nas idéas, quer nos sentimentos, e a linguagem mostra-se receiosa e complexa como essa cultura e representa-a legitimamente. Que poderão fazer os que sentem, como eu, no peito um indomavel amor quasi selvagem?! O meu desejo seria romper furiosamente os liames das convenções sociaes, apregoar a independencia do coração, investir contra os preconceitos... E depois? Viver feliz ou succumbir. Teremos força e coragem para um acto de tamanha rebeldia, ou deveremos gosar a nossa ventura atravez da alta muralha de leis, costumes, prejuizos e policiamentos de toda a ordem?

Roberto.

XVIII

De Julio Maldonado *a* Roberto de Magalhães

Lisboa, 2 de Janeiro de 19...

Meu bom amigo.

Como é interessante e bem escolhido o presente de boas festas, que me enviou e me apresso a agradecer-lhe. A leitura da sua carta despertou em mim enorme curiosidade. Como enamorado rapaz, que obtivesse da sua noiva uma lembrança de nupcias, abri com tanta precipitação a caixinha recebida, que até provoquei o

riso da minha mulher. Fiquei verdadeiramente atonito de prazer á vista dos objectos, que são verdadeíras raridades. Não tive ainda tempo de proceder a qualquer estudo de classificação; mas já lhe posso assegurar que são bellos exemplares.

Como os obteve e onde foram encontrados? Isso é indispensavel saber-se com todos os pormenores. Não sendo o meu amigo archeologo, no que faz muito mal, porque não imagina os prazeres que esta admiravel sciencia nos dá, alguem lhe forneceu taes documentos da civilisação primitiva. Quem é esse alguem? Conhecedor? Profano? Colha-me d'elle a historia da descoberta: o logar, os objectos companheiros d'estes, o modo como foi dirigida a busca, se era sepultura ou habitação, a quantidade e especie de ossos humanos ou de animaes que podia haver misturados... finalmente todas as variadas condições do encontro d'estas riquezas. Isto é quasi tão importante como possuil-as. Em archeologia as circumstancias são tudo. Um pedaço de ceramica, um amuleto de pedra, um prego de cobre... valem só pelo que podem contar-nos ácerca das phases da civilisação humana. Lembre-se que estamos ainda a braços com um saber conjectural, trabalhamos apenas com hypotheses, que vão sendo verificadas ou repellidas, á maneira que se encontram confirmações ou negativas. Nos ultimos cincoenta annos, os trabalhos admiraveis em todo o mundo, de tantos obreiros dedicados, tem dado mais para a historia do chamado rei da creação, do que as litteraturas antiquissimas de syrios, chaldeus e indios.

As palavras são as palavras: mesmo quando fixadas pela escripta a sua significação varía e é-nos muitas vezes desconhecida; mas os documentos ficam e na sua mudez tem enorme eloquencia para quem os sabe interrogar. A terra é a biblia da humanidade; ella e só ella sabe narrar a vida dos seus habitantes: inicio, phrases e progresso do homem. Folhear esse livro sagrado é uma grande consolação, pois encerra factos admiraveis. Não ha estudo que mais prenda e que desperte maior enthusiasmo na imaginação do que o da archeologia! Um espirito investigador e de philosopho, que procure alguma coisa além do que os olhos mostram, tem vastissimo campo para considerações de todas as ordens. Além das certesas propriamente historicas, que de pensamentos moraes e educativos não resultam do exame d'um amuleto religioso, d'um adorno, ou d'um utensilio caseiro?! E' a vida usual e a psychica, são as crenças, as affeições e as utilidades. Um mundo variadissimo e suggestivo, meu caro amigo! Affastada, como puramente symbolica, a doutrina da creação na semana biblica, depois de se reconhecer nas successivas camadas do globo a historia dos animaes que nos antecederam, vamos na mesma terra encontrar assignalados os progressos da nossa intelligencia n'um pedaço de pedra lascada ou polida, n'um fragmento de barro cosido, ou de cobre industrial, escavando nas habitações dos vivos e nas sepulturas dos mortos. Que de coisas importantes ahi se não veem, para definir o problema da nossa antiguidade! São factos que se impõem em combinações variadas e nos absorvem toda a men-

te. Pois quê ! Na ordem dos phenomenos intellectuaes haverá interesse maior do que acompanhar a evolução da intelligencia do homem, n'essa epocha em que, para ella se revelar, só tinha o gesto fugaz e a palavra voluvel ?!... E' uma prodigiosa symphonia, sempre em crescendo para o mais alto e sublime. Desde a epoca em que qualquer dos nossos avós, apenas com um pau e um pedaço de silex matava e desfazia a rez, que o alimentava, obtinha o vestuario que o cobria, afeiçoava a gruta em que morava, abria a cova para os seus parentes... que immenso progredir nos meios de satisfazer as necessidades e os desejos ! E' uma maravilha de esforços para sustentar o corpo e perpetuar a especie! Chegar a defender-se de inimigos, que eram féras enormes e acautelar-se das intemperies, que desmoronavam montanhas, com tão exiguos elementos, é prodigioso ! Commovem-me até ás lagrimas os actos de valor d'esse homem primitivo, que só articularia alguns monosyllabos para exprimir a sua dôr e o seu assombro e que já sabia assegurar a sua immortalidade na defeza da especie !...

Coexistentemente com os mais rudimentares instrumentos da industria humana apparecem signaes do conhecimento do lume. Com duas pederneiras o homem fez-se egual a Deus, que o assombrava com os bramidos do trovão, com a furia dos vendavaes, com o fuzilar dos relampagos ! Roubou-lhe o segredo de fabricar os raios incendiarios de folhas seccas, que consumiam florestas immensas com linguas de fogo que chegariam ás nuvens. Assim conseguiu aprender a

aquecer-se ao lume, a assar o seu bife de mamouth e de rangifer, e o peixe que apanhava á mão em lagos e rios pouco profundos. Descobriu tambem a maneira de moer o grão, para fazer o seu bolo em pedra aquecida. De tudo ha documentos numerosos e as conjecturas levam-nos a assistir hoje aos banquetes e combates dos nossos primeiros antepassados, como aos festins de Lucullo, de Gabio Apicio ou de Octavio e ás guerras do Peloponeso ou de Carthago.

Mas que quantidade de paciencia e que perspicacia não tem sido necessaria ao archeologo da préhistoria, para chegar a taes conclusões documentadas! E' um triumpho maior, do que o da descoberta de qualquer philosophia nova. Porém, que enorme alegria e consolação, quando podemos asseverar um simples pormenor da vida d'essas gerações extinctas! Eu, meu excellente amigo, vivo encerrado n'este estudo,como os mysticos orientaes na sua religião absorvente. Não penso n'outra coisa, só isto e a vida familiar me distrahem o espirito. Por isso do coração e com todo o fervor lhe agradeço o seu inestimavel presente. Vou-me lançar á interpretação d'esses objectos, que me parecem extremamente curiosos. E repito-lhe o pedido de me obter, de quem lh'os forneceu, a referencia das circumstancias em que foram encontrados. Presumo ter assumpto para um bello artigo, que enviarei para qualquer publicação da especialidade. Se a materia me der para tanto, pelas descobertas comparativas que fizer, enviarei o resultado da minha investigação ás Sociedades ar-

cheologicas do estrangeiro. Aperto-lhe affectuosamente a mão.

Minha mulher envia-lhe cumprimentos. Venha um dia d'estes jantar comnosco.

Amigo e obrigado

Julio Maldonado.

XIX

De Lucinda do Amaral *a* Maria Paula

5 de Janeiro.

Minha querida.

Vejo que Roberto está perdido, louco d'amor por ti! Fiz hontem uma experiencia, que me deu a certeza do que te affirmo. Estava no meu jardim, conversando com elle em coisas triviaes. Sabes que, depois que vocês aqui estiveram, já veio duas vezes jantar comnosco, sem ceremonia, com o seu *smoking*. Apesar de ser de inverno, a noite estava deliciosa, um lindissimo luar, luar de Janeiro. Divagavamos em coisas rasoavelmente frivolas: theatros, livros, mundanidades... Iamos no estafado assumpto *viagens*, quando entramos na sala de jogo, onde meu marido palestrava com os seus parceiros de partida. Sentamo-nos ao canto, que tu muito bem conheces, por baixo do lindo busto de Venus.

A'cerca de viagens contei-lhe as minhas e elle falloume das suas. Apesar da fina delicadesa do seu trato e do evidente esforço para ser amavel, percebi que vivia *ailleurs*. Dizia, ouvia, perguntava, respondia; mas a sua alma não assistia á conversa. Olhar distrahido, palavras arrastadas com prisão de lingua, certa inquietação no estar como se o meu sophá tivesse as molas quebradas... Não sou nenhuma tola e pareceu-me que, o teres tu fallado com elle no mesmo cantinho onde nos encontravamos, influia no exito da nossa conversação. Aquella alma repartia-se por duas pessoas e não era a mim que tocava a melhor parte. Esperaria encontrar-te hoje cá? Se o tivesse adivinhado, ou m'o tivesses dito...

Corria o nosso dialogo embaraçado e monotono, mas ia correndo. Sendo o assumpto viagens, veio-me á lembrança a tal desforra... Podéra! não me dar sufficiente attenção! Até me vaes applaudir pelo optimo resultado que tirei, em teu proveito, com a minha experiencia. Olha que não houve maldade e asseguro-te hoje, que domarás como quizeres este leão.

Ambos tinhamos andado pela Italia, onde tu ainda não foste. Roberto, como eu, visitou Roma, Florença, Pisa, Bolonha, Veneza, Verona, patria da divina Julieta... todo o norte d'esse encantador paiz d'amores. De repente, sem lhe dar tempo a preparar uma resposta, disse-lhe: Quem vae este anno realisar essa incomparavel *tournée* é Maria Paula com o marido.—Transtornou-se-lhe immediatamente a physionomia, ficou pallido como um poeta. Quanto elle te ama, filha! Cuidou

que lhe ias fugir...—Vão á Italia? Não sabia!—exclamou. Respondi-lhe com maliciosa calma: Nem podia saber. Hontem é que o marido de M. Paula esteve a fallar com Diogo a esse respeito, pedindo-lhe informações.

Deixei-o persuadido de que vocês iriam brevemente; mas eu a esse respeito não sei nada. A conversa continuou mais difficil d'ahi por diante. R. fez prodigiosos esforços para ser interessante; mas era-lhe impossivel. Grande gloria deves ter em dominar assim este elegante. Cheguei a ter dó do estado em que o via: olhos febris, beiços seccos, voz sem liberdade. Pareceu-me que o melhor era dar-lhe pretexto para se retirar e fallei n'umas cartas, que escreveria ainda antes de me deitar. Eram apenas dez horas; mas elle não quiz ouvir mais. Nem tirou o relogio. Tinha tambem cartas a escrever e esperava-o um amigo no Gremio—disse. Para casos taes ha sempre um amigo á espera. Estas mentiras são peccados que, vistos do outro lado, se transformam em virtudes.

Aqui está o que se passou. Apresso-me a contar-t'o com a idéa de te ser proveitosa. Averiguei um facto, que te deve ser immensamente agradavel. Da minha amisade tudo tens direito a esperar. Ternura e auxilio, quanto eu puder dar-te. Vivemos cercadas de invejas e malquerenças. Nós, as mulheres d'uma certa roda, d'uma certa edade e d'uma certa *toilette*, devemos defender-nos reciprocamente. Tu, então, formosa, rica, elegantissima, terás como inimigos naturaes pessoas que mal conheces. Fomentar a infelicidade dos

que se reputam felizes, é um dos grandes prazeres dos que não arranjaram aprazivel logar na vida. Mulheres feias, homens vesgos, ambiciosos com poucos meios, todas as almas acidas nos querem mal, tendo-lhe ás vezes a gente feito bem. Por isso a maior reserva, o maior tacto n'este teu *flirt* com Roberto. Da parte d'elle, estou convencida que é hoje uma paixão vehemente e séria; da tua, não sei bem como as coisas estarão, porque tens sido muito cautelosa commigo, sem eu bem perceber o motivo. E teu marido desconfiará d'alguma coisa? E' um manso, um distrahido com as suas archeologias; mas os homens d'este feitio são pessimos, quando beliscados na sua honra convencional... Toma cautella com teu marido e fica certa da minha lealdade.

A viagem á Italia não é no todo invenção. Julio fallou realmente com Diogo a respeito de visitar esses museus, onde eu me fartei de ver cacos, pedras e ferros velhos, como esses que se encontram pelas ruas... Que aborrecimento! Tenho dó de ti, se fôres.

Tua do coração

Lucinda.

XX

De Maria Paula *a* Roberto

10 de Janeiro.

Quando hontem nos visitou em S. Carlos, tive vontade de lhe fallar da viagem á Italia; mas não pude. Lucinda exagerou, tranquilise-se. A termos de ir, será na primavera e duvido que vamos, porque meu marido é muito commodista e custa-lhe muito abandonar a sua casa e os seus habitos. Imagine que, nos cinco annos de casados uma só vez sahimos para o estrangeiro! Tambem não tenho grande desejo de ver a Italia este anno e prometto pela minha parte não fallar n'isto. Sinto-me preguiçosa, mais presa que nunca ao que me cerca. Havia de custar-me, apesar de que uma ausencia de um ou dois mezes nos faria muito bem a ambos; nos acalmaria o coração. Se formos na primavera, Roberto talvez não saia de Lisboa, mas se sahir, peço-lhe que não vá pelos mesmos sitios que nós. Isso daria muito que fallar e produziria escandalo, que devemos evitar por todas as formas. Julio, apesar de pouco desconfiado, poderia notar...

Não me censure por eu dizer que a separação nos faria bem: olhe que a minha alma soffrerá mais que a sua, se o caso se dér. Nós, as mulheres, temos ás vezes desejos incomprehensiveis, appetecemos o que nos faz mal. A distancia exalta a paixão e dá, como li n'um li-

vro, a volupia do soffrimento. Será isto? Não, a minha idéa é outra, pois procuro tranquillidade. Quero-lhe muito: quando uma mulher casta diz isto a um homem, que não é seu marido, o sentir vae além da confissão. Quero-lhe muito e não imagine que o desminto nas palavras que escrevi. Entenda antes que estou sempre em sobresaltos por causa dos seus exaggeros e imprudencias, que podem tornar esta côrte reparada. Olhe que amar e ser amada em segredo e n'uma região superior de desinteresse, é tudo. Das primeiras cartas que me escreveu, o que me affirmava do segredo do seu amor é que mais me tocava. Mais do que os seus gabos á minha formosura e as exaltadas declarações, que ainda hoje tanto me inquietam. Esse modo de sentir correspondia absolutamente a uma idéa, que me andava na cabeça desde os meus sonhos de rapariga. Amada só pelo amor, é proprio de corações escolhidos. N'estes casos, o amor é uma communicação occulta entre duas almas, que podem viver distantes e isso faz a sua pureza. Só d'esta forma eu considero perfeito o amor e entendo que assim todos o devem considera. Occultar o amor ennobrece as almas; atirar este sentimento pessoal á curiosidade dos outros é tornal-o pouco nobre. A carta de Lucinda do Amaral, ha dias recebida, desagradou-me, ainda que o não posso tornar responsavel a si pelo que ella diz. Narra com certa malicia a conversa que tiveram a meu respeito na ultima vez que jantou em casa d'ella e entende que a sua paixão por mim é extraordinaria e que eu lhe não correspondo do mesmo modo. Haverá exaggero, para obter

declarações e confissões que lhe não tenho feito? E' possivel, mas está enganada, pois tenciono conservar-me n'esta prudencia, que julgo necessaria. Lucinda é considerada e tenho-a na conta da minha melhor amiga. Emprega commigo, quando me falla de si, uma ternura captivante. Parece, ás vezes, que compartilha da minha felicidade e gosa com ver-me assim amada. Apesar d'isto, sinto aborrecimento em tel-a como espectadora do meu coração.

N'este assumpto conservo para com ella certa reserva, talvez frieza. Queixa-se d'este proceder, di'-lo na carta que me escreve. Devo ir a mais? Não, não posso, a confissão que ella deseja parece-me impudor. O que se passa nos nossos corações é só d'elles. Ella não tem ainda a certeza de que nos correspondemos. Procura nas conversas, com os mil artificios proprios da sua intelligencia e com engenhosos rodeios, tirar-me a confirmação; mas por emquanto tenho-me defendido: a tal respeito só pode ter suspeitas. Eu nunca lh'o direi; poderá adivinhal-o ou conhecel-o por imprudencia sua ou acaso, mas eu nunca lh'o direi. Talvez por sentir que lhe não confesso tudo, na carta recebida com muitas palavras de carinho e bondade prega-me alfinetes no coração. Por exemplo: lembra-me a doçura do caracter de Julio, o seu extremoso amor por mim, decerto com o fim de me fazer sentir a minha leviandade, acceitando a sua côrte. Lucinda não me pode atirar nenhuma pedra. Não conhece a historia d'ella? Eu sei-a imperfeitamente; por isso affirmo que ella me não pode censurar. Tem falta maior que esta minha...

Como receio de tudo, até procuro afastar esta amiga intima, que é a mais eficaz protecção, que temos para multiplicar os nossos encontros. Ella aponta-me a brandura de caracter de meu marido para me dizer que os homens como elle são os peiores, se descobrem qualquer falta em sua mulher. Para que havia de fallar d'isto, se nós temos o proposito de viver encerrados no nosso amor ideal! Eu não amo Julio, bem sei; mas respeito-o muito. No adormecimento em que vivia antes de o conhecer a si, julguei que era amor o que por elle sentia; mas era apenas affeição. Andava illudida, como o andam muitas mulheres. Eu gosava a tranquilidade das aguas quietas, que á chegada d'um vento forte se agitam até ao fundo. Os meus dias eram todos eguaes, as minhas noites deleitosamente dormidas. Despertava de manhã ao cantar do meu canario, o meu companheiro, que vive feliz na sua gaiola. E' muito minha amiga a querida avesinha. Em quanto me não vê apparecer de manhã não cessa de me chamar. Ao acordar de cada dia, eu examinava a minha existencia e reconhecia que tinha as mesmas idéas da vespera, que todos os meus desejos seriam satisfeitos e que as horas me correriam calmas, como se ainda vivesse na monotonia do convento. Nem os divertimentos da sociedade me tiravam esta placidez d'alma. As pulsações do coração marcavam-me os instantes do viver e só lhes não ouvia o som, quando me sentava ao piano com o meu Chopin. Era feliz?! Talvez, se felicidade é o pensar sem exaltação e gosar a vida sem sobresaltos.

Esta ventura d'hoje é enorme; mas á custa de quantas inquietações?!... Depois do momento em que os seus olhos de lume incendiaram o meu coração esquecido da existencia, sob uma copada arvore que me protegia do sol; depois d'esse fatal momento em que a minha imaginação foi despertada d'um somno antigo, no qual repousava tão ditosa... eu quasi mudei de natureza. E' certo que primeiro senti uma revolta interior e verdadeira! Que significava isto d'um homem, que eu apenas conhecia de o ver nas ruas de Lisboa, olhar-me d'aquelle modo sendo eu mulher casada?! Achei tal proceder um atrevimento digno da punição do meu despreso!...

Fui para o meu quarto no hotel e conservei-me durante mais d'uma hora sósinha, no estado d'uma pessoa atordoada por uma pancada na cabeça. Passei e repassei o acontecido centenares de vezes deante dos meus olhos e — coisa singular! — por fim já o meu espirito o não repellia com a mesma força, encontrando-lhe explicações e desculpas... E como as janellas dessem para o jardim, cheguei-me a uma... Para que?... Para ver se ainda ali estava. Continuaram timida e prudentemente os seus encontros... Quando o via (lembra-se?) retirava logo de si o olhar; mas por mais que me distrahisse com outras pessoas, tinha sempre a sua imagem deante de mim. Vieram os seus bilhetes, que não esperava e julguei atrevidos, repellindo a creada que me entregou o primeiro. Porêm eu relia-os e ficava com elles na mão, sem poder rasgal-os em mil bocados e até deliciando-me com o contacto

d'aquelle papel onde estavam palavras que não devia ler. No começo não lhe respondi, para o afastar pelo desanimo, e só o fiz depois para lhe ordenar ou pedir que sahisse do meu honesto caminho. Essas linhas escriptas com lagrimas e com febre, pensava muito, antes de lh'as enviar, se o deveria fazer. O silencio e a indifferença não será o melhor? — dizia comigo. Não achava isso bem feito, queria desenganal-o com palavras dignas e chegar ao meu fim sem o escandalisar. O que seria realmente melhor? Não sei, vista a sua tenacidade. Estou hoje convencida que de qualquer fórma chegariamos ao mesmo resultado.

Seria inevitavel o que se deu? Haverá realmente um poder que governe as nossas vontades?! Conjunctamente e mais tarde suppliquei á Virgem, para que me defendesse e o tirasse da minha vista. Supplicas vãs! Confesso que as pronunciava com pouca fé e pouco enthusiasmo... Quem sabe até, se não teria o peccador desejo de ser desattendida?!...

Agora aqui estou exaltada no amor, presa por essa exaltação, incapaz de a dominar. Seguindo emmaranhados caminhos, veredas difficeis, estradas abrazadas de sol, aqui estou escrava d'uma vontade, que não é a minha, que será talvez a sua e já agora accorrentada a um novo destino. A minha amiga L. dá-me a entender que ainda poderiamos parar, que será ainda tempo de reflectir. Não sei se é sincera, pois ella ignora o estado da minha alma e julga que a paixão está só do seu lado. Engana-se, declaro-o; mas entendo tambem que devemos aproveitar o conselho. Porque não suspen-

deremos os passos, que nos levam para um fim talvez desgraçado?! Mais uma vez lhe proponho, Roberto, que me repilla de si. Eu chegarei certamente a esquecel-o. Do lado do homem é que deve haver decisão; abandone-me, ainda que com isso cause a minha infelicidade. E' uma inspiração do ceu, adivinho na nossa vida immensos infortunios. Quem sabe os castigos com que o Senhor virá a punir todas estas loucuras!... Meu marido, tão amigo, tão bom, o que fará, se um dia descobre que sua mulher ama outro homem?

Não posso pensar n'isto sem tremer de susto por si e por mim! Lembro-me ás vezes a sério da morte; mas como poderá vir a morte, se eu não tenho coragem de a procurar? Valha-me a Virgem! que tormento!

M. Paula.

XXI

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 14 de janeiro.

Eu poderei, como Werther, despedir uma bala atravez do meu craneo, mas não posso abandonar o seu amor. Ainda que todas as grandes virtudes humanas: o genio, a coragem, a abnegação, a heroicidade das mais poderosas iniciativas... tivessem de desapparecer do mundo, levando comsigo a formosura das mulheres, o carinho das mães e a bondade de todos os

corações por causa do nosso amor, eu havia de amal-a. Supponha que além d'estes tremendos castigos vinham outros de natureza material para os aggravar — como diluvios, tempestades e coleras divinas, o fogo devastando a terra e consumindo os corpos no meio de imprecações, e que de toda a parte se ouviam blasphemias, gritos, execrações contra mim por causa do nosso amor!... Eu, ainda assim, havia de amal-a! Este sentimento absoluto chegou no meu peito a tal vehemencia e intensidade, que despreso todas as opiniões que lhe sejam contrarias!

A sua amiga L. tem sido e continuará a ser o primeiro dos nossos auxilios para a completa fusão das nossas almas. Ella proporciona-nos encontros indispensaveis para os deliciosos contactos dos nossos pensamentos. Como é que imagina poder dispensar-lhe o bom querer a nosso respeito?! Reconheço n'ella uma mulher bonita, vaidosa e futil; reconheço que se introduziu na nossa felicidade para aquecer a propria imaginação e gastar a sensibilidade, que lhe sobra. Porém fal-o com supremo geito e grande utilidade nossa. Eu sinto-me reconhecido; porque sem ella... como haviamos de viver felizes?! *Les petits soins*, que só as grandes sympathias sabem imaginar, ella prodigalisa-os como ninguem. Ainda hontem, vendo-me no Chiado, mandou parar a carruagem para me dizer que o seu baile d'este anno será no entrudo, que está muito proximo. Preveniu-me de que os homens iriam de casaca de côr e as senhoras *de cabeças*. Era a primeira pessoa a quem o communicava, e disse-me que iria hoje a sua

casa para o mesmo fim. Quer nada mais gentil? De si falla-me sempre com um carinho que me enternece; a mim diz-me coisas de extrema bondade, que eu devo mais á sua influencia do que aos meus merecimentos. Digam o que disserem, é mulher de muita alma e de proveitosa intelligencia. Poderá ser frivola, mundana, dissipadora... tudo isso; mas pensa muito em divertir os outros, em lhes ser agradavel, o que é de animo generoso e de mulher superior. Para nós tem sido uma bemfeitora. A sua casa é o melhor agasalho que temos encontrado para os nossos corações. De modo que as ironias da carta de que me falla, eu, antes as considero como formula habitual do pensamento d'ella do que aggressões dirigidas ao seu peito. Não seja desconfiada, não a tenha como contraria; porque se o fosse não nos proporcionaria, como proporciona, ensejos deliciosos. Por isso alguma razão lhe reconheço a ella para se queixar da sua excessiva reserva. Levantal-a a confidente absoluta, não, pois ha coisas privativas de nossas almas; mas conceda-lhe o meio segredo. Não lhe negue a enormidade do meu amor, pois seria negar a luz do sol e mesmo ella não a acreditaria. Confirme-lhe o assentimento da sua parte, como uma condescendencia, se quizer. Uma mulher, quando se conhece loucamente amada, nunca tem a coragem de punir com o vil despreso o homem que a adora. D'esses monstros não existem, felizmente, sobre a terra. Ora, para que Lucinda continue a sua indispensavel protecção, é necessario que lhe não diga que me detesta... ainda que seja verdade.

Emquanto á opinião do *senhor todo-o-mundo*, tenho-a em muito pouca conta. Não a despreso, mas não a temo. Sinto-me bastante forte para todas as eventualidades. O meu animo vive preparado. Estou prompto a rebater a colera de seu marido, que até agora tem sido amabilissimo para commigo. Essa hostilidade póde apparecer e reconheço-lhe rasão; porque, no meu seio, se está levantando um vivo desejo de posse absoluta. A experiencia de mim mesmo mostra-me a todos os instantes que a união intima e superior das almas não é bastante para satisfazer o amor. Estava com a mente perturbada, quando lhe disse o contrario. O objecto amado não póde ser bipartido. Maria Paula não faz perfeita idéa do que é o meu coração, quando a mente evoca a sua deslumbrante figura. E' um universo na grandesa, tem um enorme desejo de commando indiscutivel. No estado de febre que me agita, começa a nascer tremenda antipathia por seu marido! Deploro o facto. Grande força emprego sobre mim para arrancar da imaginação esta flor negra, ás vezes consigo vel-a desapparecer. Porém logo rebenta mais vigorosa e mais negra. Tenho somnos agitados e noites de cruel lucta por causa d'isto. Seu marido é sempre bonissimo; mas é possuidor de Maria Paula e tanto basta. Em certos momentos sinto dentro de mim a alma d'um demonio. Que quer !? O ciume, quando se ama, é virtude e não crime. Eu não posso reconhecer a outrem direitos sobre si. Digam os homens, as leis, a religião, o proprio Deus o contrario... eu não me posso conformar com isso. Conquistei-a pelo amor, pelo unico

processo que existe de indissoluvel união do homem com a mulher. O engano que se deu no seu casamento, irracional e desconforme, é necessario desfazel-o, custe o que custar. Será doloroso para si, alma timida de mulher educada em certas convenções, enredada na fina e complicada teia dos prejuizos sociaes; mas é indispensavel que isto se faça. As grandes dores vivem paredes meias com os grandes prazeres; o infortunio móra em frente da ventura. Temos de dar o salto, que nos tirará d'este fundo pego cheio da malicia dos homens, com o fim de nos restituirmos á vida. Vá educando o seu animo para essa gloriosa experiencia. A nossa felicidade não ha de ficar em meio e a tensão de espirito em que vivemos, a conservar-se, aniquila-nos. Sinto-me esgotado, confesso-o. Desculpe, se a atormento com este irreprimivel desabafo, que é filho de meu immenso amor. Perdoe-me!...

Roberto.

XXII

De Julio Maldonado *a* Roberto de Magalhães

Lisboa, 20 *de Janeiro.*

Meu caro amigo.

Estudo afincadamente os objectos de que me fez presente, comparando-os com outros, que existem em museus e dos quaes tenho estampas e descripções em livros da especialidade. Ou eu estou enganado, ou são

raridades dignas d'uma collecção mais valiosa do que a minha, que é muito apoucada. Representam, ao meu parecer, dois d'elles, especialissimamente, adornos do corpo humano, o terceiro um amuleto religioso. Porém julgo-os de épocas differentes em relação á historia do *Homem*, e o serem encontrados no mesmo jazigo ou o provirem de escavações differentes, seria interessante saber-se, para o estudo da prèhistoria.

O amuleto, rodella d'osso, com buraco de suspensão ao centro, desenho em baixo relevo d'um animal que poderá ser a renna (está muito apagado), é verdadeira raridade, muito semelhante a um objecto encontrado por Eduardo Piette nas suas preciosas explorações da gruta de Tursac, na Dordogne. Para serem identicos, faltam a este meu uns bicos ou angulos com o vertice para o centro, ao que em archeologia se convencionou chamar *dentes de lobo*. Piette considera a sua rodella de Tursac um amuleto religioso do culto do sol ou da lua. Segundo a classificação de Mortillet pertence á época magdaleanna, periodo da pedra lascada ou paleolithico. E' de todos tres o objecto mais interessante por assignalar grande antiguidade ao sentimento religioso na humanidade, o qual, certos philosophos metaphisicos, só com o fragil perfurador da sua razão, entendem ser innato.

Os outros dois são artefactos de civilisação mais proxima de nós, ambos de bronze e pertencendo, portanto, á edade em que o homem já exercia, como caracterisada, a industria d'este metal. Representam, ainda assim, epocas differentes (a meu parecer), posto que

proximas. Um, é lindo prego, ou alfinete duplo, ou como hoje se diz gancho de cabello. No ponto de juncção das duas hastes ha uma especie de buraco, semelhante á argola que os sineiros-fundidores deixam no fundo dos sinos para ahi se prender o badalo. Gross encontrou objectos como este na palafitte de Gérofin, no lago de Bienne, na Suissa. Pertence já á época lacustre (morgianna), mas em que ainda havia dolmens, isto é, ao periodo em que o homem passou de viver iem cavernas a morar em casas com sobrado e tecto, obras do seu engenho.

O terceiro objecto é um brinco de orelha, tambem do bronze, circumstancia que o torna mais interessante de que se fôra de oiro. Pertence ao periodo seguinte, (larnandianno-lacustre), quando o homem e a mulher já uzariam a decencia de algum vestuario, dormiam e amavam em casas que teriam camas de macias folhas e hervas seccas, se nutriam do peixe das lagoas junto ou sobre as quaes habitavam. A industria dos adornos metalicos, naturalmente aproveitada, e quem sabe se inventada, para valorisar a belleza do corpo, nasceu d'uma grande intuição artistica e teve immensa voga. Os bracelletes, armillas, argolas para enfeite dos braços e pernas (é curioso o intuito de tornar mais reparadas estas columnas, primores d'esculptura!) são numerosas e frequentes, apparecendo tambem alguns anneis e brincos d'orelha. Este que me enviou é realmente um brinco. Que lindo rosto não adornaria e que enlevos de paixão elle não despertaria, ha tantos mil annos! Vê como é interessante a archeologia?!... Esta argola fe-

chada, enfiada n'outra aberta é do typo d'uma encontrada por Rabant na palaffite de Bourget. Chapier e Perrot nas suas interessantes buscas da necropole de Warka, descobriram argolas abertas junto de craneos humanos, femininos segundo parece. Considere no amor e saudade que se póde presumir no achado d'um enfeite encontrado em sepultura! E' um poema de gloria e tristesa.

A forma archaica de todos estes tres objectos, amuleto e adornos, leva-nos pelos seculos atraz a pensar no que era e no que é a alma humana. A religião e a mulher, a idéa pura e a idéa fórma, a abstracção e a belleza concreta, foram e serão sempre os dois principaes assumptos de culto para nós. Ainda que os ethnographos nos mencionem aberrações contra este preceito em alguns selvagens de diversos pontos, Deus e a Mulher formaram a primeira admiração do Homem, sempre seduzido pelos encantos que o subjugavam. O sol, talvez o primeiro deus, deslumbrou-o; a mulher submetteu-o n'uma vassalagem incondicional, pela sua graça e pela fecundidade. Os primeiros homens comprehenderam, ou melhor, sentiram, que n'este recatado sacrario, estava o segredo da reproducção do seu genio e força. O amor, facto inicial e fundamental em toda a natureza, muitissimo antes do troglodyta, quando residia apenas em anonyma cellula, tomou com o apparecimento d'este primata uma forma definitiva, elevada e artistica, que venceu a razão orgulhosa! Deixemos, o nosso rabugento Taine desprezar o amor da mulher, para o substituir pelo das coisas geraes e pela amizade

do homem. Como se fôra a mesma coisa, santo Deus! Amor, palavra immensa, paixão avassalante, é a attracção irresistivel, indomavel, mais do homem para a mulher do que d'ella para elle. Quando essa bella e venenosa flôr rebenta na nossa alma pela mulher adorada, pela mulher desejada, até o grande Spinosa entende que nos é impossivel, façamos o que fizermos, expulsal-a do peito onde nasceu. Domina, contorce, enlouquece, torna feliz e desgraçado aquelle que é sua presa. Mais do que a necessidade do alimento para o corpo, o aguilhão que impelle cegamente o macho para a femea, intensifica-se n'uma força occulta e mysteriosa, que reside no fundo da organização de todo o ser vivo. Os philosophos, com os seus artificios de linguagem, chamam a isto amor, no homem, instincto de procreação, nos outros animaes. Pobres cerebros cheios de argucias e distincções! O sentir magno e primordial, reciproco nos dois sexos, manifestando se mais impetuoso no macho, mais timido, delicado e ingenuo na femea, é o mesmo phenomeno omnipotente, quer no homem civilisado, quer no barbaro, quer no selvagem, quer no leão, quer na modesta heteromita, pequena cellula rudimentar! Talvez nem gradações tenha, porque nós sentimos o nosso e cada um sente o seu aguilhão. O amor pela mulher que elegemos, é um impeto tão forte que a mythologia grega o pinta de olhos vendados, para provar que possue em si mesmo toda a vista e toda a sagacidade. Tem sido sempre e continuará a ser lei suprema da existencia da humanidade. Nos tempos prèhistoricos, como a vida se reduzia a viver e

amar, tal sentimento occupava quasi toda a alma. A immortalidade, que, dominando o universo, apparece em nós como aspiração seleccionada, é formidavel voz, que reclama da belleza feminina um fiador para a sua existencia, para a nossa existencia, para a nossa perpetuidade animica. A inseparavel companheira instiga-nos com a deleitosa ondulação do seu corpo, com a meiguice do seu olhar, com o sorriso, mimo de caricias, com o anceio da alma immaculada! Por isso, o raciocinador Proudhon nos diz, que nas almas d'elite o amor não tem orgãos, querendo talvez significar que, quem ama, ama com o ser completo.

Os objectos de adorno fabricados nos tempos primitivos da humanidade, para enfeitar o corpo, especialmente o da mulher e realçar-lhe as linhas magnificas, mostram que então, como hoje, existia o fanatismo e admiração do femenino eterno, da eterna belleza. Os variadissimos collares de contas para a magestade do collo, os bracelletes e manillas para o suave contorno dos braços e das pernas, os anneis para os dedos da mão (parte do nosso corpo que é uma maravilha de mechanica), os ganchos de todos os feitios para prender e ornamentar os cabellos fluctuantes, finalmente os brincos para valorisar a expressão do rosto e portanto o brilho dos olhos... são objectos encontrados n'esses tempos remotissimos, tanto nas habitações dos vivos, como nas toscas necropoles, jazigos dos mortos. O esforço que o homem de então fazia para fabricar o que pudesse ser premio de formosura, pode calcular-se por uma simples conta de crystal de rocha perfura-

da, que se tem encontrado em escavações de algumas cavernas, isto é, na edade da pedra. Como se poderia chegar a este resultado antes de se possuir o estylete metalico?! Tem-se procurado explicações, mais ou menos acceitaveis, mas todas se reduzem a admirar a infinita paciencia, a tenacidade inegualavel com que esse individuo bronco trabalhava para tornar mais graciosa a companheira, que lhe arrebatava a alma em extasis d'amor. Podesse elle arrancar do céu uma das estrellas, que em noites escuras lhe maravilhavam os olhos, que o faria! Talvez o tentasse na sua louca e sublime aspiração... A mythologia não nos falla das azas fuziveis de Icaro? Quem sabe se o rude troglodyta não subiria alguma vez a qualquer altissimo penedo para chegar ao ceu, e que despenhando-se do alto d'esse logar ao abysmo, gerasse o symbolo do Icaro das azas fuziveis?!...

Pela disparidade, que se encontra entre o consideravel numero e variedade de objectos de enfeite, comparado com o reduzido de amuletos religiosos, se reconhece que o amor terreno, embebido em sublime ideal, sempre preoccupou mais o ser humano do que o amor d'um Deus. A idéa da omnipotencia divina, immensamente confusa, veio pelo temor das tempestades, pela grandeza das aguas, pelo deslumbramento do sol e pela meiguice da lua... Era muito complexa para aquelles cerebros inferiores aos dos selvagens d'hoje. A idéa do amor da companheira e dos filhos, relativamente simples, comprehendia-a melhor por ser pratica, carinhosa e familiar. Por isso lhe votaram grande culto! Os pro-

gressos successivos da humanidade tambem se não póde dizer que tenham sido favoraveis a creação d'um Poder, que tudo domine e avassale. A sciencia tem-lhe feito consideraveis estragos e promette reduzil-o a poeira. E' o que me dá o estudo da prèhistoria e da historia. Talvez eu esteja em erro...

Fico-me por aqui. Tem sido longa e maçadora a dissertação; mas para um espirito educado como o seu, espero que a não julgue banal. Porque se não dá ao estudo da archeologia? Olhe que é immensamente interessante.

Termino por lhe apertar a mão, agradecido pela sua offerta.

Amigo affectuoso

Julio Maldonado.

P. S. Maria Paula tem estado doente, mas já hoje se levantou.

J. M.

XXIII

De Maria Paula *a* Roberto

20 de Janeiro, meia noite.

(Carta recebida depois da precedente)

Tenho estado doente e foi por causa da sua ultima carta que adoeci. Logo que acabei de a ler veiu-me um ataque de nervos, tive febre e chamaram o medico.

Conservei-me, pelo menos tres dias, alheia de tudo e até não me sentindo em mim mesma. Ninguem descobria a causa d'esta subita crise, só eu a não ignorava. Que dias e que noites de tormento não passei! Hoje é que sinto força no pulso e animo no coração para lhe responder.

Não, não tenho coragem. Deixe-me, esqueça-me, mais uma vez lh'o supplico com as mãos erguidas, se não quer ir vivendo, como vivemos, sob a protecção da Virgem, a quem todos os dias reso. Abandonar a minha casa, este santo e bonissimo companheiro e cahir na execração publica... não posso, não tenho animo, sou uma mulher religiosa. E comtudo amo-o loucamente; o seu olhar, sempre que o encontro, faz-me uma alma nova, risonha, esperançada, sonhando immensas felicidades. Porém d'aqui a faltar aos meus deveres!... ser amaldiçoada de Deus e o escarneo do mundo!... não posso, não tenho animo, prefiro morrer de paixão.

Morrer! Que suave idéa a da morte, quando se soffre tanto, como eu tenho soffrido n'estes dias. Se essa boa amiga viesse ao meu encontro, libertaria a minha alma, que talvez podesse ir para o céu, que é patria de todos nós. O tel-o amado, pura e santamente, não será motivo de me negarem a bemaventurança. Se ambos morressemos agora mesmo, não poderiamos encontrarnos na outra vida?!... E' uma loucura, uma illusão, bem o sei; a gente não morre para amar na outra vida senão a sublimidade de Deus. A outra vida é para nos julgarem pelo bem ou pelo mal, que n'esta praticamos; iremos para o céu, se merecermos premio; para o inferno, se merecermos castigo. E' isto que sempre me ensinaram; as suas idéas, se realmente as tem differentes, não me farão mudar. Mas eu, quando me considero, vivo n'um immenso receio. Não terei realmente peccado em pensamentos? Basta este amor, que rebentou, no meu seio, para me afastar sem eu dar por isso da graça de Deus, do favor da Virgem.

Que tormento este, que enorme desventura! Se agora viesse a morte, acabaria o nosso amor e, em vez de premio, seria castigo o que receberia por tel-o amado!

Medonha desgraça! Não eram só as penas infernaes, mas a impossibilidade de continuar a amal-o. Já não quero morrer; prefiro alongar a vida n'este mesmo estado, á espera que a misericordia divina se amercie de nós e nos permitta o goso de um dia nos unirmos. Como será?! Não sei, não quero saber, não quero pensar n'isso. O poder divino é infinito. Em quanto

Deus nos conservar juizo, teremos a condescendencia do meu bom Julio, tão confiante, tão sincero, tão recto, que nem de longe suspeita da actual ligação das nossas almas.

Por isso não desvarie, continuemos gosando o encanto delicioso do nosso amor puro, d'esse amor que nas primeiras cartas descrevia. Seja rasoavel, peço-lh'o: corte pela raiz, e não a deixe de novo rebentar a tal flôr negra do odio, que nasce no seu coração. Se o não conseguir, julgal-o-hei mau e injusto, o que me dilacera. Meu marido é um santo, não merece o mau querer de ninguem. Vive entregue aos seus estudos queridos, apesar de ser eu todo o enthusiasmo da sua alma! As coisas antigas terão para elle mais valor do que os merecimentos de sua mulher, mas a mim é que elle ama! Devemos considerar que Julio é muito mais edoso do que eu. Tranquilise o seu animo generoso... Quem sabe quaes serão os designios de Deus a respeito da nossa felicidade?! Se formos bons e virtuosos, não nos ha-de desamparar, ha de mesmo proteger-nos. Espere com paciencia, nada é impossivel ao divino querer. Não habitue a sua vontade a desejar coisa que a religião desapprova. Eu pela minha parte, emquanto tiver o seu amor puro, nada temo n'esta vida, a não ser que esse amor diminua e até desappareça, porque a seus olhos diminuam os suppostos encantos que o geraram. E n'isso terá razão, não só porque nunca os tive, mas até porque nada ha mais transitorio do que a formosura das mulheres. O que se afigura eterno nos arrebatamentos da paixão, não dura mais do que al-

guns dias. Uma doença transfigura-nos, o tempo torna-nos velhas. Vem as rugas, a má pelle, a falta de viveza nos olhos, a nenhuma frescura nos labios. Chegamos a ser horrendas, ás vezes. Só os filhos podem alimentar o amor d'um homem por sua mulher, quando a fealdade chega. E eu que não tenho filhos... nem pena de os não ter. Porque? Não me pergunte as razões d'este sentir, que hoje é mais sincero e verdadeiro do que até aqui.

Pense, medite em que a formosura que me encontra é falsa e, que a não seja, tem de desapparecer. Será o modo de acalmar a sua alma. Logo que o consiga, a linguagem das suas cartas será outra. Reconheço que na minha presença é mais respeitoso e não me diz certas coisas. Porque hade ser differente quando escreve! Ame-me, confie como eu em Deus, que é pae e protege todos os que são religiosos, e acredite na sua

M. Paula.

XXIV

De Roberto *a* Maria Paula

2 de fevereiro.

Disse-me hoje a nossa amiga L. que o baile se realisa no sabbado, d'aqui a oito dias, e Maria Paula ainda não me fallou da *cabeça* que escolheria! Sobre tão sério assumpto julgo-me com direito de ser ouvido, antes da decisão. Não posso deixar que esse rosto sin-

gular seja desmerecido por um toucado, que lhe diminua os encantos. Alguma d'essas bellas cabeças dos seculos 17.° ou 18.°, com empoado ligeiro e cabellos levantados na testa, deve-lhe ir muito bem. A sua figura gracil (tão vaporosa e espiritual como a das damas que inspiraram as festas galantes de Watteau e em especial o poema d'amor denominado *Embarquement pour Cythère)* ficará admiravelmente transportada a essa época de elegancia delicada. Vendo-a assim, como nos meus sonhos a tenho sonhado, eu, se fôra humilde e obscuro pagem, inclinar-me-hia reverente, para a deixar passar no minuete dos salões de Versailles, ou nas sombras mysteriosas e poeticas do Luxemburgo, levada por um braço de principe para confidencias de coração. Entre essas mulheres, de que a lenda nos deixou recordações vivas, uma ha cuja evocação faço muitas vezes, pelo que o seu rosto tem de parecido com o d'ella. Tenho aqui a gravura d'um quadro, que reputo de auctor desconhecido, representando-a. E' o retrato da infeliz princeza de Lamballe, talvez tirado na época em que ainda muito ditosa, aos 18 annos, foi apresentada na faustosa côrte e ahi conquistou os corações «*par son amabilité, la douceur de son caractère, et les graces de sa personne*». Veste uma soberba toilette, emergindo-lhe o busto delicado d'uma vaporosa nuvem de sedas, franjas d'ouro e flôres, como o busto da antiga Venus se erguia da magestade das ondas. Eu julgo estar na sua presença, Maria, quando contemplo a divina imagem d'esta «*jeune femme aux affections sérieuses*». O abundante cabello da princeza, negro e farto como

o seu, alteando-se n'um vôo sobre a fronte cheia de pensamentos, descae em frisado sobre os hombros. A physionomia, d'uma correcção admiravel, com as sobrancelhas finas e bem arqueadas; os olhos vivos, mas d'uma meiguice attrahente, que vem directa do coração; o nariz n'uma breve e aristocratica linha; a bocca n'um abrir de cravo vermelho, d'onde rebentam sorrisos... tudo, tudo pelo conjuncto e pelas minudencias, foi copiado por mão divina para o encanto dos meus olhos. E o collo?... Quer na base, perdendo-se no mysterioso e pudico decote, quer no pescoço branco, bem torneado, subindo como graciosa agulha de cathedral, é o seu collo, Maria Paula! Peço-lhe esse decote para d'aqui a oito dias e não lhe accrescente brilho de joias, que o desmereçam. Antes tecidos leves, que lembrem a espuma de que é feita a sua pelle lactea; poucas flôres e um fio de perolas, se quizer. Adopte o meu conselho. Será uma memoração elegantissima, ressuscitará a querida princeza, typo de lealdade e affeição a uma infortunada rainha, por quem perdeu a vida em troca de nada. Não ha quadro, dos que eu conheço, onde se encontre uma curva de rosto feminino mais graciosa do que a de Maria Thereza de Carignan, e essa é a curva do seu rosto. Não ha testa de mais sonhos, olhos mais espirituaes. Sobre o penteado alto, não deixe de collocar camelias brancas em fórma de *toque*, e então não dê empoado nos seus cabellos de noite, para fazer sobresahir melhor os olhos e as flores.

Como será formosa! E' pena que só queiram cabeças; porque, se consentissem a toilette completa, o

seu corpo delicado havia de caber deliciosamente em amplos tufos de seda, com os braços mais lindos da historia, as mãos leves e os dedos bem fuselados, a suspenderem o leque e o arqueado fofo da saia! Não podendo ser tudo, acceite o penteado que lhe offereço, o que lhe dará o rosto d'uma sua irmã, que vivesse ha mais d'um seculo. Quer que lhe mande a gravura, se a não conhece?

Roberto.

XXV

De Maria Paula *a* Roberto

3 de fevereiro.

Envie-me a gravura, quero fazer-lhe a vontade. Esta sua carta excede todas as outras em exagero de galanteio. Até me fez rir. Envie-me a gravura.

M. P.

SEGUNDA PARTE

I

De Julio Maldonado a sua irmã
D. Maria Dorothéa, Soror Maria
da Pureza, no convento de S***.

Minha querida irmã.

Lisboa, 10 de fevereiro.

Uma grande dôr atravessa o meu peito; uma tremenda desventura ameaça a minha vida, até hoje tranquilla e feliz. Deixa-me desabafar comtigo, que és a unica pessoa a quem posso contar as minhas desditas e de quem posso receber conforto e bons conselhos. Maria Paula, a minha adorada mulher, a dulcissima Galathéa, ama um homem e esse homem não sou eu. E' um engenheiro extremamente sympathico, o qual encontramos nas *Pedras Salgadas* no anno passado, estreitando depois aqui em Lisboa as nossas relações, a ponto de o convidar para a minha casa e de o sentar á minha mesa. Pouco mais velho do que ella, no vigor

da edade, no explendor d'um talento brilhante, que o torna querido de toda a gente, como é que isto poderia deixar de acontecer, logo que se encontrassem?! A minha razão diz-me ser o facto natural, porém o meu coração regeita-o; a intelligencia bem quer tranquillisar o sentimento, mas este repelle-a. E' o esboroar de toda a minha existencia, cuja ventura assentava nos carinhos honestos da minha mulher na suavidade do seu tracto, nos attractivos do seu rosto d'anjo. Depois da venenosa certeza, que acabo de adquirir, poderei continuar a ter fé na sinceridade das meiguices de Maria Paula?! Não serão um favor do seu caracter meigo? O coração estará presente, quando m'as prodigalisa?! Terrivel estado o da minha alma, com esta preoccupação!

Foge-me a serenidade, reconheço-o. A nuvem d'oiro, que enfeitava o ceu da minha vida, tornou-se em nuvem de borrasca. Falta-me a luz d'aquelle olhar sincero e benigno. E eu, querida irmã, que vivia confiado e adormecido na felicidade da minha existencia domestica! Nem os filhos me faziam falta; substituia-os pelos meus estudos predilectos. Confesso este grande egoismo: não desejava um ente, que sahisse da nossa carne, porque elle poderia separar-me de minha mulher e dos meus livros. Era um ciume antecipado de pessoa que ainda não existia: arreceava-me d'um pequenino phantasma côr de rosa!... Que queres; eu procurava concentrar todo o meu amor só n'ella, só em Maria Paula!

O que acontece é talvez uma consequencia d'esta falta de filhos. Minha mulher é a perfeição ideal no

corpo e na alma; mas poderia ella amar-me só por mim, havendo entre nós as differenças que ha?! Já não estou na edade em que se merecem taes favores da sorte. Logo que ella não teve um filho, a sua alma, o seu coração ficaram á mercê da sensibilidade caprichosa. Quando me uni a esta creatura excepcional, é que devia ter pensado no que agora succede; mas não pensei. Como sabes, este casamento foi uma combinação de familia: a sympathia, que sempre por mim tiveram essas senhoras de quem dependia o futuro brilhante de Maria Paula, é que m'o proporcionou. D'essas boas amigas, já mortas, acceitei (com avidez e orgulho, confesso-o) o difficil encargo de lhes tornar feliz a sobrinha. Andei levianamente? Talvez; mas quem procederia de forma diversa?! Que homem raro recusaria esta proposta, principalmente não havendo da parte de M. Paula nenhuma opposição? Não se encontraria um só, estou certo!... E então, eu, natureza calma e contemplativa! De mais a mais, penhorou-me extremamente o tacto e a delicadeza com que me fallaram no enlace, e o modo simples e modesto com que ella assentiu. Poderia, depois d'isso, pensar em que este anjo adorado viesse a desgostar-se do paraizo tranquillo, que lhe criei? Reconheço hoje que fui insensato e sinto-o amargamente. Posso consideral-a uma ingrata para commigo, que a adoro como uma deusa; mas, no meu intimo, julgo seguir ella a lei da natureza, a grande lei da vida organica, que manda escolher e conjugar os casaes pelo maior numero de affinidades. Ora eu, que sou medico, sei que a diffe-

rença de edades, para o amor, é muitas vezes fundamental dissimilhança. Ella com os seus vinte e tres annos floridos encontrou n'um rapaz de trinta, o ente, que lhe accendeu no coração a divina chamma. E' uma pomba, que estava desprevenida ao sol, junto do seu pombal e, vendo passar a ave sua parceira, seguiu-a. Podia recusar-se á acção da força que a reclamava ?! Poderia e não o fez; mas estou certo de que luctou e muito, antes de se decidir. Por acreditar na sua innata virtude e no poder da sua educação religiosa, inclino-me para que este amor é um amor ideal: Maria Paula foi sempre a viva representação da modestia e do pudor. Acham-n'a um tanto coquete? Talvez o seja; mas que mulher formosa e rica o não é? Adora as toilettes caras, que pode ter sem esforço e é considerada como a rainha da belleza na sociedade em que vivemos. Isto mais prova a sua virtude; porque hade ter tido muitos pretendentes e a todos tem resistido. Eu ignoro esses factos, porque nós, os maridos, somos sempre os ultimos a sabel-os; mas alguma coisa terá succedido. E ella sahiu sempre victoriosa!... D'esta vez é que não foi bastante forte, mas tenho esperanças de que será coisa passageira.

Minha querida irmã: É bem certo que somos de barro fragil; vejo Maria Paula tão preoccupada e triste n'estas circumstancias, que avalio quanto ella soffre! Ha bastante tempo que eu a estranho na intimidade: perdeu a alegria e encontro-a frequentemente distrahida, a olhar para o vago... Se a inquiro, logo se alvoroça como surprehendida de me encontrar a

seu lado, a mim que sou seu marido! Chamo-a á realidade com brandura, rebentam-lhe lagrimas e enche-me de caricias. Ella e eu temos explicado tudo por um estado nervoso especial... Mas que lucta se não passa n'aquella pequenina alma! A sua virtude reage contra as cegas imposições do coração. Quando ella está melancolica, é quando eu mais admiro a sua formosura. A deliciosa palidez da tristeza dá-lhe immensa poesia ao olhar. Tu só a viste duas vezes atravez das grades do convento e quando ella ria. Não podes portanto apreciar bem o que te digo; mas olha que é incomparavelmente mais bella nas occasiões em que está mais triste. N'esses momentos especialmente acceito-lhe todas as explicações, pois não tenho animo de a inquirir A magia da sua palavra convence-me de quanto quer. E tambem não posso resolver-me a condemnal-a; porque tenho a convicção da sua virtude e pureza. E' um desvario de momento, vale bem a pena procurar remedia-lo.

Tu has-de desejar saber, e é necessario que o saibas, como eu vim na quasi certeza de Maria Paula corresponder á paixão do engenheiro, que anda louco por ella. Eu t'o conto. Tem minha mulher uma amiga muito intima, Lucinda do Amaral, que tu conheces de me ouvir fallar d'ella, pois é casada com um amigo meu. Senhora elegante, com influencia na sociedade por causa das festas que dá, adora a complicação da grande convivencia. O marido, homem rico, tem preponderancia na politica, como em tudo.

Na sua casa são frequentes os jantares de cerimonia,

soirées, concertos musicaes, representações de comedias... e todos os annos dá um grande baile. Essa festa foi agora, na epocha do entrudo, e combinaram que as senhoras novas se apresentassem de *cabeças* historicas ou de phantasia, e os rapazes de casacas de côr, á ingleza. Maria Paula estava verdadeiramente admiravel com um penteado de princeza de Lamballe, copiado d'uma gravura que não sei quem lhe emprestou. Por voto unanime foi quem se apresentou melhor! Todos me davam os parabens e eu sentia-me satisfeito.

Aquelles cabellos altos, negros e fartos como não ha outros, toucados de camelias brancas, mandadas vir da nossa quinta das Azaleas, que as tem muito lindas, sobre um rosto palido, onde brilhavam dois olhos negros, produziam effeito magnifico! Vi a estampa d'onde ella se inspirou e declaro-te que nunca encontrei parecença maior. Os que a gabavam tinham perfeitamente razão. Eu regosijei-me com isto no começo do baile; mas para deante, pelo que se deu, o coração ficou-me retalhado. Nunca fui amigo de redemoinho mundano: por natureza e por habito gosto do estudo e da vida solitaria; porém minha mulher é rapariga nova, sangue vivo, imaginação ardente e pensa de modo diverso. Terei direito de a contradizer?! Não foi para continuar reclusa, como estava no convento, ou afastada de certa convivencia, como estava em casa dos paes, que ella casou. Se eu tivesse seguido este systema, talvez fosse peior. O casamento foi para ella a libertação; reconheci-o logo no principio. Não me oppuz, porque não po-

dia ser. A mocidade tem os seus direitos e se muito a reprimem...

Prohibil-a de frequentar salões, theatros, a alta sociedade, que adora e em que brilha, era um acto de inqualificavel egoismo. Porque eu sinto de modo diverso, havia de a pobre rapariga, que estima as *toilettes* vindas de Paris, não se apresentar em publico bem vestida?! Porque eu sou homem de edade, hei de conserval-a fechada entre quatro paredes? Seria iniquo e o meu coração não é para tyranias absurdas. Não tenho eu as minhas predilecções de archeologia e não as satisfaço com a mais ampla liberdade e a contento de minha mulher, que nem repara nas despezas, nem no tempo que esse estudo lhe rouba dos meus carinhos?! Não posso querer um Deus para mim, outro para ella...

Mas vamos ao ponto principal d'esta carta: Apesar de não ser entendido em bailes, este dos Amaraes esteve deslumbrante no dizer de todos. Aborreci-me bastante, é certo, pois só de lá sahi ás seis horas da manhã. O *cotillon* foi longo de mais: Maria Paula não tomou parte n'elle por ser senhora casada, mas conservou-se até ao fim, recebendo differentes marcas com que a distinguiam, e uma por signal foi do tal engenheiro. Já durante a noite ella dansara duas contradanças e duas valsas com elle. As valsas não foram muito do meu agrado; mas consenti, em memoria da primeira vez que a vi valsar no *Sporting* de Cascaes, n'uma festa de caridade da rainha. A impressão que me deixou n'essa noite a sua figura vaporosa, sahindo

d'uma nuvem de rendas, levada nos braços sérios d'um primo casado, foi enorme! Dias depois d'essa festa, onde Maria Paula compareceu unicamente por ser festa de caridade e da rainha, é que se fallou do nosso casamento. Tu sabes muito bem como fiquei, quando me fizeram a proposta! Lembras-te do estado de felicidade em que te appareci, depois de tudo estar decidido! Não cabia em mim de contente, parecia uma creança de quinze annos! Como não havia de ser assim? Aquella ideal belleza, que passara deante dos meus olhos deslumbrados na noite do *Sporting* e que tantos homens cubiçavam, era-me offerecida como esposa! Quando ella pronunciou o timido e casto *sim* em minha presença, tive vontade de me atirar a seus pés e beijar-lh'os com humildade e gratidão. Mas o que me magoou no baile dos Amaraes não foi ella dansar, foi o dansar as duas valsas com o engenheiro, e serem ambas muito demoradas e conversadas. Pareceu-me que o facto dispertara alguns sorrisos, mas eu não fiz caso; porque nas salas é muito costume toda a gente andar com o sorriso nos labios, sem motivo.

E' natural que isto me incommodasse e que o veneno da suspeita me entrasse no coração! Pensei em me retirar antes do *cotillon*, mas os donos da casa despersuadiram-me. O meu amigo Diogo do Amaral, instando commigo para ficar, ignorava a dor immensa que me atravessava o peito! Nem eu lh'o podia confessar, antes occultei com energia esse grande mal, respondendo-lhe com naturalidade que sim, para que não suspeitasse do estado afflictivo da minha alma!

Eu não queria que elle o percebesse; porque o ciume rebaixa e torna ridiculo o homem casado, que o sente por sua mulher. Mas tambem não podia estar socegado, vendo o engenheiro approximar-se tantas vezes de Maria Paula, conversar com ella, leval-a pelo braço atravez das salas, passando por mim, como por um desconhecido! Aproveitei um momento em que elles se sentaram, para me ir collocar por detraz d'um reposteiro e ouvir o que diziam. O acto não me fica muito bem; mas eu pratiquei-o e não estou arrependido. Confirmaram-se as suspeitas que tinha: elle ama loucamente Maria Paula, e ella não repelle com sufficiente energia esse louco sentimento. Este é o meu aggravo: queria vel-a mais firme e decidida em o desenganar. Se o não afasta agora, é porque o ama ou virá a amal-o.

Cheio de colera assentei em fechar a porta da minha casa a Roberto, quando elle aqui voltasse. Mas pensando melhor procederei d'outra forma, pois vejo que isto será uma grave offensa á virtude de minha mulher e causará grande escandalo, que acho prudente evitar. Que me aconselhas n'este ponto?! Se o não recebermos mais, as linguas viperinas inventarão coisas monstruosas, que não existem. O mundo é tão perverso!... Na volta para casa (principiava a romper o dia, lindo dia para muitos, menos para teu irmão!) Maria Paula foi gentilissima commigo: fallou de toda a gente, que estivera no baile, menos do engenheiro. Já o teria esquecido? Não o posso crêr; mas ella não é simulada, a sua alma sempre se me revelou sincera. Quer-me parecer que este amor, que eu sei existir, não será dura-

douro; conheço a alma de minha mulher, que é toda virtude e pureza!

Aqui tens, querida irmã, a situação. Julga-a com a tua prudencia e aconselha-me. Devo fechar a porta a Roberto, quebrar relações com elle? O escandalo não será o peior, não tornará a situação mais complicada? Como tomará Maria Paula uma coisa d'estas, se eu lh'a proposer?! Não vejo claro, o meu espirito está cercado de confusões, diz-me o teu parecer.

Teu irmão do coração

Julio.

II

1.ª — DE D. MARIA DOROTHÉA, SOROR MARIA DA PUREZA, NO CONVENTO DE S*** *a* SEU IRMÃO JULIO.

Irmão, em Deus:

Não esperavam estes olhos mortaes encontrar hoje a desconsolação de ler a tua carta! Que mal ella me fez! A minha alma é obrigada a ir immediatamente aos pés do confessor, para se purificar d'uma leitura, que lhe trouxe maus pensamentos. Essas pessoas, com quem vós andaes no mundo, são sepulturas de peccados; nem tu, nem tua mulher o percebem, pois viveis acorrentados pela mesma escravidão ao demonio. Uma enorme muralha, que chega ao ceu, me separa hoje de tudo isso;

só quero a salvação da minha alma, unico empenho da minha vida.

A carta que me escreveste foi-me entregue fechada pela nossa Mãe Superiora, que a não quiz ler antes, como podia. Porém, logo que os olhos do meu corpo viram n'ella escripta tanta coisa má, encheu-se-me o coração de escrupulos, não a levei ao fim e fui-lh'a entregar, para que ella julgasse se devia concluir a leitura ou queimal-a, dando-a como não recebida. Com aquelle admiravel dom d'uma intelligencia santa, que tudo comprehende e remedeia, depois de ter meditado as tuas tristes confissões, entregou-me o papel dizendo: «Pódes acabar filha, precisamos salvar essas almas. Teu irmão e sua mulher, dois grandes peccadores, precisam ser resgatados, pois vivem presa do inferno. São estas as grandes victorias de Satanaz; parece incrivel que tua cunhada fosse educada n'um convento! O mundo, porem, tem artes para desfazer a obra do Senhor. Orações e penitencias, talvez ainda os livrem a ambos da condemnação eterna. Que venha, ella ao menos, aos pés do nosso bom padre Martinho de Peruza, que é medico para taes casos. Em Italia fez muitos milagres d'essa qualidade».

E' o que te proponho. Vem com ella a esta santa casa, ou o nosso confessor irá a Lisboa, se tanto fôr preciso. E' um sabio e um santo, Maria Paula sahirá curada dos seus pés. Ao mesmo tempo, e isso já, expulsa de tua casa o tal engenheiro Roberto, que não é engenheiro, nem Roberto; mas sim o demonio disfarçado. Não sejas tibio, não temas o escandalo, põe-no no meio

da rua, fecha as tuas portas com todas as trancas, cerra até as janellas, que Satanaz tem azas! O grande escandalo, que temes, és tu que o estás consentindo; a noticia d'elle, decerto já chegou ao ceu, onde tudo se sabe.

Querido irmão: Foi bella a nossa mocidade emquanto a innocencia nos doirou a alma. Brincavamos juntos no jardim, viviamos felizes sob o mesmo tecto. Tu sempre foste bondoso e condescendente, eu mais turbulenta. Já então davas mostras da tua mansidão d'hoje, que tanto te está prejudicando. Crescí na falsa idéa de que nas vaidades do mundo se póde encontrar felicidade! Emquanto tu seguias os teus estudos, sempre com esse geito que Deus te deu para os livros, eu enfeitava-me para ser pretendida. Mas o Altissimo, que vigia paternalmente as creaturas, poz no meu caminho uma grande provação, para me desenganar. Aos vinte e cinco annos conheci a perfidia e a mentira; chorei lagrimas que me escaldaram as faces; julguei morrer... Tu sabes d'isto perfeitamente e não quero agora passado tanto tempo, recordar coisas, que me causam repugnancia. Podia ter morrido d'essa grande dôr; mas ainda bem que vivi, para ter a incomparavel dita de conhecer Deus, como hoje o conheço. A sua infinita misericordia, amerciando-se da minha fragilidade, trouxe-me um toque ao coração e abriu-me as portas da ventura celeste, para que a contemplasse e ambicionasse. Foi uma luz redemptora, que me illuminou; uma alma nova se creou em mim e logo n'ella appareceu a vocação para esta ditosa vida, que ora goso. Tu e nossos paes ainda me quizeram dissuadir; mas, por feliz

inspiração, desobedeci. Quem foge para Deus não desobedece aos paes. O dictame divino salvou-me; hoje posso desafiar artificios e enganos do inimigo das almas, que não o temo. Esse mundo em que tu vives é todo falsidade e vaidade; eu só obedeço á voz do meu Deus, que me falla, nos momentos em que medito nas suas amantissimas chagas!...

Confronta agora a tua com a minha vida: tu lá ficaste com os gosos da sociedade e és infeliz; eu vim para a penitencia, na casa de Deus, e sou ditosa: tu, um homem rico, sabio, considerado, sentes-te objecto de despreso perante ti mesmo; eu, pobre, humilde freira desconhecida, gozo a paz no seio da religião. Qual de nós acertou?...

Interrompo esta carta: vou ao nosso côro. Deus me inspire no que tenho ainda a dizer-te.

Estive mais de uma hora em oração mental, para melhor me recolher no seio do meu Deus. A minha alma andou por espaços e regiões sem fim. Acabava de ler pela terceira vez a tua carta, para bem a ter de memoria, e vi quadros tenebrosos! A fronte severa de Jesus, de que não despreguei os meus olhos, revelou-me coisas tristissimas acerca de Maria Paula! A vida que ella leva em salões e casas de theatro, é contraria á vontade do Altissimo. Retira-a, quanto antes, d'esses logares de perdição. Ella é uma insconciente, como todas as suas companheiras de divertimentos, que só pensam

em vaidades e em dar pasto aos sentidos, que são as portas abertas para a entrada dos peccados. O demonio é o mentor de todas essas loucas, nos seus alardes de belleza, na ostentação do seu luxo. Elle é que lhes põe as joias sobre as sedas e o carmim na pelle, para provocarem a attenção dos homens. Maria Paula, apesar de educada em casa religiosa, nunca pensou na salvação da sua alma; as orações passaram-lhe sem fé nos labios frios. Quando aqui vieste com ella, nós todas adivinhámos o que te está succedendo. O seu vestuario orgulhoso, o seu fallar voluvel deixou n'este convento grande magua. Digo-te mais, escandalisou estas santas, que logo principiaram a orar por ella, pois lhe conheceram os signaes externos de ter a origem dos peccados na imaginação. Não te disse tudo que te devia dizer n'essas circumstancias... Ainda mal; porque se te houvesse fallado mais claramente, talvez tivesse evitado tudo isso que hoje se passa e é horrendo. Mas quem sabe se tu me darias ouvidos?! Pelo tom da tua carta parece-me que não, pois o demonio, com os seus filtros e artificios, não só envenenou o coração de tua mulher, mas escureceu a tua intelligencia. Abre os olhos, Julio! Pois tu vendo patente o escandalo, ainda queres evitar o escandalo?! Que modo é esse de evitar o escandalo, consentindo-o?! Entra-te em casa o demonio na figura de um engenheiro, e tu, em vez de o expulsar, sental-o á tua mesa! Enlouqueceste, meu irmão! E's cumplice de tua mulher, um consentidor da sua má vida!

Abre os olhos e vê a verdade. Nós todas te auxiliaremos com as nossas resas ao Altissimo, as quaes já

não podem ser mais fervorosas, nem mais sinceras. Deus ha-de perdoar-vos, mas é necessario que entreis no bom caminho. Vem aqui e traz comtigo Maria Paula. Peço-te, porém, que não appareça, como da outra vez, com vestidos de ostentação, d'esses que servem para provocar os olhares dos homens. Com isso só mostrará que traz a sua alma suja de profanidades e que se não sente inclinada á penitencia e ao arrependimento. Que se limpe lá fóra d'essas vilezas, pois será esse o principio e o modo de obter perdão para as suas grandes culpas. Se te parecer melhor que o nosso grande confessor vá á capital e a ouça em alguma egreja d'ahi, dil-o; porque a nossa obrigação é arrebanhar o maior numero d'almas para Deus. Para o conseguir não pouparemos sacrificios. Este caso de tua mulher será uma grande conquista, que no ceu ha-de causar immensa alegria e no mundo dará brado! Esperamos a tua decisão, que não poderá ser outra senão fazeres o que te aconselho, e vem breve, para mais depressa tirarmos do inferno a alma de tua mulher, que é uma peccadora como tantas outras.

Tua irmã em Christo

Maria da Pureza.

III

2.ª — De D. Maria Dorothea, Soror Maria da Pureza, no Convento de S *** *a* seu irmão Julio.

Estamos no tempo quaresmal, tempo de santo arrependimento para todos os peccadores. Ainda me não respondeste á minha primeira carta; mas, como hontem um frade hespanhol viesse á nossa egreja fazer um tocante e instructivo sermão ácerca do luxo das mulheres, dos seus perigos e significação diabolica, eu pedi licença á Nossa Mãe para te communicar o que ouvi, pois o julgo de muito proveito e lição para o teu caso. Não se me tirou da imaginação Maria Paula, emquanto ouvi o pregador e pareceu-me que o Altissimo me indicou que elle viera cá por sua ordem, com o fim de eu vos fazer conhecer a sua divina palavra. Já te disse que é nossa convicção, que a ostentação de adornos em tua mulher foi o meio de que Satanaz se serviu, para attrahir os olhares do engenheiro e que d'isso veio todo o mal, que hoje existe. Ahi vae o que escutei e me parece de grande lição:

Todos os grandes santos são contrarios aos trajes e adornos faustosos ou excessivos. São-no S. Cypriano; S. Jeronymo; S. Clemente Romano; S. João Chrysostomo, a bocca incomparavel; S. Gregorio; S. Antonio e outros. Que tua mulher não pretenda ser mais que a Santissima Virgem, que, de estirpe real, teve por

vestuario em toda a sua vida, apenas duas tunicas de lã natural e nunca usou luvas, nem anneis e mais joias, e sempre recusou enfeites para o rosto e cabellos. As creaturas vaidosas, que se adornam superfluamente, são aconselhadas pelo demonio para irritar Deus. Diz S. Cypriano que quando apparecer em juizo a mundana, que em vida trajou impudicamente, o divino Julgador lhe dirá: «Não é esta a obra que eu fiz, não é esta a imagem que eu formei, não é este o modo de vestir que ensinei. O que eu signalei é o vestuario da penitencia, este é o da malicia; o que aconselhei servia para afastar a provocação deshonesta, este incita ao peccado» — Santo Ambrosio, o grande Arcebispo, diz que Deus, quando examinar o rosto da mulher, transtornado com invenções diabolicas, a repellirá, exclamando: «Não são estas as minhas côres, não reconheço em ti a minha imagem, não trazes o semblante que te reparti». O pregador, que escutei, instiga a mulher profana a que arremesse de si os atavios infernaes apostrophando-a: «Em que se parece a côr do teu rosto ao denegrido e esbofeteado do de Christo? Em que as joias e fitas da tua cabeça á sua corôa de espinhos? Como dizem os teus anneis de diamantes com os cravos que pregaram as divinas mãos? Como podem os teus olhos altivos e sensuaes fitar os de Jesus, cheios de sangue? E o teu escandaloso decotado, terá comparação com a chaga viva do peito e costas do nosso Redemptor, depois dos milhares de açoites que lhe deram!?»

Estas palavras escaldavam-me o coração; porque

eu bem sentia que eram dirigidas a Maria Paula. Ellas devem ser apreciadas, não só pelo escandalo a que se referem, mas ainda pelos peccados, que d'esse escandalo resultam. Simão de Casi chama ás mulheres, que usam muitos enfeites, mestras de perdição e falla d'ellas do seguinte modo: «Quem estará livre e seguro dos incentivos dos trajes profanos?! Não o está o confessor no confessionario, nem o pregador na cadeira do Espirito Santo, nem o sacerdote celebrando, pois todos podem tropeçar com a vista no que lhe inquieta o coração. O mancebo, ainda que seja virtuoso, não está seguro de taes estimulos; o ancião pode sentir resuscitar em si desejos já mortos. Quem estará a cima d'essas tentações?!...» Taes creaturas, mesmo sem o saberem, pregam a carnalidade mostrando impudicicia e são as verdadeiras mestras de perdição no dizer do veneravel de Casi.

Podem dizer que tudo fazem sem má intenção, que os seus adornos não são para provocar nem maus pensamentos, nem maus desejos. Ouçamos o que diz S. Bernardino de Sena, o humilde franciscano, todo bondade e doçura: «Que importará que não se tenha má intenção, se as consequencias que se seguem são más? Não serão condemnados pela má intenção, que não tiveram; mas pelos peccados que do trajar vaidoso e provocativo se originaram.» S. João Chrysostomo, o admiravel bocca d'oiro, dirigindo-se á mundana, instigada ao luxo pelo demonio, diz-lhe: «Tu afiaste a espada de Satanaz com o teu vestir escandaloso.» S. João Egidio ouviu o seguinte d'uma condessa faustosa, con-

demnada a penas eternas e que lhe appareceu em sonhos: «Fui casta, esmoler, abstinente: os tormentos que me affligem não os soffro por outra coisa mais do que pelos meus adornos, com os quaes fui mais perniciosa, do que o proprio fogo do inferno; porque este não queima senão peccadores, em quanto que a minha profanidade abrasou os bons, os justos e os santos.» Medita bem n'estas palavras, meu irmão, e que tua mulher as medite tambem: abrasou os bons, os justos e os santos! Que farão aquelles que são fracos e vivem paredes meias com a incredulidade! ?

Por isso não adies por mais tempo a reforma da tua casa, da tua vida e de tua mulher. Se queres sinceramente o bem, procura-lhe o remedio sem tibiezas, nem desfallecimentos. Entrega Maria Paula a um confessor, como o padre Martinho de Perusa, nosso director, e que depois d'isso não tenha um só pensamento, que lhe não communique. Só a religião póde salvar tua mulher e a tua dignidade. O mal, até hoje realisado, que decerto é grande, cura-se pelo arrependimento e pela penitencia; o mal futuro evita-se pensando nas coisas divinas. Salva a tua alma, salva a tua honra e considera que a formosura de tua mulher, vivendo ella em peccado mortal como vive, é a mais horrenda fealdade. Cá ficamos todas resando para que a providencia Divina vos toque os corações com um ligeiro relampago de arrependimento, pois será o sufficiente para que ambos entrem no caminho da celestial ventura. Não te demores em vir a esta santa casa, com a tua doente; encontrarás um hospital maravilhoso para essa moles-

tia de que ella soffre, e um medico incomparavel no sabio Martinho de Perusa, que tem valido a muitas outras desgraçadas, eguaes a Maria Paula.

Tua irmã, em Deus

Maria da Pureza.

IV

DE JULIO *a* SUA IRMÃ D. MARIA DOROTHÉA

Lisboa, 21 de Fevereiro.

Irmã Maria Dorothéa.

Não respondi á tua primeira carta, porque me desgostou muito a sua leitura. Ainda não estava passada esta magua, qnando recebi a segunda, que ainda a aggravou. Como essas casas transformam as pessoas, como o sectarismo, mesmo o da melhor das religiões, é estreito, arido e feroz! Conheci-te rapariga alegre e moça, como as demais; lamentei ha bons vinte e cinco annos a tua resolução de entrar para um convento, como remedio insufficiente para a grande desillusão, que tiveste na vida. Porém o que eu não podia suppor, é que tu chegasses ao estado d'alma em que vives, duro, cruel, nada caridoso. No labor da minha vida tenho pensado pouco em ti, suppondo-te apenas uma hysterica mystica, quando és peior, pois te faltam os sentimentos humanos, que tinhas, e o amor de familia,

que se deve conservar atravez de tudo. Essa casa é um hospital sim, mas para amputar das almas o carinho e a bondade. A tua religião, á primeira prova séria a que a sugeitei, revelou-se uma religião dos tempos antigos, em que se queimavam pessoas em fogueiras. Esses pregadores e confessores julguei-os mais intelligentes e essas freiras mais caridosas para com as faltas dos outros. Reconheço que paira sobre as vossas cabeças uma atmosphera de loucura e que muito mal entregue e defendida está a religião de Jesus. Esse odio á livre expansão da alegria é gaz deleterio, que podia fazer muito mal, se se espalhasse cá por fóra. Felizmente não espalha ; e que espalhe, nós temos purificadores.

Tu nem reflectiste no que escreveste, Maria Dorothéa !

Pede-te um irmão conforto para as suas maguas, conselhos para um ponto grave da sua vida, e tu, d'isso que é uma confissão recatada, um segredo intimo, que nunca devia passar de ti, tiras pretexto para assoalhar os seus desgostos, perante todo um convento ! Tem isto sombra de juizo e de caridade ?! Espero de minha irmã palavras de carinho para suavisar o estado doloroso da minha alma, cuido que vou encontrar balsamo para a minha ferida e recebo bofetadas na minha honra, punhaladas no meu coração atormentado, loucas sentenças de condemnação eterna ?! Pode lá ser religião de amor e doçura essa que praticaes ?! Maria Paula é simplesmente uma rapariga nova, imaginação viva, intelligencia prompta, e tu consideral-a já como a ultima das mulheres perdidas ! Infamia, calumnia inventada

pelo negro fanatismo, que odeia a alegria e a felicidade humana. Minha mulher é casta, tem no rosto, onde tu e as tuas companheiras viram impuresas, a modestia e o pudor; frequenta regularmente as egrejas, até mais do que é da minha vontade. Apesar das queixas do meu coração, que me arrependo de te ter confiado, acredito na sua virtude. Quem sabe se o estado atormentado da minha alma, não concorreria para a tua injustissima apreciação?!... E' possivel: eu não me lembro bem do que te escrevi!... Em todo o caso, não tinhas direito de me tratar a mim e a minha mulher, como fizeste. Os casos como o que te expuz, são vulgares e nem sempre tem consequencias deshonestas. As queixas, tão desastradamente levadas ao teu conhecimento, foram talvez exageradas; porque eu sou zeloso até do ar, que toca nos labios, nos olhos, no cabello de Maria Paula!

Repito: estou certo que minha mulher é, e continuará a ser, esposa modelar. Conheço-lhe bem a delicada alma. Em vez de prohibições ridiculas hei de vencer esta campanha pelo affecto, pelo carinho e pela dedicação. O casamento, nem sempre é amor reciproco; mas deve ser honesto. Eu fiz um enlace de conveniencia, que durante mais de cinco annos me tem garantido completa felicidade e continuará a garantir-m'a. Para o affirmar basta a convicção, que tenho, de que Maria Paula tem repellido até hoje as tentativas do tal engenheiro. Concentrando na minha memoria os factos passados, tenho d'isso as provas moraes. Ora se ella luctou pela sua virtude e pelo meu decoro, é uma mulher honesta e o

que actualmente se passa será mera condescendencia, ou se o não fôr, será amor só da alma. Não tenho força para a condemnar, pois reconheço quanto me é affeiçoada pelos muitos carinhos, que a todo o momento me prodigalisa. Se ella fôsse má, como tu com injustiça descaroavel entendes, isto não se dava. Minha mulher não me odeia; muito pelo contrario reconhece em mim o seu marido e o seu amigo. E' sentimento leal que devo fortalecer e não insultal-a, levando-a aos pés d'um confessor, que ella não conhece e que será, pelos modos, um homem tyranico e rispido, sempre com as fogueiras do inferno junto dos conselhos. Nem ella, a delicada flôr, se sujeitaria. Se eu agora a prohibisse de frequentar salões e theatros, se a sequestrasse do mundo, que adora, o effeito seria contraproducente. Condemnar-lhe o uso das *toilettes* caras, prohibir-lhe adornos e enfeites que a tornam tão bella, é estupido; seria eu o primeiro castigado, porque a admiro no esplendor da sua belleza realçada pelo luxo. Ter formosos cabellos e mostral-os não é pecado: Christo, quando em casa do phariseu recebia carinhoso o balsamo da Magdalena, que lhe limpou os pés com os lindissimos cabellos, não a castigou mandando-lh'os cortar. Os teus conselhos, dado mesmo que fossem exequiveis, produziriam escandalo publico, que me enxovalharia creando além d'isso em Maria Paula um justificado espirito da revolta, que a poderia levar... sei lá para onde!... Finalmente, tudo que tu dizes são necedades, que fiz mal em provocar.

Tenho o coração alanceado pela maior das dores, a

minha alma tranborda de amargura; porém sou homem de juizo prudente, hei de proceder com brandura, e assim conseguirei que Maria Paula volte completamente ao meu coração. Planeio sahir de Lisboa, fazer talvez uma grande viagem. Tudo passará com a distracção, com os novos aspectos e com a solicitude dos meus carinhos.

O tal engenheiro, não o repellirei abertamente — acho isso desnecessario e até humilhante! Reconhecendo elle a inutilidade dos seus esforços perante Maria Paula e a minha atitude digna, desistirá do louco emprehendimento.

Vou dedicar mais tempo a minha mulher, cortar pelos meus estudos favoritos, mostrar-lhe que a minha alma se occupa só d'ella. Com estes meios vencerei esta crise do seu coração inexperiente. Sentindo-se amparada e fortificada verá mais claro na estrada da sua vida. Guiarei o tratamento d'esta accidental enfermidade pela educação da vontade, para lhe acalmar a imaginação. Obterei bom resultado, estou certo. E nada de confessores, de penitencias, de contrariedades, que são meios deshumanos e barbaros, proprios dos tempos idos.

Teu irmão

Julio

V

De soror Maria da Pureza *a* Julio maldonado

Deixamos de ser irmãos: não temos o mesmo sangue nas veias, mudaram as nossas naturezas, a tua alma não tem hoje nenhum parentesco com a minha alma. Devolvo-te as cartas que me enviaste: são obra de Satanaz, que te guiou a mão para as escreveres tendo o fim de inquietar com tantas blasphemias, uma serva de Deus, que só deseja viver na oração. Tenho de ir aos pés do confessor dar conta da minha alma, que durante algum tempo esteve em contacto com o espirito do mal lendo as tuas cartas.

Se a morte me encontrar antes da absolvição, que procuro, terei certamente que soffrer penas do purgatorio por tua causa. Bem sei que tudo fiz em serviço de Deus; mas ainda assim é natural que pecasse. Só por caridade e dever religioso emprehendi a grande obra de conversão d'uma peccadora, que é tua mulher; porque isso agradaria ao ceu. O demonio teve mais força do que eu, fui vencida. Seja pelo divino amor de Deus e em desconto das minhas faltas, que deverão ser grandes. A tua segunda carta, pelas suas palavras offensivas da magestade da santa religião, é um desacato que trará contra ti justa punição e a ira do Altissimo. Apesar d'isso todas nós procuraremos afastar esse castigo. Durante o tempo quaresmal, tu e tua mulher sereis contados nas nossas resas. Deus que é infinitamen-

te bom se amerceiará da vossa desgraça, illuminará os vossos corações e fará de vossas almas rebeldes, almas submissas e arrependidas. Eu ainda o creio; porque a Infinita Misericordia tudo póde, para tudo vale. A Vontade Omnipotente guia o mundo desde o principio, com um pensamento da duração d'um curtissimo relampago. Queira ella e o demonio ficará esmagado. O caminho da penitencia e do arrependimento, onde encontrareis a salvação, vos será aberto. E' o que todo o convento (sem saber por quem ora, pois é segredo da Nossa Mãe) vae pedir nas suas orações;porque a oração é a grande arma contra Satanaz, como diz nas seguintes palavras o grande doutor Serafico, S. Boaventura :*queres conhecer as astucias do inimigo e deffender-te dos seus enganos, exercita a oração.*

Que o Todo Poderoso afaste da tua casa esse engenheiro, que a ella levou o peccado, pois elle não é mais do que o demonio em figura de ser humano. E adeus talvez paras empre: não nos poderemos mais communicar em quanto no teu espirito não apparecer a verdadeira contricção. Apesar de quanto me escandalizaste, termino pedindo á Virgem pura que interceda para que a salvação e a luz celestial caia sobre vós.

Maria da Pureza.

IV

De Maria Paula *a* Roberto

1 de Março.

Sinto-me de cada vez mais vigiada pelos zelos de meu marido. Vivo em grande anciedade! Tenho de mostrar sorrisos, quando de sustos e de lagrimas está cheio o meu coração. Julio é sempre amavel, mas deixou de ter em mim a cega confiança, que sempre teve. Sinto-o. Alguem nos denunciaria? Mas quem, se só Lucinda e a intermediaria das nossas cartas, conhecem esta nossa desgraçada inclinação! Lucinda é mulher altiva, coração nobre; na rapariga tenho a maior confiança. E' que não temos sido bastante cautelosos. Com receio andava eu de que o seu incauto procedimento. Roberto, podesse descobrir o nosso amor. E para que?! Não tem hoje a certesa de que o amo? Veja-me em publico com os olhos com que vê todas as outras mulheres, peço-lh'o.

Depois do baile dos Amaraes é clara a desconfiança de meu marido. Não que haja qualquer aspereza na nossa convivencia: Julio é incapaz de tal; mas anda triste, pouco assiduo nos seus estudos, e, apesar da mansidão do seu olhar, transtorna-se-lhe o rosto, quando o vê approximar-se de mim. As outras pessoas poderão não dar por isso, mas eu conheço-o d'uma convivencia de cinco annos! Venha menos a esta casa, encontrar-

nos-hemos na Paraiso, nos Amaraes, na Peixoto Alves, que tambem vae receber e na partida da Agua-Santas. Não desconfie do meu coração, mas tenha dó do de Julio. Pobre amigo! Como é infeliz! Mas eu não o posso amar, Santo Deus! Encontro-o, ás vezes, só no seu gabinete de estudo sem olhar para os livros, com um aspecto de tamanha dôr que me causa remorsos! Faço-lhe caricias para o distrahir, recebe-as com reconhecimento, mas continua na mesma. Passa dias sem visitar as suas collecções, o que nunca succedeu, nem nos primeiros tempos de casado. Comprehende que isto me traz amargurada, pois reconheço ser a causa de tanta tristeza. Antehontem, em S. Carlos, elle não assistiu ás scenas mais violentas do ciume de Othelo; quando o barbaro mouro entra para matar a innocente. Desdemona desviou-se para o fundo do camarote. Quererá isto dizer que Julio supponha que, como no Othelo, o que entre nós existe seja um engano, uma malfadada illusão dos seus proprios sentidos? Como se engana! Não o é, não, desgraçadamente!

Hontem, depois de chegarmos de casa de Lucinda, onde a sua assiduidade foi maior do que devia ser, para quem me promettera recato, dirigimo-nos aos nossos quartos. Eu não adormeci logo que me deitei e senti que Julio tambem se conservava acordado. Despertei no meio da noite, escutei e ainda elle se voltava na cama, dando suspiros! Tive a maldade de lhe não perguntar porque suspirava... Se eu o sabia muito bem!... Se um dia elle chega á certeza de que eu amo outro homem, não me fará uma arranhadura, mas morrerá

de dôr. E' isto que mais me atormenta ; antes queria que tivesse animo de me enterrar um punhal no peito! Se fosse um mau marido, bruto e malcreado como tantos, eu ainda teria desculpa de não gostar d'elle. Mas não : é a doçura, a bondade, tem delicadezas e carinhos que nunca senti em minha mãe! Mas, Santo Nome, se eu não posso! Se eu não posso arrancar do peito este amor, que é toda a minha ventura, ainda que me queime como um ferro em braza! Que me fez Roberto, para assim me endoidecer e desvairar! De que magicos filtros lançou mão, de que influencias mysteriosas se serviu, para gerar em mim esta felicidade, que é toda a minha desventura! Amo-o e quero morrer; procuro attrahil-o e quero fugir-lhe. Que enorme contradicção... Andarei eu em meu juizo, quando penso n'estas coisas todas?! E' bem possivel que não... Tanto rezo á Virgem para que me proteja e dê luz, mas de cada vez me sinto em maior escuridão. Estarei abandonada d'essa mãe amantissima?!

Eu não vejo fim a este amor, Roberto. Se elle tem de acabar, que seja breve para nos atormentarmos menos tempo. Eu amo-o, amo-o até lhe querer sacrificar a vida em estado de pureza, mas não posso ir além. No dia em que o tentasse, sei que os meus pés ficariam pregados á terra. Que venha sobre mim uma grande molestia, uma disformidade de rosto para tudo acabar, é o que peço como dom celeste. Ha aqui tres desgraçados, dos quaes eu sou a maior e a mais culpada. Então que soffra eu só; Julio não, porque isso seria grande injustiça. A si quero-o poupar a qualquer amargura,

ainda que seja do valor d'um alfinete. Se viesse a molestia e eu morresse... ambos me chorariam muito, mas haviam de esquecer-me...

Corremos risco de grandes contrariedades. Julio falla em fazermos brevemente uma viagem, ou irmos este anno mais cedo para as Azáleas. Como estou mudada! D'antes era eu que lembrava a partida para a quinta, a cujas sombras carinhosas sonhei e brinquei, agora custa-me abandonar Lisboa. Toda a minha vida infantil e de rapariga está dependurada d'aquellas queridas arvores, mas já não gosto d'ellas.

Na viagem não acredito muito, pois conheço o genio pouco decidido de Julio; a ida mais cedo para as Azáleas acho-a possivel. E' costume dos Amaraes partirem ao mesmo tempo que nós para a sua quinta das Mouras, que fica perto. Acontecerá este anno a mesma coisa, visto anticiparmos a sahida de Lisboa? Creio que sim e espero que Lucinda continue ali a dispensar-nos a sua protecção, convidando-o para seu hospede. N'isso haverá facilidade, porque ella costuma ter sempre gente. Mas veja que transtornos, só porque não tivemos o juizo de guardar bastante cautella! Haveria denuncia de carta anonyma? Não o creio, ainda que vivemos cercados de invejas e de má gente.

A sua

M. P.

VII

De Roberto *a* Maria Paula

Querido amor.

5 de Março.

«Sê tão casta como o gêlo, tão pura como a neve, não escaparás aos golpes da calumnia» — diz o sombrio Hamlet á virtuosa Ophelia.

Como pensava ser uma excepção?! Julga que o amor, chamma incendiaria, luz accusadora, se póde esconder dos olhos da curiosidade! Impossivel! Os que amam, devem ter a coragem de amar. Admittir que um sentimento tão vasto, tão nobre, tão bello, póde existir toda a vida ignorado, é o mesmo que acreditar que a flôr do branco lyrio póde ser bella debaixo da terra.

Os nossos corações, onde o amor nasceu pela acção mysteriosa de força irrepremivel, são muito estreitos, para o conter todo, e elle terá forçosamente de se exteriorisar. Se não fosse assim, não passaria d'um mesquinho e envergonhado sentimento, que foge do sol como as toupeiras. Terá havido intriga? Talvez. Será mera desconfiança de seu marido, obtida por observação directa? Acredito-o. Porém se seu marido é homem sensato como diz, reconhecerá que houve engano no casamento d'elle comsigo, e que Maria Paula nunca o amou. De quem a culpa? De si que era innocente creança sahida da clausura d'um collegio religioso!... Elle hade sen-

tir de quem é o erro. Até talvez tenha criticado outras ligações viciosas, assentes como a d'elle em parecidos convencionalismos sociaes e que não resistem ao sopro forte da verdade e da natureza, que as desune, como o vento norte desfaz uma nuvem.

Elle deve sentir qualquer coisa como o que lhe digo; tenho a prova d'isso, no modo como me fallou hoje no Gremio. Não conheci mudança no seu tracto, ainda que a sua voz seja mais velada na conversa e o animo menos communicativo. Tratamos assumptos variados e separamo-nos com o classico aperto de mão. Encontrei-lhe, é certo, alheamentos no modo inopinado com que passava d'uns assumptos a outros. Se seu marido estava preoccupado, eu, pelo contrario, sentia-me muito senhor de mim; pois estou preparado para tudo. Não lhe roubei o coração de sua mulher; porque elle nunca lhe pertenceu. Apezar da minha serenidade, talvez eu estivesse de animo mais hostil do que elle! Um espinho me roçava no coração. Por mais que me queira acostumar a outra idéa, este homem é um usurpador, está de posse d'um preciosissimo objecto, que me pertence. Denuncio-lhe a si (e não me reprehenda) mais uma vez este estado do meu espirito de revolta contra certas prisões de leis, que reputo iniquas e contra elle que é um seu agente titulado. Este *bom homem*, com os seus dedos grandes e osseos está-me apertando a garganta, quer-me suffocar e eu hei-de consentil-o, sem me defender?! Tira-me o ar dos pulmões, a luz dos olhos, a vida da vida e hei-de bemdizel-o?! Não posso; supporto-o, por seu amor; não tem prova maior de quanto lhe

quero. Elle ama-a? Tanto peior, é o inimigo irredutivel. Elle ama-a? Não a póde amar como eu; porque não póde sentir como eu. Ama-a com egoismo, quel-a como valor social. Amar todos a amam, Maria Paula. Nem os homens, nem os brutos deixarão de sentir a fascinação da sua formosura. Porém amal-a com amor, com elevação, transporte, febre, suprema idealidade, só eu e mais ninguem. Elle goza-a, não a ama e é isso que me revolta. Faço herculeos esforços para moderar a minha sensibilidade, para ser cordato e transigente; mas é um immenso sacrificio, que não sei quanto tempo poderá durar! Sinto-me humilhado nos momentos em que penso que elle a possue, sem a saber apreciar. Esta divina chamma que me funde o coração, não é capaz de a sentir aquelle arcabouço de sabio envelhecido no estudo! Esta vehemencia, que sahindo do meu peito abrange todo o universo; este anhelo sublime, que é uma palpitação de toda a natureza em nós e que se chama amor, não a póde sentir seu marido; porque não tem alma para isso. O amor verdadeiro não está só no coração, nem só no cerebro; é immenso, não tem orgão proprio, ama-se com todo o ser. Elle é incapaz de o conhecer, ainda que esteja convencido do contrario. E' seu marido para o mundo, eu sou-o para a alma: o nosso matrimonio deu-se no instante inolvidavel, n'esse primeiro momento em que n'um relance d'olhos as nossas almas se encontraram. Elle não é um barbaro, diz, nem um tyrannete como tantos outros. Concordo, mas tambem não é um amante, é um marido. O homem que não fôr as duas coisas ao

mesmo tempo, será sempre um companheiro aborrecido, concorde. A sublimidade da sua natureza, Maria Paula, a sua imaginação de fulgurações idealistas, não póde contentar-se com o que na casual partilha social lhe tocou, exige outra coisa. E' a voz da natureza, que se impõe e não a voz do artificio, que falla.

E não me torne a escrever enormidades como esta da carta a que respondo: *Que venha sobre mim uma grande molestia, uma disformidade de rosto para tudo acabar*... Maria Paula, isto é que é uma blasphemia! Permitta-me dizer-lhe que a sua razão estava perdida, quando escreveu taes palavras. Se ha peccados, se ha pensamentos ou palavras, que possam offender a divindade são estas e aquelles. Não diga, nem escreva, nem pense outra vez coisas taes, e fique persuadida que são inseparaveis os nossos destinos. Felizes ou desgraçados temos de ser um do outro, absolutamente, sem partilha. Como se ha de completar a nossa vida, como o nosso destino se realisará, não sei; mas a nossa união ha de effectuar-se. Maria Paula sente-o, como eu. E tambem não vejo maneira de protelar muito a realisação da nossa ventura, sem sermos consumidos pelo fogo que nos devora.

Estou cansado d'espirito, mas a lucta por seu amor revigora-me.

Do coração

Roberto.

VIII

Do mesmo *á* mesma

10 de Março.

Ha dois dias que a não vejo! Calcula o meu martyrio, as insomnias em que endoideço, as terriveis suspeitas do meu coração. Mandou chamar o medico para seu marido. Estará elle na realidade doente, ou será outra coisa? Tudo isto me lança n'uma confusão de espirito e n'um immenso exagero de soffrer! Esclareça-me, diga-me qualquer palavra que me acalme.

A viagem ao estrangeiro está por agora adiada: pois não se fallou mais em tal. Disse-m'o a sua... a nossa amiga Lucinda em casa de Sallustio Nogueira. Mas tambem me confirmou a sua ultima carta, ácerca da antecipada ida para as Azáleas. Como vae ser cruel esta separação, ainda que não seja demorada! A experiencia d'estes dias sem a ver, tem-me custado tanto, que me apavora pelo futuro. Não é ancia de mal estar, antes aniquilamento completo de todas as energias. Sou como um homem sugeito a permanecer na escuridade por muito tempo: não vejo, nem ouço com os olhos e ouvidos do corpo, nem tenho a alma presente. Quando isto acontece pela não ver dois dias, o que será se estiver mais tempo sem lhe poder communicar o meu goso e o meu soffrer, ao menos com os olhos.

Lucinda disse-me, como presumia na sua carta, que

se forem mais cedo para as Azáleas, ella anteciparà a partida para as Mouras. Impagavel creatura! Que sublime dedicação! Como nos protege! E ainda ás vezes duvidamos, temos reservas, desconfianças da sua lealdade! Somos muito ingratos! L. deve ter tido na vida alguma paixão vehemente, algum sublime delirio do coração. Só assim se explica que pense tanto em nós. Não era mais natural ser invejosa e contrariar-nos?...

Só o soffrimento póde levar as almas a esta comprehensão e carinho do amor alheio. Quando uma vez se viveu de dôres, fica-se com uma experiencia, com um entender mais humano da existencia. A nossa incomparavel protectora disse-me com bondade infinita que o seu primeiro convidado para as Mouras seria eu e que iria só. Só não, pois acompanhal-a-hão duas amigas de familia, as sobrinhas do antigo marquez de Tornal, que muito figurou na politica, senhoras muito retiradas por falta de meios. Conhece-as decerto, eu não conheço; mas devem ser pessoas bem educadas, discretas, que servirão para organisar a convivencia.

Este carinho da nossa querida amiga commove-me. Bem comprehendo que seja por si que ella pratica taes actos de benemerencia, mas o meu coração está-lhe egualmente reconhecido.

Faça todo o possivel por me enviar um sorriso seu, dentro d'um simples bilhete. Maria Paula não calcula o estado do meu coração! Preciso que me explique esta absoluta separação de mim durante dois immensos dias! Não podendo ser mais, quero vel-a um minuto

á janella todas as tardes. Não me consolo de a ter distante da vista. Escreva-me duas linhas para me fortalecer.

Todo da alma

Roberto.

IX

De Maria Paula *a* Roberto

Lisboa, 11 de Março.

Julio está realmente doente com uma altissima febre, que o medico não sabe explicar e a que chama nervosa; porém eu receio que lhe venha a colica do costume, que tanto o faz soffrer a elle, e tanto me incommoda a mim. Comprehende que não devo, nem posso abandonar o leito de meu marido. Coitado! Parece immensamente feliz, por me ter sempre a seu lado. Julgo que preferiria estar doente todo o resto da sua vida só para continuarmos assim. No mais, nenhuma mudança nem na nossa existencia, nem no nosso amor. Combine com a creada a hora a que póde passar. Irei á janella, mas só por instantes.

M. P.

X

De Lucinda *a* Maria Paula

Lisboa, 18 de Março.

My dear

Teu marido está melhor, já sei. Diogo encontrou-os hoje a vocês, de carruagem e fallou-lhes. Disse-me tambem que tu ias com cara mortificada... Pudéra! tiveste o marido doente! Isto sempre apoquenta.

Então vamos este anno mais cedo para a nossa solidão?! Pois vamos, ainda que não será antes do meado d'abril, quando as arvores estão já rebentadas e o tempo lindo de primavera.

O bulicio de theatros ainda dura. Depois de S. Carlos temos os concertos do D. Amelia e tu sabes como adoro a musica! Gosto de campo e muito, mas é quando os meus nervos estão completamente exhaustos e requerem o carinhoso repouso das Mouras, onde se esquecem do inverno e se preparam para o verão. Adoro o mundo, com o seu movimento, intrigas, festas e canceiras; mas ao chegar a deliciosa primavera, as minhas arvores e campos das Mouras attrahem-me, como se eu fôra uma vacca. E então os meus dois filhos, coitaditos! Estão sempre a fallar dos burros de passeio e dos carneiros que lá tem... Suppõem até que irão encontrar ainda com passarinhos os ninhos do anno passado!... Como elles hoje ao almoço recor-

daram as suas correrias em pessimos caminhos e a navegação dos seus barcos de cortiça na corrente da ribeira!... Deliciosas creaturas! São elles que me consolam da vida! O meu coração vive uma vida de coração de mãe, quando os vejo na quinta com os filhos do caseiro e com os rapazes pobres da visinhança, a commandar soldados, a trepar, a saltar, respirando o bom ar que lhes dá saude. Tambem a mim, ao chegar da primavera não me podem satisfazer as sombras postiças da Avenida. Os pardaes das Mouras são mais authenticos e respeitosos: nem me ensurdecem, nem me sujam o chapeu. N'isto ha mais civilisação no campo. E depois, querida amiga, por muito mundanas que sejamos, deve haver um tempo e um logar reservado ao silencio e ao goso da vida inerte. Por lá ainda fallamos de *toilettes*; mas que hão de fallar mulheres como nós, que para breve teem as aguas, um ou outro pic-nic em Cintra e principalmente Cascaes com a sua vida intensa, por onde recomeça o nosso agradavel estonteamento? No campo fallamos d'isso e de mundanidades, mas usamos vestidos leves e baratos, para agradar ás aves de Deus e a alguma visita amavel. Os rusticos, na sua existencia de trabalho, mesmo assim vestidas, nos consideram imagens dignas d'um altar. Os bois mansos, se nos veem, levantam as suas grandes cabeças para nos fixar nobremente e deixam-nos passar desdenhosos. Em maio o campo é lindo e eu adoro esse mez de socego. Sinto mais casta a minha alma, repilo pensamentos que me perturbem, até no fallar uso palavras mais simples que melhor digam com o estado do meu espirito. E' gran-

de, ainda que transitoria, a influencia que sobre mim exercem as sombras e os espaços vasios. Todos os annos deixo escriptas nas folhas nascentes das arvores e no proprio ar paginas ingenuas, que depois esqueço; porque as folhas amarellecem e caem e o ar renova-se todos os dias. Que linda coisa o campo em maio, mas só em maio!...

Querida Maria Paula: é encantador esse mez de repouso; não fazemos visitas, não recebemos as amigas, que odeamos e nos odeiam. E tu, *ó bell' anima innamorata!* como deves sentir-te bem este anno nas Azáleas, sabendo que perto d'ali e em convivio diario terás tudo que desejas e pelo tempo que quizerem. Não duvidas da minha boa vontade; tratarei do teu coração, como se fôra o meu. Faço apenas aquilo a que uma extrema sympathia me obriga; mas tambem entendo que certas mulheres muito invejadas, como nós somos, temos necessidade de organisar a defeza e o auxilio reciproco. Li em tempos n'um romance que os abominaveis maçons, encontrando-se em qualquer ponto do mundo e reconhecendo-se por meio de signaes que usam, se protegem até ao sacrificio da vida. Assim é que nós deviamos proceder e não nos guerrear, como fazemos. Bem sabes que vivemos cercadas de inimigos e contrariedades: são sozelos dos maridos, os despeitos dos despresados, o ciume das que nos não poderam vencer, a inveja da nossa riqueza, a moral das velhas e... digamos tudo, a má vontade que inspira ás feias o nosso palminho de cara. Apesar d'isto ha coisas que se não explicam: porque será que a mexeriqueira da Aguas

Santas diz mal de mim, que só lhe tenho feito favores, e que favores! Porque será que a solemnissima Souzel me olha como para uma sua creada e me pede depois convite para os meus bailes? E o cavallão da grande Maria da Soledade! Essa dá-me encontrões e senta-se ao pé de mim nas salas, só para amachucar os meus vestidos vindos de Paris! Quando a vejo fujo-lhe como d'um temporal! Estas são tres linguas das peiores! A ultima, com a luneta telescopio sobre o nariz, que é uma montanha d'osso, já me feriu bem rudemente, pois julgo-a auctora d'uma carta anonyma recebida por Diogo. A moralidade burguezissima da condessa de Peixoto-Alves e da sua caudataria a Paraizo, que tem a linda historia que sabes, causa-me nojo. A condessa de Lavre e a Minde, todas fidalguia e zombetices, com meias d'algodão do Grandella e fallar aristocratico, comem-me os bolos a mim, e detestam-nos a ambas; porque somos ricas e ostentamos luxo! Eu quando lhes ouço os remoques, não lh'os deixo passar.

No meio de tudo isto agrada-me a Annica de Sousa pela sua graça natural e espontaneidade no riso, e captiva-me a bella figura da velha marqueza d'Ermello, pelo admiravel bom senso com que castiga os ridiculos das parentas. Tenho tambem um fraco especial e sympathia pela linda Rosal, tão infeliz com aquelle monstro do Fernando de Castro! Merecia bem ser mais ditosa, esta loira adoravel... Se estivesse na minha mão...

Que tempo nos demoraremos no descanço da nossa aldeia? Ainda que seja até meados de Junho, não nos devemos oppôr. Como disse, sahir por um mez ou mez

e meio d'esta fadiga elegante é necessario; porque o inverno foi muito trabalhoso. Precisamos de noites bem dormidas, socego em redor e de conhecer bem intima a amisade dos nossos intimos. Teu marido é pouco de hospedagem, o meu, ao contrario, gosta muito de gente. Terei os hospedes que quizer e pelo tempo que quizer, como sabes! Roberto será dos nossos convidados e demorar-se-ha quanto lhe der na vontade, como já lhe disse a elle.

Vaes á *soirée* da Palmira? Lá nos encontraremos. O marido será outra vez ministro e temos os nossos empenhos a satisfazer... Até ámanhã, filha do coração.

A tua dedicada

Lucinda.

XI

De Maria Paula *a* Lucinda do Amaral

Lisboa, 23 de Março.

Boa amiga.

Não fomos a casa do Sallustio, porque meu marido não está ainda bem de todo. Hoje tencionava ir ver-te e beijar-te, mas não posso; escrevo-te para te agradecer a tua carinhosissima e interessante carta. Como és

previdente e engraçada! Os teus juizos a respeito das outras são verdadeiros, as tuas palavras para commigo são caricias. E's o medico do meu coração enfermo, entrego-t'o para o tratares, como uma terna mãe entregaria, a um doutor de sua confiança, o filho querido, que precisasse salvar da morte. Sabes que acceito a côrte de Roberto, mas não sabes quanto o amo! E' uma dôr ternissima a d'este sentimento, que me julgava incapaz de sentir. Entrou em mim, não sei como, esta felicidade e possuo-a como ella me possue. Tu és hoje digna de toda a verdade; porque adivinhaste o meu coração e protegestel-o antes de eu te pedir soccorro. Tenho sido um tanto reservada comtigo, bem sei; mas tu desculpas isto que é apenas timidez, pudor natural, os mil receios creados pela imaginação, a incerteza gerada na pouca experiencia da vida... Tudo me obriga a recolher-me nas minhas idéas, a fallar só commigo. Porém agora cheguei a um estado de sensibilidade tal que preciso dizer alguma coisa a alguem, para ver se o que penso e sinto, o penso e o sinto verdadeiramente. Receio que seja ainda uma illusão!...

A quem faria eu estas confidencias melhor do que a ti, que tens sido d'uma amabilidade e ternura incalculaveis, n'estas circumstancias da minha vida! A's vezes, tão a proposito e bem dirigidos são os teus favores, que me parece que possues o admiravel dom de adivinhar desejos que não manifestei. E' a tua superior intelligencia a calcular, o teu excellente coração a proceder e a tua muita experiencia a dispor... Terna amiga, como eu te beijo carinhosamente! Este serviço

de ires para as Mouras, quando nós formos para as Azáleas, é d'uma bondade e dedicação excepcionaes!

Preciso bastante fallar comtigo d'estas e d'outras coisas. Como Julio continua ainda abatido e se conserva em casa com pouca vontade de que eu saia, vem tu por cá. Não receies ser importuna, porque sou eu que preciso muito de ti e dos teus conselhos. Meu marido sabe alguma coisa d'esta côrte de R. Adivinhou ou disseram-lh'o? Ignoro-o, mas sabe; porque o sinto muito mudado, principalmente depois do teu baile. A sua paixão por mim redobrou, até parece que tem ciumes do ar que eu respiro, pois está sempre com medo que me faça mal abrir qualquer janella. Mas anda afastado, triste e suspira quando está só. Agora que vae melhorando, vejo-o de animo mais abatido do que durante a doença. Calculo que seja por saber que teremos de recomeçar a nossa vida de sociedade, o que dará em resultado ter de me encontrar frequentemente com Roberto, que durante estes dias da doença só aqui tem vindo entregar bilhetes e me não tem fallado.

Da minha parte faço o possivel para que Julio não sinta differença em mim; mas não sei se o tenho conseguido. Parece-me até que não. A's vezes estou cá a pensar na minha vida, elle surprehende-me com uma caricia, que eu estranho por inesperada. D'ahi lhe vem uma grande amargura, que procuro desfazer com mil invenções.

Esta lucta do coração e do dever póde levar-me á sepultura. Sinto que póde succeder assim; porém, meu marido, sabendo que sua mulher é honesta, comprehen-

derá que ao outro só pode amar com amor ideal. Para fallarmos de tudo isto é que eu preciso de ti. Vens ámanhã, sim, querida?...

A's vezes lembro-me de que, se eu fosse sósinha com Julio para as Azáleas, me faria bem; mas logo me assusto, porque, se tal succedesse, ficava prohibida do maior goso que hoje tenho, que é ver Roberto e fallar-lhe algumas vezes. N'estes dias da doença de Julio emagreci, como teu marido viu. São as apoquentações, as ralações que me affligem de todos os lados. Por estas minhas palavras mal escriptas vês o meu estado: é um querer e não querer, estou louca, ando perdida n'uma matta muito escura, sem poder sahir d'ella. Mas como cheguei eu a este estado, santo Deus?!... Sou uma mulher casada, uma mulher religiosa, fui educada n'um convento, onde me ensinaram a resar e a obedecer... Que posso esperar de Roberto que não seja uma grande desgraça? Já não tenho idéas, nem sentimentos meus, anda tudo baralhado cá por centro. Não vejo as coisas com a tranquillidade do tempo em que sentia fir me a minha crença na protecção da Virgem... Mesmo recolhida no oratorio e sósinha com a divina imagem, fito os meus olhos nos olhos d'ella e reconheço que o seu rosto é differente! Mas se fosse o mesmo e me ordenasse que retrocedesse no caminho percorrido, eu obedeceria?! Não, creio que não, e então seria peior. Procurar desventuras por sua propria vontade é que ninguem faz; eu hoje, sem o amor de Roberto, seria uma grande infeliz! O que eu desejava e procuro é conciliar o respeito a meu marido com o amor áquelle que

soube inspirar-m'o. Ser esposa fiel d'um e amada do outro, não poderá ser?!...

Sinto na cabeça grande confusão; não sei o que escrevo, nem o que penso. Vem ámanhã pela hora do costume, para tranquillisares a minha alma e ajudares-me a pôr em ordem os meus sentimentos. Não deixes de vir, não? Pede-t'o a tua muito amiga agradecida

Maria Paula.

XII

De Lucinda *a* Maria Paula

24 de Março.

Querida.

Por causa da modista não posso ir hoje a tua casa. Temos esta semana o baile em casa do ministro inglez e tenho de provar. A Aline mandou-me dizer que o vestido está um verdadeiro encanto. Veremos; o ultimo que me veiu deixou-me bastante descontente. Tu tambem fizeste encommenda... mas não irás ao baile, por causa de teu marido?! Isso não póde ser, elle não estará assim tão mal, que te não possa acompanhar. A'manhã combinaremos; se fôr necessario mette-se no caso Diogo, que t'o ha de resolver.

Apezar de termos de nos encontrar ámanhã, a tua carta obriga-me a uma resposta immediata. Tu és uma rapariga muito intelligente, mas tambem és muito nova.

Os cinco annos de casada não te deram ainda experiencia bastante para te curar do amor ideal, do amor sem outro fim que não seja amar ... D'isso já não ha, filha. Foi nos tempos dos pastores e dos cordeiros que fallavam com elles. Nem n'esse tempo mesmo acredito que houvesse tal amor; pois, segundo dizem, as sombras dos penedos e das mattas esconderam muita coisa *prohibida* ... Mas tu és uma alma d'apetite, filha, uma alma formada de estrellas e de sonhos ... A minha é bem differente, pois já soffreu desenganos verdadeiros. Sabes menos que muitas meninas solteiras e já por vezes te tenho dito que, tanta sinceridade, te diminue a intelligencia. Conselhos para casos d'amor e especialmente para casos como o teu, não ha. Cada uma segue os impulsos do seu coração, que póde ser mais ou menos enthusiasta e ousado. Exemplos encontra-los para tudo. Olha em volta de ti e escolhe. Tens um marido que respeitas e um homem a quem adoras. O marido e o amante são diversos: a pratica mais usada é sacrificar-se o primeiro ao segundo. O marido nem sempre é mau; muitas vezes é bom, como são os nossos. O que será o amante? Um canalha?... E' coisa que só se sabe depois. O teu *flirt* das aguas transformou-se n'uma verdadeira paixão, que domina toda a tua vida. Isto tinha de ser; o coração é um cego, que não póde ser guiado como os cegos da rua por um modesto cão... E como, além de cego, é imprudente, tropeça muitas vezes e cae. Ora ahi tens ...

Corresponderá R. á vehemencia do teu amor? E' possivel, eu vejo-o apaixonadissimo, apesar das suas

reservas, que naturalmente lhe recomendaste. Mas eu tenho a dolorosa experiencia de T., d'esse miseravel T., que me esmagou o coração de mulher altiva, com palavras da mais fingida doçura. A regra é esrem pessimos todos os homens, sem te poder affirmar que o teu Roberto não seja uma excepção. Melhor o conhecerás do que eu... Nunca te fallei do caso de T., que não conheceste, porque chegaste um pouco tarde; mas a *caridade* d'alguma das minhas amigas, talvez tenha feito o que eu não fiz... Não o fiz, pela mesma razão que tenho para evitar o contacto de objectos, que me dão arrepios desagradaveis. Como fui vilmente enganada, temo que tu o possas vir a ser; mas é tambem possivel o contrario. Esse amante de que te fallo, vive hoje no estrangeiro com abundantes meios. Era homem do mundo, muito elegante, instruido, viajado e sempre d'um aprumo e seriedade insuspeitos! Inspiroume uma paixão como essa tua. Fiz por elle o maior dos sacrificios, porque eu era virtuosa e honesta como tu és. Se não possue hoje todo o meu ser, alma e corpo, é porque *bondosamente* recusou a offerta. Estava prompta a abandonar a minha casa, os meus dois filhos, este marido que me garante uma vida segura, para fugir com elle!... Quando eu lhe fiz a louca proposta, recebeu-a com palavras de enthusiasmo; porém, no dia seguinte partiu para Inglaterra, d'onde nunca mais voltou. Tu és rica, R. é pobre, o teu caso é differente. Eu tinha apenas formosura e amor. Era pouco: o meu corpo e a minha dedicação não compensavam o encargo, que á vida d'esse solteirão vil levaria uma

mulher absolutamente resolvida a tornal-o feliz. Nunca amei Diogo, que, apesar de tudo, me conserva a sua confiança. Recebo-lhe a cabeça já muito embranquecida, como se o meu seio fosse uma almofada. Elle contenta-se com isto e para mim o sacrificio não é grande. Pela sua bondade sinto ternura e gratidão; eis tudo. Amor verdadeiro, vehemente, que fosse chamma, senti-o por esse outro que hoje odeio. Elle colheu da minha alma a flôr de larangeira! *N'essa primeira* e nunca esquecida manhã de chuva frigidissima, considerei-o o meu verdadeiro marido. Era necessario estar doida, como eu estava, para não ver mau agouro na chuva que ralhava nos vidros das janellas. Esse homem exerceu durante um mez sobre mim tal influencia, que poderia levar-me a ser costureira de roupa branca, se isso fosse necessario para o sustentar. Avalia à loucura da minha cabeça!— costureira, eu, que adoro a preguiça e o luxo! O canalha dispensou-me de qualquer sacrificio e ainda bem. O meu coração esmagado e revoltado agradece-lhe o ter conservado este lar. Mas ha uma coisa que uma mulher altiva nunca pode perdoar: é o desdem pelo appetecido dom da formosura que entregou, é o sentir-se despresada com beijos quentes e olhares de fogo!

Qualquer que seja o seguimento da tua paixão, e não pode deixar de ser senão o do costume, nunca te proponhas trocar a companhia do marido pela do amante. Como és rica e a tua condescendencia, se te lembrares de a ter, hade ser acceite, então digo-te que não te desclassifiques, que não abandones a tua casa! Olha que a posição de *mulher separada* é horrivel. Bemdigo hoje, o

ter encontrado um homem cynico, que m'a não consentiu e um outro homem bonissimo, que n'este ponto concordou com o seu rival. Aos maridos tambem não convem o rompimento, principalmente quando com isso se lhes alteram os habitos. O medo do escandalo é um grande protector. Se a mulher é bonita e o homem não é novo, este fica n'uma posição ridicula, apontado e lamentado, o que é degradante. Que estupidez, quando se vive na mesma terra, não se poder ir ao theatro, ou atravessar uma rua, sem se sugeitar a ver a mulher, que é sua, pelo braço d'outro, sem lh'a poder tirar! Por isso a tendencia é para uma conciliação: ha sempre pessoas de juizo e tementes a Deus, que servem para harmonisar estes desarranjos. O mal está feito, a melhor maneira de o remediar não é aggraval-o com a publicação. A religião, os filhos, a harmonia social concorrem para as coisas se resolverem a bem. Passada a crise, o momento da paixão, todos comprehendem que foi assim melhor. O tempo tudo esquece, fica algum maldizente para historiar o facto, que é ouvido com sorriso benevolo. O mundo tem de proceder assim; porque, se é nosso juiz, é tambem nosso cumplice, formando-nos a alma de vaidades e desejos, que nos empurraram para os braços do amante.

Aqui tens a confissão d'uma *desenganada*. Serve-te d'alguma coisa? Esse canalha de T. deixou-me a alma cheia de lama; mas tambem me deixou a lição que te offereço. Amar, pode-se amar, mas que não seja com illusões: um dia estas desfazem-se e reconhecemos ter adorado um bruto, que ao sentir uma só vez que o

nosso corpo não tem o costumado sabor, nos atira fóra como um limão expremido. E' uma offensa que vae ao fundo da nossa dignidade, deixando-nos cheias de fel. Bem sei que me vaes dizer que Roberto será differente dos outros. Assim o deves pensar e eu não te contrarío. Agora observarás: se pensas tão mal dos amantes, para que me auxilias n'esta paixão que julgas inconveniente? Isso, minha filha, é por que tu o desejas; e como podia passar por invejosa e por menos tua amiga do que sou, antes quero que me julgues mal. E depois, se eu te não auxiliasse, não aconteceria o que ha de acontecer e d'um modo talvez peior para ti?... Até ámanhã.

Toda tua

Lucinda.

XIII

De Roberto *a* Maria Paula

27 de Março..

Esta nova ausencia sem lhe fallar, sem receber carta sua, vendo-a apenas de relance á janella quando passo, tem sido um grande soffrimento. Segundo a opinião dos outros, contraria á minha, não tenho direito a nada do que forma o seu encanto: o mundo, se soubera quanto eu já possuo do seu amor, condemnar-me-hia como ladrão do que a outro pertence. Porém, porque a não tenho podido ver, porque lhe não tenho podido fallar, vivo em tal estado de suspensão de toda a

actividade, tão alheio a tudo e a todos, que julgo ter emudecido e até que me cortaram a lingua. Para que preciso eu da palavra se não tenho que dizer, ou melhor, se não tenho a quem dizer o que sinto, pois só Maria Paula tem ouvidos, que me possam escutar! Em Lisboa, terra de que tanto gosto, sinto-me hoje um estrangeiro — não conheço ninguem, não me dirijo a ninguem, parece que todos me abandonaram. Como me devem extranhar, para assim me despresarem! E' que eu passo na rua para as minhas obrigações, rapido, mal humorado, inconvivente! Têm razão se me julgarem lunatico!...

A falta de carta sua circumscreveu-me d'um modo absoluto n'este isolamento, em que me conheço esmagado. Esse tyrannico doente e essa importuna doença roubaram-m'a completamente, quando eu julgava possuil-a mais que nunca. E' o castigo de ter sido orgulhoso, de me julgar senhor do bem d'outro... do bem que o mundo diz ser d'outro! Porem será crivel que seu marido a governe agora mais do que quando tinha saude?! Será crivel que elle a prenda tanto a si, que lhe não deixe um quarto d'hora — que digo eu! — um minuto, para n'um papel me dizer em duas linhas, que ainda me ama!?

N'esta saudade immensa, n'este doloroso anceio, resolvi-me a ir hoje jantar com os Amaraes. Sempre lá encontraria alguma coisa de si; Lucinda talvez a tivesse visto, lhe tivesse fallado. Foi um verdadeiro acto de inspiração da minha entorpecida intelligencia! Encontrei a nossa amiga admiravelmente disposta d'espi-

rito, cheia de graça bondosa, toda affabilidade... Não admira, tinha estado comsigo! Bem se comprehendia que tivesse gosado da sua companhia, toda ella era perfume d'alma, animação, carinho... Quem se approxima de Maria Paula hade trazer forçosamente alguma coisa de ethereo, de divino, que o torne superior aos outros. Affirmou-me L. que falaram muito de mim, só de mim, que eu fôra o assumpto da conversa intima em que dispenderam duas horas. Eu que não sou homem de chorar, quasi me rebentaram as lagrimas. Mas que diriam essas duas boccas de rosas d'este seu escravo, que tão mal se dá com a liberdade concedida!? Coisas horriveis, de certo, e com razão. Sou uma pyramide de defeito; mas, de todos elles, o maior é não ter predicados que a mereçam.

Vou saber tudo directamente de si no baile do ministro de Inglaterra, pois a nossa boa amiga me trouxe a grande novidade, para mim enorme ventura, de que nos encontrariamos ali. Faltam apenas tres dias para essa festa! Vou passal-os encerrado no meu gabinete, n'uma contemplação assidua, com os olhos pregados no seu retrato e no da Lamballe, que tão parecidos são. Esta gravura da Lamballe estimo-a immenso, pelas recordações especiaes que me suggere. Foi com esse penteado lindo que a tive ao pé de mim, mais tempo do que nunca! Noite de grande felicidade, que tenho pago sobejamente cara... Depois d'isso é que se tornou mais cautelosa... mais esquiva para commigo! Já lá vão quasi dois mezes, que para as angustias do meu coração valem bem dois seculos!

O prazer é ephemero na nossa alma! O tempo vôa durante a felicidade e é tropego para o soffrimento. Sei que vae mandar saber de mim hoje, disse-m'o a nossa amiga. Por isso escrevo estas quatro linhas no supposto que as estimará e para lhe pedir que roube alguns momentos a esse *dever*, para de novo me abrir o seu peito ancioso d'amor.

Roberto.

XIV

De Maria Paula *a* Lucinda

1 de Abril.

Minha boa Lucinda.

Foi tamanho o prazer que senti ao fallar de novo a Roberto no baile de hontem, que precisando fazer a confidencia da minha commoção, não lh'a quero fazer a elle. Mal o vi, toda eu me alvorocei! Tive de fazer esforços incriveis para me reprimir, que não fossem outros reconhecer a alegria immensa que me dominava. N'estes momentos é que a gente avalia quanto ama, e os sacrificios a que um amor assim pode levar. Depois conversamos muito e naturalmente, mas sempre coisas da vida dos nossos corações. Eu estava n'essa noite mais segura de meu marido, que tendo recebido durante a sua doença todas as provas do meu interesse e dedicação, pois não o abandonei um só momento, como era meu dever, vive agora mais socegado.

Foi jogar o *bridge* e não andou a espreitar-nos como no teu baile. Ainda assim conservamos todas as apparencias de bons amigos, para que os olhos dos maus não cahissem sobre nós. Tudo que me dizia era com ares de coisa trivial; só eu apreciava bem as suas palavras d'amor, de ternura, de devoção eterna! Os conselhos de prudencia e os receios da tua ultima carta não são applicaveis a Roberto. São verdadeiros para T. e outros impostores como elle; mas não o são para Roberto, cuja sinceridade é clara, como a luz que nos alumia. O mundo, concordo comtigo, é pessimo; porém Roberto é bom. Tem coração generoso, poetico, cheio de abnegação e de coragem para todos os sacrificios. Se lhe disser que para o amar, terá de se metter n'uma fogueira, não hesitará um instante! Eu sou uma mulher cheia de hesitações e comprehendo que o tenha amargurado ás vezes! Penso que elle tem razão, quando diz que me ama mais do que eu o amo. Mas que querem! Certos sentimentos e certas ideias estão agarrados á minha alma, com mais força do que a propria carne aos meus ossos. Amo e receio amar, não pelo exemplo do teu desengano, pois o teu caso é differente do meu, mas porque jurei outra coisa e sou muito religiosa. Por determinação de Deus não tenho, nem terei filhos de Julio; n'isto reconheço como são cheios de sabedoria os designios da Providencia! Se os tivera, seria muito peior. Porem, logo que não repelli com verdadeira força e energia as primeiras declarações de Roberto... receio muito da minha fraqueza. Ainda lucto; mas que lucta!... Procurei na quaresma o

meu confessor, como é de preceito. Fui a seus pés com grande necessidade de que me escutasse; porém não levava no coração a antiga fé e o antigo temor. Depois de me ajoelhar, ás perguntas sempre bem educadas do sacerdote, seguiram-se as minhas respostas pouco expansivas. Contei-lhe, do que se está passando, o essencial para elle reconhecer a nova situação da minha vida. Mas não disse pormenores; apresentei o caso como de simples côrte, que eu acceitava. Não se admirou, não o surprehendi! O que terá elle ouvido, para que da minha bocca escutasse taes coisas, sem enorme surpreza! Conhece-me de pequenina, acompanhou-me durante a vida do convento, sabe bem o que eu tenho sido, conheceu toda a minha familia! Conservou-se silencioso durante mais de um minuto, depois da minha incompleta declaração. Cuidei que viria a tormenta dos castigos sobre uma creatura, que se apresentava como peccadora sem arrependimento! Mas não: foi conciliador, nada severo, impondo-me apenas, com muitos rodeios e conselhos que, pouco a pouco, fosse afastando de mim o homem que me tentava, para assim o desenganar. E na sua voz carinhosa accrescentou: «Não se brinca com essas coisas, minha filha, não se brinca com essas coisas. Lembre-se de sua virtuosissima mãe. Se ella seria capaz d'um só olhar!...» Fallou bastante tempo, prometti-lhe tudo. Tenho cumprido?! Não, ao contrario. Depois d'isso deu-se um facto grave, que me tem trazido perturbada durante todo o dia. Hontem, no baile, R. foi muito cauteloso e discreto; mas d'uma das vezes em que me deu o braço, para irmos tomar

um pouco d'ar, entramos na estufa. Como não estivesse ali ninguem e nos encontrassemos encobertos com a folhagem dos arbustos, agarrou-me com grande frenezi d'amor e beijou-me ardentemente. E eu, com um animo de que ainda agora me admiro, retribui-lhe esses beijos com um beijo, que valia por todos. Veiu-me do coração aos labios; senti-o subir pelo meu peito, como uma chamma. Toda eu fiquei nervosa e apavorada depois! Mas estou arrependida? Não estou. Elle soffreu tanto com a doença de Julio! Foram oito dias em que me dediquei completamente a meu marido, esquecendo-o a elle. Merecia uma recompensa!

Mas esta noite tive um sonho cruel e agitado! Vieram-me á imaginação, talvez por causa das palavras do confessor, coisas que muito me apoquentam! A imagem da minha santa mãe appareceu-me, reprehendendo-me pela minha leviandade. Era o mesmo rosto suave, simples, sereno, aconselhando com prudencia e auctoridade. O que ella me disse não sei, o que lhe prometti não me lembro; porém esta presença impressionou-me. E durante todo o dia d'hoje, a representação da minha vida infantil, da nossa casa, da tranquilidade do nosso lar modelo, tem andado deante dos meus olhos com uma insistencia dolorosa. Comparando-me com o que fui outr'ora, como estou mudada! Nem quero pensar n'isso.

Interrompi esta carta para ir fallar á Rosal. Como ella hoje vinha formosa, alegre, cheia de ventura e de graça! A sua linda figura loira, trazia encantadoras es-

peranças nos olhos azues, nos labios vermelhos e nos cabellos leves. Senti que toda ella respirava Fernando de Castro, sem uma só vez pronunciar o seu nome, nem lhe fazer uma simples allusão. De certo tinha estado com elle; pois as suas palavras eram todas de enthusiasmo e ventura! Parecia uma noiva, que viesse da companhia do seu noivo. Os amantes nem sempre azedam a vida. A conversa da Rosal, toda cheia de graça, deixou na atmosphera da minha sala idéas alegres, imagens agradaveis, sensações que me desopprimiram... Fez-me muito bem esta visita: nem a Rosal sabe o bem que me fez. Demorou-se quasi uma hora e foi muito pouco tempo. Eu estava a gosar da sua ventura d'hoje. E' provavel que Fernando fosse gentil com ella e que tenha abandonado a Paraiso, que não vale uma mecha dos lindos cabellos da Rosal. A pequena vinha com ella. Entregou-a agora a uma ingleza. Que não seja embirrenta, como a allemã que se foi embora. Não posso ver que entreguem a monstros de mestras velhas, feias e rabugentas, creanças lindas como a Ninette. Não faz quadro lindo, não se lhes pode formar alma boa. O contacto permanente com uma creatura desagradavel, deve tornar escura a alma transparente das creanças. Eu, se tivesse uma filha, só a confiaria a uma rapariga bella, intelligente, meiga e compassiva para as faltas do estudo. Não imaginas como me fez bem esta visita da Rosal. Foi um balsamo para as minhas proprias dores, vel-a assim ditosa, com a alma cheia de ceu. Já escrevi muito, desabafei. Immensos beijos da tua amiga.

M. Paula.

XV

De Julio Maldonado *a* sua mulher

Porto 4 de Abril, 9 horas da manhã.

Minha querida Maria.

Cheguei optimamente, porém consumido de saudades tuas. Se imaginasse que me havia de custar tanto esta separação, não faria a viagem, fossem quaes fossem os prejuizos. No Entroncamento estive para voltar para traz; se não o fiz, foi por vergonha das pessoas conhecidas, que vinham no mesmo compartimento e a quem eu tinha dito o destino que trazia. Tu devias ter notado o transtorno da minha physionomia, quando te dei o beijo de despedida na estação. A Lucinda do Amaral até sorriu de troça. E' que o marido não a ama com a intensidade, com a loucura com que eu te quero! Estimei que estivesse pouca gente; porque taes expansões devem ser recatadas.

De Lisboa ao Entroncamento, o meu espirito passou por estados diversissimos. Primeiro conversei ácerca de coisas varias com dois passageiros d'ahi. Esgotada a conversa a que me vi forçado e para a qual, como todos viram, eu estava com pouca disposição, entrou a minha cabeça a trabalhar. Imaginei perigos que te poderiam succeder; vi-te no teu gabinete, lendo um livro á luz do Carcel, antes de te deitares. Esse quadro intimo mais avivou a saudade de minha casa e da minha

querida mulher! Ao passar em Santarem é que me assaltou a primeira lembrança de retroceder. Tive ainda força de dominar este formidavel impeto do meu coração!... Porém ao chegar ao Entroncamento, logo que paramos, apeei-me resolvido a esperar ali o comboio, que me levasse mais rapidamente para junto de ti. Que mau presentimento me dominava n'esse instante?! Não t'o sei explicar, era como um delirio de febre o que eu sentia! Dirigi-me ao chefe a pedir explicações para saber como realisar o meu proposito; mas uma observação trivial, que me não occorrera, d'um dos companheiros de viagem, obrigou-me a reflectir e a não praticar um acto de que me poderia arrepender. «Quem vae ficar verdadeiramente surprehendida, disse elle, é sua esposa que o não espera». Cahi em mim, dei umas explicações banaes e continuei a jornada. Na realidade, a minha volta produziria em ti mau effeito, até poderias não m'o levar a bem!...

Que pensarias vendo-me deante de ti, quando me suppunhas no Porto?!... Que haviam de dizer os nossos creados d'um tão inesperado regresso?! Que eu tinha perdido o juizo. Durante o resto da viagem todos dormiam em volta de mim, só eu vinha acordado sempre em batalha com as minhas imaginações, tendo-te defronte dos meus olhos, com uma realidade alucinante! Ditosos aquelles companheiros, cujo descanço demonstrava que não tinham no coração o espinho que me pungia; porém, desditosos e infelizes tambem, por não possuirem o objecto das minhas saudades, que és tu minha querida mulher!

Passaram-se estações e estações, ouvi os guardas

designarem-nas todas pelos seus nomes, percebi a entrada e sahida de passageiros nos compartimentos contiguos... N'aquelle em que eu vinha não entrou nem sahiu ninguem: foi excellente que assim acontecesse, pois de contrario sentir-me-hia perturbado no meu sonhar acordado. O dia principiou a romper pelas alturas d'Aveiro. Como o meu logar fosse encostado á vidraça, affastei um pouco a cortina e principiei a perceber e a analisar os campos, que appareciam n'uma luz indecisa, por detraz de uma nevoa. Já com manhã clara, vi homens acompanhando animaes, em caminho do trabalho. A minha intelligencia interessou-se então muito pelo que os olhos viam. Esta primeira hora do alvorecer no campo é a mais encantadora de todo o dia, pois parece que a vida rebenta, como um formoso jorro d'agua, do interior da terra. Tu algumas vezes terás sentido isto, quando sahimos cedo das Azáleas, para chegarmos ao comboio. As Azáleas! a nossa querida solidão, onde eu tanto queria viver sempre, só comtigo! Não pode ser, comprehendo-o perfeitamente: a nossa posição social e a tua idade requerem outra coisa. Mas em breve para lá iremos passar o nosso mez e meio, não é verdade?

O comboio chegou com algum atrazo. Entrei no Grande-Hotel, onde estou, ás oito horas e meia. Não tive tempo para mais do que abrir a malla e principiar a escrever-te. Não me escovei, não me lavei ainda; aqui estou com toda a poeira da jornada sobre mim, com os olhos a arderem-me, com a pelle mordicante, a lançar sobre este papel a minha immensa saudade.

No hotel já me esperavam. Logo á chegada me entregaram uma carta, que teu primo deixara na vespera, avisando-me de que me receberia hoje ao meio dia. Comparecerei e não será muito difficil resolver as difficuldades da partilha em litigio. Eu serei muito conciliador, principalmente porque desejo voltar o mais depressa para junto de ti. Se adivinhassem isto, até poderiam abusar!... Eu, de impaciente que estou, de certo concordaria em tudo.

Com o Theodoro a coisa não será difficil; porém com a mulher custará bastante. Nós já a conhecemos de ser rabina e gostar de metter a sua colherada em coisas, que só aos homens pertencem. Embirrenta creatura! Lembras-te de que não nos fez boa impressão, quando ahi esteve, no anno passado? Não é uma senhora intelligente e bem educada como tu, que me deixas á vontade na administração da casa. Oh! ninguem possue uma esposa tão perfeita e tão boa como eu! Depois te darei conta do que se passar.

Pensa sempre em mim, querida. Mereço-t'o. Os Amaraes far-te-hão boa companhia durante estes enormes quatro dias da ausencia. Irás jantar com elles n'um dia, elles irão jantar comtigo nos outros. Pedi-lhes muito para te acompanharem em nossa casa; porque me pareceu que, estando eu longe, tu desejarias conservar-te recolhida. Se não fizeres n'isso grande sacrificio, muito grato será ao meu coração saber que sahiste pouco. Esquesitices de velho! mas eu conheço-te a tua bonissima indole. Ainda não ha muito que experimentei o teu affecto e dedicação na minha ultima doença. Bem

sei que não seria mal nenhum ires ao theatro com os Amaraes; mas eu soffro sabendo que estiveste lá sem mim. Desculpa esta rabugice.

Interrompo a carta para ir tractar da minha *toilette*: barbear-me, tomar banho e depois almoçar para comparecer em casa de teus primos ao meio dia. Até logo.

---

5 horas da tarde.

Tenho a cabeça em agua. A noite em claro e a tal prima Angelica exgotaram-me a energia. Ella não deixava fallar o marido, nem o procurador que estava presente, queria dirigir tudo, só ella é que entendia as coisas. Ha homens muito desgraçados, quando se casam com monstros assim!

Não digo que seja feia; mas é muito desagradavel. Ao que parece manda no Theodoro, como manda nos creados. Comparando-me com elle, é que eu reconheço quanto sou feliz com uma mulhersinha carinhosa, formosissima, bem educada e cheia de dedicação. A minha cura da recente molestia, foi mais devida á enfermeira do que ao medico. Conquistaste, pela segunda vez, o meu coração. A tua vontade é hoje a minha vontade. Não quizeste acompanhar-me ao Porto, o que me parecia melhor para não estar, como estou, moido de saudades. Porém isso não quer dizer nada. Concordei comtigo: uma vida de casados bem comprehendida, deve ser de mutuas condescendencias.

Em casa de teu primo estava a irmã d'elle, aquella que se parece muito comtigo, sem por forma alguma

attingir a tua belleza e distincção! Maria Paula ha uma só. Ainda assim os meus olhos gosaram immenso na contemplação d'este rosto tão captivante. Foi um lenitivo para a minha immensa saudade; mas por fim aggravou-m'a, porque senti um enorme desejo de te tornar a ver. Gostei muito de estar ao pé d'ella, pois conservei deante de mim, por uma hora, a imperfeita reproducção da minha querida esposa. Ella vive em Leça com o marido, parece que lhe aconselharam os medicos a cura pela atmosphera maritima, pois é bastante fraca e chlorotica. Perguntou-me muito por ti, ella parece interessar-se por tudo quanto te diz respeito. Deu-me noticia dos bailes e festas em que estiveste n'este inverno. Tem lido essas noticias nas *Novidades*. A tua cabeça de princesa de Lamballe, como a viu descripta, enthusiasmou-a. Podéra! Foi a opinião de toda a gente. Gostei muito d'esta tua prima, que é bonita e me pareceu boa e sincera.

Vou fechar a carta, que precisa de ir já para o correio. Has de recebel-a ámanhã pela dez horas. Ditoso papel, que estará durante minutos nas tuas lindas mãos! Conta-me a tua vida de todos os instantes, depois que parti. Os Amaraes devem ter-te acompanhado muito. Com que infinito goso não lerei a tua carta em resposta a esta! Decerto me vae dar instantes de incomparavel felicidade! Venho a recebel-a depois de amanhã; só no dia seguinte é que conto partir, se tiver tudo ajustado, como espero. Adeus, querida mulher, recebe com ternura o coração do teu

Julio.

XVI

De Roberto *a* Maria Paula

4 de Abril á meia noite.

Está tudo preparado com a maior prudencia e recato. Não póde ter sustos; o que lhe assegurei será cumprido rigorosamente. A' porta da egreja de S. Domingos encontrará a carruagem; o cocheiro é de absoluta confiança, homem muito meu dependente. O sitio é frequentadissimo, passa a todo o momento gente de todas as classes: quem se lembrará de reparar n'uma senhora, vestida simplesmente, que sahe da egreja, de fazer as suas orações, e se dirige ao seu *coupé*?! Vestido preto, capa ampla, veu espesso... Julgal-a-hão qualquer viuva, que venha de cumprir deveres religiosos e de saudade. Tanta singeleza tem encanto de mysterio, não acha?...

O templo é dos mais vastos de Lisboa; não o frequenta gente, que a conheça. Quem a vir lá dentro tel-a-ha na conta de qualquer devota recolhida na sua devoção. A sua alma assustadiça deve sentir-se tranquilla. Repito o combinado, para melhor lhe assegurar o bom exito: A's dez horas da manhã, á esquerda de quem sae da egreja de S. Domingos, um *coupé* de cavallos pretos espera-a. O cocheiro, que a conhece, logo que a veja transpor a grade desce da almofada e abre a portinhola. O *coupé* é forrado de marroquim verde

escuro e dentro encontrará um ramo de cravos brancos, os mais bellos que se puderam encontrar em Nice. E' o que lhe offereço, como preito do meu amor grandioso, mas simples e leal.

Entre na carruagem e deixe-se conduzir para a ventura suprema! Quando parar, o cocheiro lhe abrirá respeitosamente a portinhola. Sáia sem reparar, entre na porta da escada, que logo outra porta do rez-do-chão se abrirá. O porteiro serei eu mesmo; n'um instante estará n'estes braços, que ha tanto tempo a ambicionam! Verá que lindo ninho preparei para a receber. Só o amor assim me podia inspirar. Ha quanto tempo sonho com esse momento sublime, de estarmos sós, longe de vistas malevolas, de vontades perturbadoras! O que tenho soffrido por si, então o comprehenderá. O estado actual a prolongar-se aniquilava-nos a ambos. Era uma consumpção da alma e do corpo. A mim, ou me levaria ao suicidio ou á loucura. A si!... Maria Paula, eu precisava que me désse esta prova suprema do seu amor .. O que diremos, quando estivermos na presença um do outro, com a nossa sensibilidade livre?! Isso não se pode presumir. Fallarão os anjos, fallarão as aves, fallará a luz do universo, nós estaremos silenciosos. E' o extase, é o arrebatamento sublime! Um só beijo, mas infinito, lhe envia o seu

Roberto.

XVII

Telegramma de Julio Maldonado *a* sua mulher

Porto 5 de Abril 6 h. t.

Infinitas saudades. Parto hoje. Não posso mais. Deixo procuração e tudo combinado.

Julio.

XVIII

De Lucinda *a* Maria Paula

13 de Abril.

Que mudança foi essa?! Diogo acaba de me dizer que só d'aqui a quinze dias vão para as Azáleas! Disse-lh'o teu marido que tinhas, antes de partir, de fazer um tratamento aos dentes. A mim não deixa de me convir; porque só por tua causa me retirava tão cedo. Sei que me vaes escrever hoje a este respeito; porém melhor seria vires cá para explicares tudo. Ha dias que te não vejo; terá sido por causa d'essa maldita *dôr de dentes?!*... Que pena! Tu que tens uns dentes tão lindos e admirados! Maria Paula, sê franca com quem tanto t'o merece. Dentes, modistas... todas nós sabemos o que isso representa. São os pequenos recursos nas occasiões supremas... Has de pôr tudo

em pratos limpos. Se quizeres que seja em pratos de *Sèvres* será, pois tenho cá d'essa loiça. Estes quinze dias tornar-se-hão provavelmente elasticos e chegarão a um mez. Fica assim muito bem, porque cairá a ida para meados de maio, que é tempo mais seguro por lá e mais aborrecido por aqui. Sae de Lisboa a familia real, sahem muitas das nossas amigas para o estrangeiro, não fica ninguem.

Essa epoca é mais propria para o campo: está tudo florido, esperam-nos o cuco e os rouxinoes. Parece-me que procedeste bem, até por causa da tua saude, que se não daria bem com a presente humidade nas Azáleas. Andavas nos ultimos dias tão nervosa, tão differente do costume, que te tenho extranhado!... De mais a mais pouco expansiva... No outro dia, no chá da Paraiso estive para te ralhar; deixaste-me por duas vezes sem motivo, para ires conversar com a Palmira e com a Annica de Sousa, que não são mais interessantes do que eu e não são tuas amigas. Comprehendi tudo e por isso te desculpei: esperavas quem ali não estava, foste para ao pé da porta, para ver se chegava... Sei comprehender as coisas do coração, não te sentias bem por qualquer motivo e ha coisas que a gente não diz, nem a si mesma; porque as paredes tem ouvidos. Bem, seja isso, continuas a ter segredos para mim. Tambem estranhei na *soirée* da Rosal o proprio Roberto, que andava contra o costume um pouco fóra de si. Porque tu conversaste um pouco com o Fernando de Castro e com o Cerdeiral, parecia Othelo. Que não exagere, elle não tem direitos de marido sobre ti. Que se

accommode, não tem remedio... Os olhos faiscavam-lhe como os anneis dos dedos e eu receei que tivessemos scena. Passou a trovoada? Vez o ceu azul?!... Melhor. Talvez fosse isso que te causasse a dôr de dentes, que te obriga a ir ao dentista, onde tambem Roberto póde comparecer; porque tambem tem dentes que lhe doam. Os homens são pessimos, mas nós gostamos d'elles. Somos parecidas com as creanças, que se deliciam em comer terra!...

Como tu me não explicaste nada, eu vim para casa scismar no que teria acontecido a Roberto, para andar de tão mau humor. A tua timidez, as incertezas continuadas, a tua irresolução, os escrupulos... trazem-no irritadissimo. Mas tu já lhe concedeste um infinito beijo d'amor no baile do ministro inglez e quantos mais lhe terás concedido, se encontraste occasião e logar para lh'os dar e receber!... Isto vae tudo no começar, filha, já t'o disse. Porém como tu tendes para o arrependimento, talvez o contrario se tenha dado e então comprehendo que elle viva infeliz. Encontrando-te esquiva fallaria em abandonar Lisboa, em ir para a Africa, em se alistar como voluntario em qualquer guerra com o fim de procurar a morte, n'um desespero heroico. E por causa d'isto, tiveste tu uma dôr de dentes?! É conhecido o invento, não te assustes que elles nunca realisam o que dizem, e lembra-te que a epoca das promessas é a unica em que os homens nos amam verdadeiramente. Depois... *tout passe*, *tout lasse*... Os amantes são como o demonio, que os inventou. Não te escandalises que eu falle assim, quando se trata do teu

incomparavel Roberto. Bem sei que elle é differente de todos os outros, bem sei. Mas quando cá vieres (espero-te ámanhã) dir-me-has porque andava elle como Othelo em casa da Rosal. Por causa de Fernando? Por causa do Cerdeiral? Não pode ser! Por causa de teu marido, que se levantou umas poucas de vezes do jogo para te fallar? Isso seria de mais! Lembrei-me que fosse fingido, para illudir a platéa, visto que nos ultimos dias se tem fallado muito mais d'esta tua côrte, sem se saber porquê. Eu que devo estar mais bem informada, que todos os outros, acerca d'esse amor *ideal*... nada sei de novo. Tudo isto me deu que pensar; porém como vinham ter commigo para explicações, fingi-me sabedora e defendi-te. A medonha Souzel segredou-me que tudo estava acabado entre vocês, que tu e Julio iam viver para o extrangeiro. Não a contradisse, mas penso differentemente. Teu marido é incapaz d'uma resolução, e, se tu e Roberto estão hoje arrufados, é de recear que ámanhã sejam amantes a valer. Soceguei a Souzel e a mexeriqueira da Aguas-Santas amesquinhando-lhe essa côrte, dando-a como um simples *flirt*, que póde realmente acabar d'um momento para outro. Não é esta a minha opinião, mas acho necessario que se diga, e ellas são optimas para o espalhar, associando-se á *Madame Joujou*, á Maria da Soledade e a outras. Eu não sei se ellas me acreditaram, visto serem todas muito experientes; porém não faz mal o fallar-se como eu fallei.

Mas, afinal que fizeste tu a Roberto para andar tão zangado?! Não sejas cruel, sê generosa ao menos em

palavras e promessas. Tu adoeceste dos dentes e demoras-te mais quinze dias em Lisboa?... A'manhã contarás tudo; mas vem disposta a ser franca, como eu t'o mereço.

A tua dedicada

Lucinda.

XIX

De Maria Paula *a* Lucinda

14 de Abril.

Por causa d'uns parentes, que nos chegaram do Porto, não posso ir ver-te hoje; mas irei ámanhã. Uma grande maçada, percebes?

Comtudo preciso muito fallar comtigo. Quero recolher o meu coração no teu e ralhar-te immenso pela tua carta de hontem. Suppôr que eu escondo qualquer coisa de ti; que invento pretextos, que não conheças, é d'uma maldade incrivel! Querendo certificar-te de que ando a tratar os dentes com o Gonçalves, e que ás 9 horas da manhã *só lá appareço eu*, recebida por especial favor, é teres o incommodo de te levantar um dia cedo, ir ao consultorio, que me encontrarás. Sou quasi sempre a unica pessoa a essa hora, acompanha-me a Felismina, vou a pé, dou um lindo passeio e recolho ao meio dia com optimo apetite para o almoço.

Se tenho tempo, faço as minhas orações nos Marty-

res e tomo um trem no Loreto, para chegar depressa a casa. Aqui está, não ha mais nada, sua maliciosa!...

Julio foi ha tres dias ás Azáleas dispor as coisas para partirmos ámanhã; porém, quando voltou á noite, encontrou-me tão incommodada com nevralgias que até quiz chamar mesmo de noite o dentista, o que não consenti por ser tolice. Mas logo no dia seguinte fui ao Gonçalves e principiei o tratamento, que levará quinze dias. De modo que não houve nenhuma impostura. Se a houvesse seria bem justificada; porque, como dizes, é muito cedo para o campo, o tempo está ainda frio. Confesso-te que estimei ficar, apesar do incommodo; não me custou muito a convencer o Julio, que anda muito melhor commigo. Habituou-se, é o caso.

Adivinhaste no ponto em que procurarei conseguir que os quinze dias vão até um mez e mais. Tenho de cuidar das *toilettes* de verão. E' trabalho que fica feito e talvez tenha de vir cá alguma vez para provar. Não te parece assim melhor? Escolha de fazendas e figurinos pode-se fazer agora; mas, no que toca á prova, é necessario darmos os nossos lindos corpinhos para os vestidos e as lindas cabeças para os chapeus. De mais a mais eu mandei vir coisas de Paris, terei um verão muito catita, principalmente em Cascaes. E' necessario, não te parece? *Noblesse*...

Dizem que o baile da cidadella será este anno muito apparatoso, pois que se espera uma alteza allemã. Já ouviste fallar disso? A mim affirmou-m'o a condessa de Minde, que o saberá por ser *das lá de dentro.* Se o caso se dér, teremos de mandar vir *toilette* especial. Não

ha remedio, os nossos maridinhos serão condescendentes.

A respeito de arrufos, othelices e outras coisas da tua carta, ámanhã conversaremos... Alguma coisa houve, Roberto comprehendeu que estava dando muito nas vistas, tornando excessivamente publica a sua côrte, o que não podia deixar de nos prejudicar. Não tenho eu sido d'uma bondade infinita? Já recebe cartas minhas, já lhe consenti o que sabes no baile da Inglaterra; (foi só uma vez, acredita que foi só uma vez!) que mais quer?! Não tem direito a mais; se exige muito poderemos ir para as Azáleas, ou viajar, o que lhe será de certo custoso. Admiro a tua perspicacia: elle andava a fingir que estavamos frios e tu comprehendeste que estavamos de cada vez mais ardentes. Ninguem te pode illudir... Com o fim de te explicar varias combinações para o campo é que preciso fallar comtigo. Dizes uma grande verdade no que me escreveste: a epocha das promessas é a unica em que os homens nos amam verdadeiramente. Temo tanto pelo futuro!... Se fôr uma desillusão, se fôr um desengano, pode matar-me. Os impulsos, que ás vezes sinto de ser mais generosa com *elle*, esmorecem deante d'este receio!... Penso ás vezes que sendo eu tão timida, faltando-me força para me desembaraçar de certos preconceitos, melhor seria que elle procurasse outro destino, ou fosse para longe e só me apparecesse, quando eu pudesse recebel-o como marido. Porém custa-me tanto afastar de mim este ternissimo coração!... Valha-me a Virgem, vivo tão apoquentada que nem tu imaginas!

Até ámanhã, querida. Tenciono dar-te duas horas da minha vida. Com esta lida das *toilettes* e tratamento dos dentes havemos de nos encontrar menos; mas os nossos corações estarão sempre juntos. Em todo o caso temos as noites: ou na tua, ou na minha casa, ou na de alguem nos encontraremos. Bem vês que, acceitando a tua protecção para maio ou junho, temos muito a combinar. Este anno não sei se iremos ás Pedras Salgadas. Aquelle logar é para mim santo, bem sabes porque. Devo-lhe uma romaria; pois foi ali que vi pela primeira vez Roberto. Como embirrei com elle então!... O coração das mulheres é realmente incomprehensivel; somos creanças, gostamos de comer terra, dizes muito bem. Até ámanhã. Muitos beijos da tua agradecida

Maria Paula.

XX

De Lucinda *a* Maria Paula

Lisboa, *20 de Maio.*

A estas horas, duas da tarde, vejo-te d'aqui á sombra das arvores das Azáleas, sentada na tua cadeira de verga, lendo ou bordando. Não estarás contente, mas estás tranquilla. Teu marido, de largo panamá, com as mãos cruzadas atraz das costas, passeia na alameda, pensando nos seus cacos e coisas velhas. Não é diver-

tido, falta-te o movimento elegante a que a tua imaginação ultimamente se habituou; porém a tua saude exigia que partisses. Ha um mez para cá, o medico acha-te muito exquisita; eu, que vivo na tua intimidade, tambem te encontro differença. Essa palidez e olheiras tem-me preoccupado; vejo que estes amores, apesar de correspondidos, te vão moendo os nervos. A simulação de frieza em que vocês ambos se puzeram, opprime-os e gasta-os. Quando estão a fingir que se não veem, parecem dois asmathicos com faltas d'ar!... Isto não pode continuar assim: ou cova, ou dente, como se costuma dizer. Acaba com tudo, vae fazer uma viagem, que dure um anno, ou sê amante de Roberto. Não te aconselho que o sejas, pois sabes a má idéa que fórmo dos amantes.

Dadas as coisas como estão, comprehende-se a tua pallidez, o teu olhar magoado, o teu estado nervoso. Tem razão o teu medico em te achar doente. Nas vesperas de partir andavas impossivel, sem dar por isso: não respondias nada certo, esquecias-te do que havias dito um minuto antes, saltavas d'uma coisa á outra sem ligação. Algumas vezes te salvei da má lingua das nossas amigas, que se riam vendo-te assim!...

Por isso foi muito bom que partisses para a quinta. A solidão em que te encontras não será de muita dura: em tres dias estaremos nós ahi e Roberto não demorará a visita combinada. Não o levamos já; porque preciso primeiro fazer exame á minha casa, para ver se está em estado de receber. Bem sabes como gosto de ter as coisas nos seus logares, tudo na melhor

ordem, quando hospédo amigos. Antes do fim do mez, em condições infinitamente mais favoraveis, terás na aldeia o que tinhas em Lisboa.

A vida do campo, intima e familiar, é apropriada aos corações doentes. Ha os passeios em que a gente, d'uma maneira que parece natural, obtem o braço da pessoa preferida; ha os almoços fóra de casa, os convivas sentados *ao acaso* sobre a relva, o que facilita as approximações, que desejamos. As arvores protectoras com os troncos grossos, permittem *certas liberdades*; as sombras amigas acalmam-nos; a nossa linguagem é mais desembaraçada, menos *formal*, como diz aquelle hespanhol com quem eu embirro. Portanto, alegra-te com estas esperanças, socega os teus nervos, põe a imaginação em melhor caminho, não faças do amor um tormento. Que seja antes ventura.

Andará n'esse teu estado, que tanto preoccupa o medico, teu marido e as tuas amigas, obra do teu confessor?! Não sei que o tenhas procurado nos ultimos tempos, mas tudo póde ser. Os teus escrupulos... Eu não conheço esse padre; mas julgo-o pequilhento. Procura outro, confessa-te em francez; os peccados d'amor em francez não são tão feios, a gente até sorri quando responde a certas perguntas *bem feitas*. Vae a S. Luiz, ao padre Delombe: eu apresento-te se quizeres. É homem pouco agradavel á primeira vista; porém muito carinhoso para nos escutar e mais carinhoso ainda para nos punir. Reprehende suavemente, sem offender o nosso pudor. Culpa confessada, com promessa de arrependimento, torna-se quasi uma coisa agradavel pelos elogios

que ouvimos á nossa intelligencia, educação e delicadeza de sentimentos. Se não quizeres o Delombe, apresento-te ao padre Porfirio, tambem de S. Luiz, que ainda é melhor, pela sua linguagem cheia de *sensibilidade*. É um padre bonito, apesar dos cincoenta annos e cabellos grisalhos. Quer um, quer outro, são optimos confessores: mettem a gente no coração, reconciliam-nos com Deus e comnosco; sahimos da egreja alegres, agradavelmente dispostas para entrar em casa e beijar o marido e os filhos. Os padres portuguezes e os do Corpo Santo são terriveis, não sabem levar as coisas com modos. Quando os frequentava, ao approximar-me do confessionario, ia sempre a tremer. Por isso mudei para S. Luiz, onde me tenho dado excellentemente. N'aquella egreja está-se com agrado, como em sala familiar: ha certo perfume religioso e frequencia estimavel.

Eu bem sei que a nossa carne, mesmo depois de bem confessada, não fica com a fortaleza, que os padres imaginam. E' certo que não podemos chegar á perfeição. A's vezes penso commigo que, se o bom Deus, que tudo fez, assim nos fez, o peccado não ha-de ser coisa tão feia como dizem! É o que o padre Porfirio nos deixa adivinhar com a sua voz insinuante, aconselhando-nos o arrependimento e a emenda com encantadora amabilidade. As penitencias com que elle e Delombe nos castigam, não são difficeis. Não impõem grandes resas, o que seria arriscado e maçador; antes aconselham a pratica de actos, que estão nos nossos habitos e por isso não aborrecem: dar esmolas; concor-

rer para as festas de caridade, kermesses, beneficios, bailes... com o nosso trabalho e a nossa presença, o que não é bagatella, porque as lindas caras e as lindas *toilettes* atrahem muita gente; frequentar festas religiosas, principalmente as da casa; dar o nosso obulo para o Santo Padre, que está muito pobre; e finalmente auxiliar com dinheiro missões religiosas entre os infieis. Tudo isto a gente faz de muito boa vontade e do coração: conseguimos assim a tranquilidade das nossas consciencias, e fazemos bem aos que precisam.

Que mais querem de nós certas pessoas de moral carunchosa, que nos andam sempre a metter mêdo com o inferno?! Contra a vontade de Deus nada se faz e muitas coisas, que algumas beatas (velhas e feias, por signal) dão como peccados, não o são. Se tivessemos de lhes dar credito, estavamos servidas!... Por isso, minha querida, tranquilisa o teu coração, não penses no rabugento do teu confessor, respira esse bom ar para refazeres a tua saude e até breve.

Que pensará teu marido do nosso convite a Roberto? Não tem que pensar mal: Diogo, que para elle é um oraculo, approvou-o. Nós costumamos ter sempre gente; depois d'este, teremos outros hospedes. De mais a mais R. diz que, este anno, por causa dos seus trabalhos, não poderá demorar-se: irá algumas vezes, mas sempre com pouca demora. Assim é melhor, tel-o-has mais presente. Hontem jantou comnosco: é interessantissimo na conversa... O que elle disse, o que elle cantou!... Se continuas a ser esquiva, pódes perdel-o e haverá muito quem t'o queira. Aviso-te. Tenho *percebido coisas*...

Queres alguma encommenda de Lisboa? Estive hontem na Aline, que diz precisar de ti para o mez que vem, quando chegam de Paris os córtes de baile, para seres a primeira a escolher. Eu pela minha parte já tenho; porém da festa da Cidadella, nada sei.

Adeus, lindo amor, um grandissimo beijo te envia a tua amiga.

Lucinda.

TERCEIRA PARTE

I

DE MARIA PAULA *a* ROBERTO

Azáleas, 20 de maio, á noite.

Querido sonho.

Aqui estou no meio das minhas arvores muito amadas e companheiras de infancia. De cada um dos seus ramos pende uma lembrança honesta, em cada uma das suas sombras se recolhe um pensamento casto e poetico! Era a minha ventura d'outr'ora, bem differente da minha ventura d'hoje; porém no meu seio, já n'esse tempo viviam escondidas esperanças d'amor. Não as sabia comprehender então, comprehendo-as agora perfeitamente. E foste tu, Roberto, que revelaste taes segredos ao meu coração! Por isso és hoje o meu verdadeiro marido; as nossas leis deviam permittir que o podesses ser deante de Deus e de todo o mundo.

Já cantam os rouxinoes, flores por toda a parte! O rescender dos laranjaes, que estão debaixo da minha janella, acaricia-me os nervos e pacifica-me a imaginação. Hontem, dia da chegada, como estivesse a noite calma e o luar bello, demorei-me uma hora sentada na varanda do meu quarto, antes de me deitar. E' claro que percorri com o pensamento o espaço que nos separa, e estive comtigo. O canto d'um querido rouxinol, aqui dos nossos jardins, respondendo a outro que estava nos arvoredos da ribeira... estes dois cantos alternados, pareciam os nossos corações a conversar. Essa pequenina alma, escondida no esguio loireiro, que eu conheço desde creança, fallava á minha alma; segredava-me muita coisa, que eu sei sentir, mas não sei dizer!... As sensações profundas atam-nos a lingua e a gente não pode fallar; atam-nos as mãos e a gente não pode escrever. Lembra-me tantas vezes a morte, n'estes momentos de scismar! Se ella viesse hontem á noite, subitamente, eu seria muito infeliz, porque te perdia; mas seria muito ditosa, porque não sentiria a alma despegar-se-me do corpo. Pois ella já andava fóra de mim, não sei por onde!... Que coisas eu estou a dizer! Não sei o que estou a dizer, não é Maria Paula quem escreve.

Mas não é assim? Quando a gente morre, deve custar á nossa alma despegar-se do nosso corpo; porém, se fosse hontem, eu não soffreria essa dor. Qual será o motivo de vir hontem tudo isto á minha imaginação? Talvez seja por me faltar o teu amparo, o amparo da tua alma viril e nobre! Nem tu imaginas como sou outra,

quando estou comtigo. Poderão chover sobre mim martyrios e desgraças, que me sinto com immensa coragem para as supportar! Esta separação, apesar de curta, envenena-me a existencia. Não temos, porém, remedio senão obedecer ao mundo, ás leis, a Deus que assim o quer. O que nos vale, para diminuir esta desventura, é a amisade da incomparavel Lucinda, que em breve te trará para junto de mim. Suspeitará ella d'alguma coisa?!... Dia mais, dia menos, ha de vir a saber que te pertenço completamente, d'alma e corpo, sentimentos e vontade!...

Luctei com toda a minha energia, durante muito tempo; mas fui vencida. Ainda bem que o fui; a tua victoria deu-me a felicidade. Nunca pensei que seria tão ditosa como sou; eu vivia na absoluta ignorancia do amor. Goso hoje uma vida nova e perfeita. Tu soubeste acordar este sentir grandioso, que estava adormecido dentro do meu peito. A existencia só é bella, se se possue o amor; mas amor completo, como este que me transporta, e não o amor banal de toda a gente. Sou hoje differente do que era ha um mez, e muito mais do que era ha um anno! Até aqui tenho andado como uma actriz com sorrisos ensinados, com sentimentos emprestados. De quem foi a culpa? De todos e de ninguem. Os outros iam no caminho sabido, eu fui atraz d'elles. Appareceste tu, que me apontaste uma nova estrada para chegar ao verdadeiro paraiso e eu fui por ella. Ao principio repelli-te, desconfiei... Como poderia eu confiar? Disseram-me sempre outra coisa e eu acreditava-a. Haviam-me tapado os

olhos, para me darem uma ventura falsa, como ha joias falsas. Tu deste-me vista, mostraste-me a verdade, sou tua esposa, tu és meu esposo. Commetti uma falta para chegar a isto? Isso é com elles, a minha alma transformou-se. Respeito Julio, que sempre foi bom para mim; mas hoje não é meu marido. Acredito na sua sinceridade, na sua lealdade; por isso um dia elle ha-de comprehender... Mas o peior é que me ama loucamente o desgraçado! Emfim, Deus assim o quiz... Porque não permittiu o Altissimo, que tudo pode e tudo dirige, que tu me apparecesses a tempo de seres meu esposo perante o altar?!... Ha coisas que se não comprehendem. Não tinha de ser, está dito tudo. Porém o meu coração revoltou-se e hoje sou tua mulher, d'uma maneira differente do usual, sim; mas sou tua mulher. E sejam quaes forem os perigos, vivo socegada, á espera... A' espera de que? Não sei; mas quem sabe o destino que nos estará reservado?!...

Queres que te diga que estou triste? Não é preciso, tu bem o sabes. Mas não se passarão muitos dias sem que te veja, sem que sinta a fortaleza da tua presença. Meu marido está socegado, parece que de novo lhe voltou o enthusiasmo pelos seus estudos predilectos. Trouxe muitos livros, fechou-se hoje no gabinete com elles, como fazia d'antes. Deixal-o: eu não o amo; mas não lhe quero mal.

Estes dois dias não produziram effeito no meu estado de saude. E' muito pouco ainda para se conhecer differença, bem sei; mas sinto que não poderei melhorar. Os ares serão mais puros; porém ares puros não ser-

vem de remedio para o meu mal que a separação augmenta. Mas tu virás muito breve e esta esperança me enleva. A primeira noite não a passei mal: estive muito tempo acordada, dormi com sonhos disparatados; mas de manhã encontrei repouso. Quando a creada me entrou no quarto, estava tranquilla, pensava em ti. Vamos a ver como passo hoje. Sinto-me bastante melancholica; porém com boa disposição. São horas de enviar esta carta. Adeus, recebe um grande beijo da tua

Maria Paula.

II

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 22 de maio.

Minha alma.

Felicidade do ceu! Ser amado de Maria Paula, completamente, inflamadamente, culposamente, se quizerem, é a maior ventura da vida! Que te digam por mim os rouxinoes, na sua linguagem de ingenua paixão, quanto te amo, querida! E ainda duvido que no seu canto sentido, solto n'um ambiente de mysterio e de sombra, n'um descampado vasto, com um ceu infinito d'onde jorra a luz macia do lar, possam exprimir todo este amor. Eu mesmo, para ti, só tenho extases mudos e supremos, só te posso sorver em beijos, como se fôras gotta de orvalho em petala de lyrio bran-

co, que o amor evapora. Conhecerás tu, adorada Maria, o romance grego do fogoso Daphnis com a sua innocente Chloé, passado na umbrosa ilha de Lesbos, n'um bosque consagrado ás Nymphas? E' uma perola azul da litteratura antiga, que mão desconhecida de artista raro offereceu á trindade symbolica de Cupido, das Nymphas e de Pan!... Grito anhelante e vehemente da sensibilidade, que reside nas profundesas da vida, e irradia em todo o Ser, espalhando-se pela infinidade dos mundos!... Ao lel-o gritam, gemem, riem e anceiam os nossos nervos: descobrem-se, sentem-se as fecundidades reconditas e alegres do amor livre; nunca a saciedade mata a imaginação, nem amortece o desejo. E' perenne e impetuosa a caudal de deleite e força; mergulha o nosso corpo e a nossa alma no perfumado e quente lago de prazeres supremos; quando ahi submersos só ouvimos com enlevo e anceio o canto pagão da natureza, que nos revela coisas novas, n'uma gradação ascensoria. Rousseau, na sua Heloisa, não póde medir-se na penetração do sentir amoroso, com o desconhecido Longus da litteratura grega.

E' este estado de gloria perenne e insaciado desejo, que existirá sempre no nosso amor, sejam quaes forem as venturas ou as desgraças, que o acompanhem. Nunca chegaremos á realidade sufficiente para o desgosto, pois sinto que é infinitamente profundo o mar do amor. Galeno, um sabio bronco, diz que a satisfação do prazer organico gera a tristeza!... Onde aprenderia, este tôrvo philosopho, que uma vibração de nervos, uma vez produzida, se não continua no Uni-

verso?! Nada se perde, tudo se transforma; em nós mesmo temos recursos para comprehender coisas sempre novas. A um minuto segue-se outro minuto, a corrente do tempo nunca pára. Será forçoso que em nós tudo acabe, n'este ponto do Infinito que habitamos!? O redemoinho da vida, da sensibilidade, da ventura e da desventura restringir-se-ha á terra, nossa morada?! Tenho-o acreditado e apregoado inconscientemente, ensinaram-m'o alguns livros e alguns mestres; mas, hoje, depois que te conheço e que a minha vida se completou com a tua vida, sinto arder-me no coração um brazeiro de fé pantheista e parece-me que após a morte n'este Globo, ainda nos continuaremos a amar em alguma outra esphera. Será erro em que me induza a paixão? Se o fôr tenho pena; mas em tal caso, hei de considerar mentirosa a eloquente voz, que em mim proclama a victoria do meu amor, para todo o sempre? A minha mente recusa-se a admittir que esta divina expansão possa acabar algum dia.

Jantei em casa de Lucinda. Deu-me a certeza de que antes do fim do mez nos encontrariamos. Tomara esse dia, ainda que seja d'uma só hora. As saudades fazem-me soffrer immenso! Lucinda, depois do jantar, lançou-me redes para colher alguma palavra, que lhe descobrisse aquillo de que talvez desconfie. Com a sua graça natural crivou de ironias os amantes platonicos, envolvendo-nos n'esse numero, evidentemente com o fim de me experimentar. Inventei tresentos meios de sahir do assumpto; mas não m'o consentia. Vontade tinha eu de proclamar, deante d'ella e de toda a gente,

o meu grande triumpho; porém sei que te desgostava. Antes deixaria arrancar a lingua do que soltar qualquer syllaba imprudente. Que estas coisas sempre se vem a saber... Mas que seja o mais tarde possivel. Lucinda seria merecedora d'uma pequenina confidencia... Faze-lh'a tu, quando o julgues opportuno. Tive, quando lá jantei, de me conter mais do que o meu costume. Não imaginas como estava terrivel com as suas alfinetadas aos amores ethereos, romanticos, proprios de pastorinhas ou de collegiaes em férias. Ella é tua amiga e temos de lhe aturar tudo. Basta o que tem feito por nós, para o merecer. E que intelligente é!... Tens visto como em sua casa dirige o movimento, levando todos para onde quer!... Teu marido para o *whist*, a Aguas-Santas, a Sousel e outras para a má lingua... É impagavel! Gulosa de enredos d'amor, gosta de viver no meio dos casos galantes?... Seja o que fôr, devemos-lhe, em grande parte, a felicidade, que desfructamos; esta nossa existencia seria muito mais amargurada sem o seu auxilio. A idéa, que me communicaste outro dia em casa de Sallustio, de inventares pretextos para vir a Lisboa; durante a temporada das Azáleas, é excellente e pratica. Que saudades tenho d'essas deliciosas manhãs que roubaste ao dentista, para m'as dar, querido sonho! As cidades, com a sua indifferença pelas vidas alheias, são acolhedoras para os amores escondidos... A multidão protege-os melhor que uma floresta! Ahi, de traz d'um massiço de verdura, pode estar quem não deve ver que nos beijamos; ahi os ternissimos encontros de dois amantes po-

dem ter como testemunha qualquer transeunte que os conheça... Por isso serei por lá tão prudente quanto desejas; até continuaremos a fingir de bons amigos, amigos de mera sympathia e convivencia. Bem comprehendo os teus receios, um miudinho grão de areia póde ser o bastante para emperrar a roda da nossa fortuna. Isto, adorada Maria, irá assim até ao momento em que se deem circumstancias, que nos obriguem a affrontar verdadeiros perigos. N'esse caso não nos faltará coragem, para chegar ao fim. E era bem necessario que descobrissemos um meio de ser completamente um do outro, em todos os momentos do dia. O meio é vulgar, está descoberto: a questão é querermos esmagar debaixo dos pés a estupida opinião... *dos outros*. Porém tu, que tanto me amas, tendo-me dado d'isso a prova suprema, és timida... Não te censuro, não te posso achar imperfeita em coisa nenhuma; o que tu quizeres, é que será.

E teu marido? Não teve novos ameaços de colica? O que tu supportas por causa do negregado dever!...

Adeus, querida, beija-te ardentemente o teu

Roberto.

III

De Lucinda *a* Maria Paula

Lisboa, 26 de maio.

D'aqui a dois dias entraremos triumphalmente nas Mouras! Como de costume teremos musica e foguetes do Nicolau, que pelo muito que nos deve, julga da sua obrigação fazer-me todos os annos uma formidavel dor de cabeça! Haverá vivas, dansas, illuminação e muita alegria. Diogo adora esse barulho, que lhe confirma os votos nas eleições. Eu não participo d'esse enthusiasmo, mas—que remedio!—vamos fazendo cara alegre; porque é a posição, é a *importancia* do nosso homem!...

Roberto não póde acompanhar-nos; mas não tardará muito a partir. Já te disse que preciso primeiro dispor as minhas coisas, para receber hospedes. Bem sabes que tenho grande talento de hospedeira; e quando se recolhe um *principe*, é obrigação da gente, esmerar-se. Farei da minha parte o necessario para nada *lhe* faltar do que é *material* na vida; o resto é com os outros é comtigo. Eu bem sei que uma choupana lhe bastaria, logo que n'ella encontrasse o seu amor; porém, se em vez de choupana tiver um rasoavel conforto, ser-lhe-ha mais agradavel, verá as coisas mais côr de rosa. Faço tudo por ti; mas faço-o tambem por elle, que é um *charmeur*. Diogo não o admira menos do que eu. E'

optimo conversador: intelligente, instruido e rapaz muito bem posto. Em nada se lhe sente o provincianismo de origem: parece ter sido educado n'uma sociedade lá de fóra. Admiro-o muito, reparo muito n'elle; mas não tenhas receio, nem o podes ter de mim que não valho uma só unha das tuas lindas mãos. Por ti o mereces, elle vive todo absorvido nos teus encantos, és a unica mulher no mundo, não digo que só elle adora, mas que póde adorar. As experiencias a que me dei, da ultima vez que aqui esteve, para avaliar do seu amor por ti, deram-me a certesa de que não pódes sentir hoje o menor temor; não t'o podia roubar nem a propria Santa Tecla, cuja formosura os leões respeitaram. Assim me desdigo do que te affirmei n'outra carta. Foste feliz, minha querida: logo na primeira paixão encontraste o verdadeiro amante, aquelle que uma mulher de nobres sentimentos, como tu, pode desejar possuir. Ninguem te comprehende melhor do que eu, uma desilludida. E tambem ninguem te justifica melhor: as que não sentiram um dia arder-lhe no seio a violenta chamma, talvez te censurem; eu applaudo-te. Uma mulher honesta como tu, só cede ao imperio d'uma força, que não póde contradizer. Para casos d'estes, não valem religião, nem conveniencias sociaes, nem tias velhas que nos deixem fortunas, nem maridos ciumentos... Quando eramos creanças e inexperientes todos esses nos julgaram como as bandeiras, que obedecem a todos os ventos... Enganam-se: os resultados veem-se frequentemente. E' louco quem julga possuir o segredo escondido no coração de uma rapariga

de dezoito annos!... Quando mais tarde desperta a sensibilidade nova, é que se reconhece o que lá estava. Estas licções não aproveitam, e ainda bem; porque d'outra forma, o mundo seria muito aborrecido.

Mas voltemos ao ponto: não estarás muitos dias sem ver aquelle que adoras e eu admiro. Participo-t'o com anticipação, para te dar alegria, para te suavisar essa saudade, essa melancolia com que tornas mais tristes as arvores da tua alameda, emquanto teu marido passeia ao longe, de largo panamá, com as mãos atraz das costas. No dia em que Roberto chegar ás Mouras, vocês, jantarão comnosco. Quero assistir ao primeiro encontro, depois da primeira grande separação! Sou maliciosa?... Ambos V. a quererem esconder o que eu sei, a fingirem-se naturaes, quando os nervos lhes vibram como cordas de poetica harpa... Delicioso!... Será encantador e divertido. Apreciarei...

Vocês vão amar-se por lá d'um modo differente, com um sentir differente. As sombras amigas, o enorme silencio das noites, o crepusculo languido das tardes convidam ao amor. O nosso luar d'ahi, atravez das folhagens, tem muito maior prestigio do que o luar de Lisboa, espalmando-se vulgarmente nas frontarias das casas e no pavimento das ruas. E depois a orchestra dos rouxinoes, interpretes dos corações felizes, digam o que disserem, é differente da orchestra de S. Carlos, que toca para toda a gente, em quanto que os passarinhos cantam só para os namorados... Daremos largos e encantadores passeios, vocês terão maneira de ter confidencias intimas, que pelo sabôr diverso lhes

enriquecerão as almas. Os arvoredos, as aves do ceu, as flores e as fontes escutam tudo, sem o repetirem. Não tem a febre da tagarelice como as senhoras da sociedade; não escrevem cartas anonymas. Podiam lá os rouxinoes denunciar os amantes, elles que fazem o mesmo?! Seria incomprehensivel. O teu Julio foi imprevidente querendo applicar-te a medecina do isolamento, da monotonia encantadora do campo. Bem se vê que nunca amou como amante, mas sim como marido. Em Lisboa a gente sempre se distrae com outras coisas; no campo não ha nada mais em que pensar. Sentir accumular-se no peito a saudade, como o calor dentro d'uma estufa; é perigosissimo e o teu Julio ignora-o. Não sabe que depois pode rebentar com maior belleza e força a planta deliciosa da paixão. Vejo que me deixei correr em devaneios. Talvez eu tenha escripto muita tolice. Mais diria, se estivesse a fallar comtigo; porque ando com a lingua muito leve. Esteve aqui a Rosal e não imaginas o que fallamos. Ella ria... Basta.

Até depois d'ámanhã. Vae assistir á nossa chegada; mas de dentro de casa por causa dos festeiros. Não perderás o tempo... Roberto irá certamente despedir-se de nós á estação; assim poderei levar-te alguma coisa d'elle, da sua elegancia, nos meus olhos de verdadeira admiradora. Adeus, amor.

A tua

Lucinda.

IV

De maria Paula *a* Roberto

Azáleas, 30 de maio.

Chegaram os Amaraes á sua quinta das Mouras, Fomos assistir á entrada, que foi realmente festiva. pois toda a gente por aqui adora o seu deputado, que lhes faz muito bem, segundo creio. Lucinda, emquanto me beijava, dizia-me ao ouvido palavras *de má;* bem senti logo que me trazia de ti muita coisa... Deixou tudo e todos, fomos para o quarto d'ella, onde durante meia hora não se fallou senão de Roberto. Tens alli uma grande admiradora; até me causaria ciumes, se a não conhecesse e a não considerasse como verdadeira amiga. Repetiu-me todas as palavras que lhe disseste na despedida, deu-me o ramo de cravos brancos (que saudades me fazem estas flores!) que tu lhe levaste para ella, por entender que eram para mim, e obrigou-me a metter um d'elles no seio. Imitou a tua voz commovida no momento da partida do comboio... Não imaginas como me encheu de carinhos! Parecia uma irmã, que trouxesse a sua irmã noticias do noivo ausente. E' extraordinario este interesse e empenho que mostra pela nossa felicidade! Dá-me que scismar pelo exagero; mas parece-me que Lucinda, que muitos consideram leviana, é um gradne coração.

Vamos a ver o que se passará aqui até ao fim de Junho. Eu conto, como te disse, ir a Lisboa algumas vezes, por causa da modista; mas receio que estes impertinentes incommodos me transtornem tudo. Não sei que isto é, sinto-me abalada. Julio, como eu passasse mal esta noite, já fallou em mandar vir d'ahi o nosso medico. Não será preciso: são coisas passageiras. Assim o espero e assim o desejo. Não quero estar doente, prefiro antes encontrar-me comtigo ahi, do que tu vires com demora. Por cá, todo o dia á vista de toda a gente, a natural vigilancia sobre os nossos actos é muito maior e pode tudo descobrir-se. Este amor tem-me tornado tão ditosa, que por elle temo; mas quanto por elle padecer considero deleite!...

Julio anda mais tranquillo, voltou aos seus livros. Como agora o observo com maior cuidado, estou convencida que elle conhece perfeitamente a nossa inclinação reciproca. Só isso; de nada mais suspeita. Adivinhou ou disseram-lho? Nunca se podem conservar escondidas estas coisas; é muita gente curiosa a espreitar. Basta uma mulher bonita a quem não fizeste a côrte, ou um homem presumpçoso de quem a não acceitei, para serem dois inimigos e denunciantes do que sabem e do que inventam. Os olhares furtivos de meu marido, umas vezes tristes, outras com incendio de ciume e de colera, são caracteristicos, bem o percebo. D'antes, ainda ha bem pouco tempo, acarinhava-me paternalmente, afagava-me quando me via pensativa. Agora ainda o faz; porém, como é differente! Sinto-lhe nas caricias uma revolta de paixão violenta... O que

sahirá de tudo isto, santo Deus! Seja o que fôr, eu amo-te apaixonadamente.

Comtudo, devo confessal-o, Julio faz-me dó; reconheço que n'essa pobre alma se trava uma grande lucta a todos os momentos. Eu nunca o amei, é certo; agora, apesar de o lamentar, supporto-o com difficuldade. Talvez elle o perceba e d'ahi... O seu contacto, até o simples beijo de boas noites, me torna nervosa. Sinto na cara mais alguma coisa do que a impressão, que me irrita. Parece-me ficar com a pelle manchada. E' que esse beijo me recorda, pelo contraste, os teus deliciosos beijos. Será culpa minha adorar-te sómente a ti? E' culpa d'elle, que me foi buscar á minha inexperiencia, cuidando que tinha possibilidade de cortar a lingua do meu coração, quando elle quizesse fallar. Eu vivia em completa ignorancia do que é o amor, antes de te encontrar, eleito da minha alma! Abriste-me as portas do paraiso, onde mora a felicidade. Ahi vivo contente e ditosa, quaesquer que sejam os perigos, que existam, ou venham a existir debaixo dos meus pés. Que me importam desventuras, se encontrei um homem de coragem a quem amo e me comprehende? A minha alma transformou-se, estou decidida a tudo; venha a tempestade quando quizer, tu me defenderás. Não tenho filhos, é uma circumstancia immensamente favoravel; se os tivera, nada do que é, seria. Elles valeriam contra ti; fariam que não fez o temor do mundo, nem o do marido. Eu não sei como Lucinda foi capaz de fazer o que fez, tendo dois filhos encantadores! Foi um verdadeiro escandalo, como deves ter ouvido! Esteve aqui nas

Mouras seis mezes, para deixar passar a onda, como ella diz. Diogo conservou-lhe firme a sua dedicação, despresou as opiniões do mundo e conservou o seu lar com a mulher e os filhos. Ella tem-me contado essas coisas e é-lhe grata. Hoje não conheço *ménage* mais feliz. O marido tem por ella uma verdadeira paixão. Perdoou-lhe; só assim se explica. Não acontecerá o mesmo commigo, quando Julio souber... Adora-me; mas é um caracter sombrio, muito differente do do outro. Recolhe as coisas em si e lá as anda a remoer. De noite, depois de se recolher ao seu quarto, sinto-o passear muito tempo. Em que pensará? Em mim, em ti... Valha-me Deus! Como sahiremos d'esta situação! Não posso escrever mais; porque já o senti passar duas vezes deante da porta do gabinete onde estou. Quer que appareça. Talvez alguma visita d'estas maçadoras da visinhança, que vem fazer os seus cumprimentos. E' muito aborrecido atural-as. Vou pôr agua fria e pó d'arroz na cara, para me poder mostrar. A *migraine* me servirá, para explicar tudo. Elle ahi está a chamar-me... O' meu Deus, que raiva isto me faz! Muitos beijos te envia á presa a tua apaixonadissima

Maria Paula.

V

De Lucinda do Amaral *a* Roberto de Magalhães

Quinta das Mouras, 3 de junho.

Meu amigo

Esta casa das Mouras chama-o e chama-o com verdadeiro interesse. Venha no sabbado, pois no domingo temos aqui arraial. Um genuino Lisboeta, que já foi da provincia, talvez goste de recordar um poucochinho da infancia, que lhe foi carinhosa. Todos nós estamos anciosos pela sua chegada. Segundo *me dizem*, os proprios rouxinoes teem cantado mais festivamente nas ultimas noites. Adivinham que mais um coração apaixonado virá associar-se ao d'elles, para juntos inspirarem estes arvoredos!...

Como está lindo o campo! Tantas flores, arvores cheias de folhas novas, fontes a chorar, os corações a gemer... oh! venha depressa! Com a sua imaginação de poeta, de poeta que não faz versos, mas faz melhor do que versos... tudo apreciará e engrandecerá. O meu tempo já passou, não entendo d'essas coisas; mas interesso-me, e muito, por ellas. O meu tempo já passou: imagine que na minha cabeça *cendrée*, encontrei hontem os dois primeiros cabellos brancos! Fui logo mostral-os a meu marido, que sorriu consolado e me beijou ternamente. Sempre os homens são muito egois-

tas!... Arranquei-os, é claro; mas conservarei preciosamente estas primeiras testemunhas do meu inverno, que chega! E' o murchar das flores da minha alma! Vejo amarellecer as folhas da arvore d'esta vida, que adoro. Adeus mocidade, adeus galanteios, adeus illusões... *Vou para velha.* Tristissima palavra que causa calefrios! Mas encontro tanto interesse na ventura dos outros!... *Faute de mieux* consolo-me em *os ver* felizes e faço sinceramente tudo que faço.

Venha, pois, no sabbado, que ás horas combinadas lá estará na estação a minha carruagem, para nol-o trazer. Diga ao cocheiro que fustigue os cavallos; não corra, vôe. E eu a recommendar-lh'o! Valha-me Deus! como sou ingenua!... Não vôe, não; venha muito devagarinho... se pudér.

Disse-me não conhecer esta região. Hade achal-a formosa, ainda que não comparavel ao seu Minho. Mas que temos nós com os arvoredos, com as sombras, com o ceu e o luar, se a felicidade está no coração! A hospedagem é decerto insufficiente; mas terá compensação n'outras coisas. Para lhe ser agradavel a entrada n'esta aldeia, convidarei para o jantar d'esse dia, os nossos visinhos das Azáleas e mais algumas pessoas. Talvez com isto o não contrarie; pareceu-me semsabor sermos só nós tres á mesa... Maria Paula lançará na conversa a divina luz da sua mocidade irradiante; o meu amigo dará para esta festa campesina a sua *verve* incomparavel; Julio concorre com a poesia das coisas velhas que ama e estuda; o meu Diogo com o seu inalteravel bom senso... Eu serei o laço que una tantas

coisas diversas. Está bem assim? Está bem; sinto que está bem combinado.

Maria esteve hoje aqui e n'um dos seus bons dias. Não me cancei de admirar aquelle rosto vivo e *mignon* aquelle narisinho de immensa graça, a bocca vermelha como um cravo, os olhos que são duas amoras. E' a minha dilecta: uma especie de irmã mais nova, que eu educasse. Apesar de doente, está mais desembaraçada, falla com maior liberdade, parece que lhe verteram no seio um sentir novo. Só por ella é que posso gosar a felicidade; o meu coração, hoje, é uma simples machina, que serve para distribuir o sangue no corpo. Estou a dizer tolice? o coração não serve em toda a gente para isso? Diga lá, senhor sabio, ensine esta ignorante. Aprecio immenso o aspecto de triumpho que hoje apresentava a minha... a sua querida Maria Paula. Isto foi coisa de boa nova, que ella recebeu. Alguma carta, por exemplo, em que fallassem d'uma visita proxima... Tudo pode ser... Ella tinha o aspecto feliz d'uma recemcasada, da mulher a quem chegou o momento de viver em equilibrio de sensibilidade! Ainda ha bem pouco tempo tive receio de que adoecesse. Andava pallida, excitada, pouco communicativa e com olhos magoados. Estes ares de campo tem-lhe feito bem. Uma vez ou outra ainda se falla no medico; mas é já muito menos. Ha poucos momentos se despediu de mim com tanta graça que parecia ter morangos na bocca. Bem percebi o motivo; não era muito differente do que me leva a escrever esta carta.

Já deve ter visto (o que terá pensado a tal respeito!)

que Maria Paula é o meu assumpto. Principio as minhas conversas em coisas differentes e acabo sempre por me referir a ella. Esta lingua não sabe fallar d'outra pessoa, comsigo principalmente. E' do habito em que estou de, ao pensar n'um, ver logo o outro deante de mim. Por hoje, ponto.

Cá o teremos no sabbado, não é verdade? Hospedagem simples, mas de *tout mon cœur*. Pensamos que não haverá motivo para não vir. Diogo espera-o com tanto interesse, como eu. Acaba de me dizer que lhe não admitte desculpa; que arrede todas as maçadas e venha. Se fôr necessario telegramma para o seu ministro, elle manda-o. Logo na noite da chegada, terá um lindo fogo d'artificio. O peor é o barulho; mas nós deitamonos tarde.

Au revoir.

Lucinda do Amaral.

VI

De Roberto *a* Maria Paula

Mouras, 7 de junho, meia noite.

Querida.

Apesar da fadiga do corpo não posso deitar-me sem fixar as minhas impressões d'este ditosissimo dia. Depois de longa separação, tornei a encontrar-te, minha amada! Quando entrei no jardim e te vi no explendor

da tua *toilette*, toda branca, com esse lindo rosto, esses lindos olhos negros, esses lindos cabellos negros a sobresahirem na vaporosa nuvem de rendas leves, como a espuma, foi-me preciso energia heroica para não correr para ti, abraçar-te, beijar-te ardentemente deante de todos, na presença de teu proprio marido! Venci a grande tentação, mostrei-me frio e reservado; porém as nossas mãos tremiam quando se encontraram. A maliciosa Lucinda troçava-nos com o seu caracteristico franzir de palpebras; mas foi magnifica como sempre, fallando muito para distrahir os maridos e dar tempo a que o meu espirito repousasse do inevitavel alvoroço. Será motivo de espanto que eu sentisse tamanho abalo?! Creio que não. Eram desoito dias, espaço immenso, durante os quaes as minhas saudades se foram accumulando hora a hora, minuto a minuto. Como me tinhas fallado em que os teus nervos andavam um tanto doentes, attentei fixamente no teu rosto. Lucinda, na carta de convite, dizia-me exactamente o contrario. Por mim confesso que, se nervos doentes podem dar taes effeitos de expressão, querer-te-hia sempre assim, pois nunca te vi tão formosa! Nem o nimbo dos santos pode dar tamanho brilho a um semblante, nem a majestade dos diademas reaes se póde comparar á belleza dos dois cravos brancos dos teus cabellos! Que de lembranças tumultuosas e felizes me vieram á imaginação! Esta flor ficará para sempre o emblema da nossa felicidade! Tudo correu admiravelmente; o talento excepcional de Lucinda collocou as pessoas nos seus verdadeiros logares. Até o teu proprio

marido estava risonho e natural. Pela minha parte, apesar de immensamente alterado creio ter preenchido as formulas de toda a conveniencia e respeito; porque Lucinda, ao passar por mim, deixou cahir a palavra *fingido*, para lisongear a diplomacia das minhas maneiras.

O jantar foi um encanto! Que habilidade de *mise-en-scène* tem a nossa amiga! Tu em frente de mim, amando-me com uma expressão em que se resumiam todos os encantos sonhados pelos poetas; teu marido interessado na archeologia do dr. Angelo, que lhe não deixou um momento de descanço. Esgotaram todo o saber ácerca das epocas etrusca e romana, que são as especialidades d'este novo auxiliar, pelo que vagamente percebi. Eu tinha o meu ouvido direito para o sabio; o esquerdo para Lucinda, que n'elle me deitava frequentes palavras de encantadora malicia; o restante de todo o meu ser para ti, minha adorada Maria! Diogo, soberbo! Acompanha excellentemente sua mulher, sem o calcular. O seu busto magestoso, o seu sorriso permanente de sceptico, dão-lhe valor excepcional, para casos d'estes, aos olhos dos entendidos em observações psychologicas. As outras pessoas nem se devem mencionar; mas serviram de muito, como esses biombos espalhados pelas salas, que servem para esconder qualquer imprudente beijo. Lucinda, á noite, foi magistral na distribuição dos papeis: os homens para o *whist*, as velhas (que bella collecção de estafermos!) para a conversa acerca de creadas e enredos caseiros, as meninas e seus namorados para o lindo jogo de prendas nós ambos para o amor. Delicioso!

Como tenho agora o coração repousado da sua anciedade, vou fazer-te a confissão exacta da minha vida na tua ausencia. Aos meus trabalhos obrigatorios (tinha-os um tanto atrazados) dei a maior intensidade, para gastar a febre da imaginação. Não fui a nenhum theatro, não fiz uma só visita; sahia apenas á noite para ir ler os jornaes estrangeiros no Gremio. Vivi n'um estado especial com alternativas de melancolia e desespero. Custava-me a encher o enorme vazio da minha existencia, só cheia de saudades.

Como não posso viver distante de ti, para me enganar a mim proprio, estendi sobre a minha larga mesa de trabalho, uma carta corographica d'esta região. Curvado e com os olhos fixos n'esse papel branco, cortado de linhas, marcado de pontos e mais signaes, passava horas em cada dia. Quantas vezes fiz a viagem da tua casa em Lisboa, até ao logar em que hoje estou e que marquei arbitrariamente com uma cruzeta vermelha!? Innumeras, e procedia pela seguinte forma: chegado á gare do Rocio, em imaginação seguia apontando com o dedo toda a linha ferrea, parando nas estações, como o comboio que te levava parou. Era tamanha a força do meu sentir, que tinha momentos allucinantes, em que me persuadia que viajavamos juntos. Entrei na tua carruagem, acompanhei-te por um caminho imaginario, que desconhecia; mas que hoje verifiquei corresponder á minha visão de paisagem. Certifico-te ter adivinhado muito do que é: pomares, vinhas e quintas com os seus portões vermelhos; pinhaes ao longe, no horisonte maritimo; alguns cêrros povoados de

olivedos tristes e poeticos, semelhantes aos da Judeia. Como Jesus, seguido da turba de mulheres embebidas na voz suave do profeta-moço, eu percorri este caminho acompanhado das minhas idéas e dos meus sonhos. As inquietações d'esta alma que te adora opulentavam certamente o delicioso engano; mas é admiravel como os corações amantes inventam e objectivam coisas, que depois se verifica serem verdadeiras! A bussola para te encontrar atravez dos espaços tinha-a dentro de mim. Conhecem-se hoje factos de exteriorisação de sensibilidade, que tem surprehendido muito sabio experimentalista. O que se deu commigo é talvez uma confirmação... Porque é que nós, pensando intensamente um no outro, nos não haviamos de encontrar a distancia, por um esforço da nossa alma! Eu vi-te na tua radiosa belleza: embebido na tua imagem, affirmo que estive na tua presença...

Andava assim, n'um estado de emoção permanente, quando recebi a carta da nossa amiga, que me offerecia o paraiso da sua hospedagem. Fazia-o com infinita graça e infinita bondade. Lucinda nunca deixa de me afferroar deliciosamente com as suas ironias; mas procede com tanta arte que não posso deixar de lhe ficar agradecido. Só ella sabe ser má, sendo ao mesmo tempo excellente. Para attingir o estado perfeito em que se encontra (conheço-a bem agora) é necessario ter padecido muito aquelle coração! E' uma mulher nervosamente encantadora, que precisa saciar a sua rica phantasia, sempre inquieta! Por sensibilidade nos acompanha e nos serve; mas que intelligente protectora!... Sem

ella não teriamos gosado tanto esta nossa vida d'amores!... Ainda ha coisa de uma hora, quando me despedi d'ella para me vir deitar, me disse com a deleitosa malicia da sua expressão e da sua voz: «Está contente commigo?» Beijei-lhe ceremonioso a mão e deixei-a sorrindo.

Estou cançado de escrever; porém a minha mente está desperta. Se pudesse, passaria toda a noite a contar-te manifestações diversas do meu sentir. Ha sempe tanta coisa, tanta coisa que dizer! Sinto-me replecto de sentimentos novos, para os verter no teu seio! Mas só em Lisboa nos poderemos saciar... Aqui não pode ser... Aqui a vigilancia é maior, por vivermos constantemente em presença uns dos outros. Como ámanhã vamos almoçar ahi, terei occasião de visitar essa decantada quinta das Azáleas, onde se educou o teu primoroso coração. Como me sentirei enternecido á sombra d'essas arvores, proximo d'essas fontes e n'esse jardim, de que tanto me tens fallado!... Para mim são coisas sagradas, porque te viram crescer e florir?! Oh! adoraveis memorias! Não as poderemos um dia gosar sós?... Talvez... Um infinito beijo te envia o teu

Roberto.

VII

De Maria Paula *a* Roberto

Azáleas, 15 de junho.

Cuidei que se me despedaçava o coração ao ver-te partir. Estou muito mal habituada... Se não fôra a esperança de muito breve nos encontrarmos na liberdade do nosso amor, havias de ficar, fossem quaes fossem os inconvenientes. Não posso passar sem te ver, quero ouvir a tua voz... A tua presença consola este coração *doente*...

Doente sim, estou doente devéras. Esta noite não dormi meia hora... um desassocego, uma inquietação sonhos tristes... Acordei pallida, não almocei, Julio insiste pela vinda do medico; mas eu não quero. Tenho medo d'essa visita, só a idéa me perturba immenso; será quando voltarmos para Lisboa.

Tenho tido outras doenças; como esta nenhuma. Se quizer dizer o que me doe, não sei, não me doe nada. Tambem será d'este apartamento. Lucinda tem sido d'uma dedicação... Se não fôra ella, que me distrae e me levanta o animo, mettia-me na cama e não queria ver ninguem.

Julio anda muito enthusiasmado com os seus estudos. Hontem foi com o dr. Angelo ver as taes ruinas romanas, que formam, hoje, o objecto de todas as suas conversas. Só vem ámanhã á noite. Que delicia! Parece que

procurou a occasião de tu cá não estares; mas ainda assim lh'o agradeço. Este amigo de meu marido é tão precioso e util como Lucinda, cada um no seu genero. Conserva-m'o distrahido e n'uma curiosidade constante. O maior beneficio que me podem fazer hoje, é trazer-m'o satisfeito e longe de mim, por forma que não ande a espreitar as minhas tristezas ou alegrias... Dadas as circumstancias e se não fôra esta pessima noite de insomnia, os tres dias que elle andou por fóra seriam admiraveis de goso, pois todos passaria só a pensar em ti. Quando partiu fiquei n'um allivio... julguei voltar aos meus tempos de rapariga. Se com a certeza, que já deve ter, de que o não amo, se importasse só com as coisas antigas e me deixasse... este viver ainda seria toleravel. Mas qual! Tem dias d'uma ternura incommoda; outros em que, sem ser desagradavel, lança sobre tudo e todos um veu de tristeza, como se cá em casa tivesse acontecido morte de pessoa. D'antes não era assim desigual; é-o agora. Muito cara se compra a felicidade no amor! Em todo o caso eu vivo satisfeita, por ter encontrado a luz d'esse teu olhar nobre com que me alumias o caminho da vida. Outr'ora eu andava n'um engano de sentir e comprehender... No meu corpo habitava uma alma postiça, um coração postiço. Agora não, sou mulher verdadeira; já me não sinto boneca. Dia a dia a minha alucinação de amor cresce; porém, a minha ventura tambem augmenta de hora a hora. Este mesmo mal-estar é um anceio, uma aspiração sublime. O que eu não quero é que o medico venha por ahi dizer alguma tolice...

Apesar da coragem que em mim sinto, quando cá voltares não repitas a experiencia de quinta feira. Foi uma temeridade! Se Julio entra no salão das Mouras um minuto que fosse mais cedo, encontrava-te abraçado a mim, enchendo-me de deliciosos beijos. Valeu-nos o meu esperto e attento ouvido, que deu pela approximação... Temo que elle ande armado de revolver e pratique algum desatino. Não repitas a experiencia; olha que, se elle matasse algum de nós, era a ti. Contra mim não tinha valor, caía-lhe a arma da mão. Infelizmente conheço a paixão que o cega; tenho-lh'a soffrido. Antes attentaria contra a sua propria vida do que contra a minha. Porém, matar-te a ti, ou a mim, ou a nós ambos seria a mesma coisa; porque já não podemos viver um sem o outro. Se apontasse contra ti uma pistola, havia de encontrar deante do teu, o meu peito para te proteger. Não hesitaria um momento: ou morreriamos ambos, ou morreria eu só!

A' força d'amar tenho-me tornado assim valorosa. Eu era timida, sempre assustada, qualquer coisa... o menor barulho, me tirava o sangue frio. Agora, n'um salão de portas abertas, recebo os teus ardentes beijos e retribuo-t'os, e tenho ainda serenidade para perceber o andar de meu marido, que se approxima. Como estou mudada! E's tu o creador da nova Maria Paula. Sou obra tua...

E a solicitude intelligente de Lucinda, entrando quasi ao mesmo tempo que Julio, pela porta fronteira, com o bordado na mão, para m'o mostrar?! Não havia outra capaz d'uma coisa d'estas! Serena, com voz firme, disse:

«Vaes ver, Maria Paula, se não tenho razão...» Foi admiravel! Meu marido ficou convencidissimo de que ella tinha d'ali sahido momentos antes! Deliciosa amiga! O que eu e ella rimos depois, quando me contou como o tinha visto levantar-se do jogo e dirigir-se ao salão...

Até muito breve, se o puder convencer a que me não acompanhe. Avisarei, se houver novidade; porque elle tambem tem andado com ameaças da colica. Que aborrecimento! Já me vae faltando a paciencia, demais a mais doente como ando. Mas que remedio! Elle é o marido...

Mil beijos ardentes de

Maria Paula.

VIII

De Maria Paula *a* Roberto

Azáleas, 18 de junho.

O que eu receava, aconteceu! Não foi o querer acompanhar-me; mas a colica, que é o mesmo. Já te devem ter dito que não posso ir hoje. Mandei para isso telegramma. Não fazes idéa do reboliço que foi n'esta casa, durante toda a noite. Por causa d'uma ceia abundante de carne, que eu quiz evitar, sem poder, acordou aos gritos com o mal do costume. Levantei-me e levantaram-se todos os creados, foram chamados os dois medicos mais proximos, que chegaram uma

hora depois. Pannos d'agua a ferver, tijolos quentes, remedios que se mandaram buscar á botica da terra proxima... nada o socegava. As ancias não diminuiam, os gritos eram horrendos, rebolava-se com os olhos esbugalhados e uma cara afflictissima, chamando por mim... Mettia-me dó e susto. N'estas occasiões é que me não larga, não quer mais ninguem, agarra-se-me ás mãos com uma força, que me chega a magoar. E então n'esta aldeia, sem o medico e sem a botica de Lisboa! Tinha medo de morrer e chorava!... Não pódes fazer idéa da coisa horrivel que foi; ha muito tempo que a não tinha tão forte. Que elle, mais ou menos, sempre padece d'isto... E' um aborrecimento. Por fim, depois de tomar umas colheres de remedio, creio que era morfina, lá socegou e adormeceu. Os cirurgiões que vieram, julgam-no livre de perigo por esta vez; mas recommendam muito socego e cautela no futuro. Não tem emenda, verás; abusa immenso das comidas, já lh'o tenho dito.

Como está agora a dormir vim escrever-te e vou tambem descançar, pois me sinto exhausta de forças. Imagina: eu que não sou forte, com uma noite d'estas!... Apresso-me a explicar-te tudo, para que não supponhas que a doença de que falla o telegramma era minha. Antes fôra, sabes? Ao menos encontrar-me-hia agora quieta e sósinha na minha cama, com as janellas cerradas e livre para pensar em ti. Não digo isto a sério, por tua causa; pois bem sei que te apoquentarias muito se o caso fosse commigo. Poupar-te desgostos, encher-te de carinhos, é todo o meu empe-

nho. Vê como as coisas são: contava passar o dia felicissima na tua companhia e passo-o tão apoquentada e distante de ti. Não temos remedio senão soffrer. Como tu dizes muitas vezes, amar é soffrer; mas se não é soffrer, é estar preparado para soffrer. Estas contrariedades, serão pequenas; mas incommodam muito.

Tem coragem e inspira-m'a, que bem preciso do teu animo. Lucinda veio logo que soube. Esteve cá de manhã a acompanhar-me e volta logo. Estou mais tranquilla pelo ver melhor e ter esperança de ir breve ahi. Dize-me que estás resignado a padecer tudo por meu amor, que isso me consola. A'manhã serei mais extensa. Preciso de fallar do nosso coração, pois só assim entretenho a anciedade da minha alma. Só assim me illudo, pensando que estou na presença do meu adorado Roberto.

Maria Paula.

IX

DE MARIA PAULA *a* ROBERTO

Azáleas, 20 de Junho.

Hontem apesar de todo o meu empenho e da promessa que te fiz, não me foi possivel escrever-te. Tive a casa cheia de visitas a saberem da saude de Julio. Sabes como é esta gente cá de fóra: as coisas mais insignificantes servem de pretexto para conversa. Vem saber da saude d'um doente, mas d'isso é do que menos

se falla. Lisboa então é uma delicia para os que vão lá poucas vezes: tudo perguntam, querem saber dos theatros, da familia real, dos bailes, querem que lhes expliquem o que os jornaes dizem... uma grande massada!

A tempestade d'agora passou; já não é preciso vir o nosso medico d'ahi, como chegamos a pensar. Julio está melhor; mas o que me custou a furtar-lhe este boccado, para te vir escrever! N'estas occasiões é peior que nunca: agarra-me, prende-me a si por forma que não tenho um momento de meu! Com este terror da morte e de me perder é insupportavel! A's vezes conserva-se duas horas, com uma das minhas mãos entre as suas, a olhar para mim! Imagina!... Creio que receia que eu lhe fuja. Valha-me a Virgem! preciso de me encher de paciencia. Não me tires a coragem com as tuas ironias, bem sabes que coisa differente d'isto, não podemos ter. Anima-me como faz Lucinda, esta excellente amiga, que de tamanho amparo me serve. Em dias de grandes apoquentações é que aprecio bem a sua amizade. Tem-se conservado commigo quasi sempre; hoje até cá almoçou deixando o marido e os filhos. Combinei isto com ella, para não estar sempre ao pé de Julio, sentada n'uma cadeira, presa como um macaco. Tendo uma pessoa assim em casa, elle, que é condescendente, deixa-me mais liberdade. Se agora te posso escrever é que Lucinda ficou a entretel-o. E' uma boa e preciosa companheira; não sei como tivemos a fortuna de lhe inspirar tanta sympathia.

De todos os males sae sempre algum bem: Julio aterrado com este ataque succedido n'uma aldeia, sem

recursos, decidiu hoje que voltassemos para Lisboa. Partiremos até ao fim do mez e escuso portanto de lá ir e tu de cá vires. Escreverei á modista adiando a prova que me pediu. Os cirurgiões d'aqui concordaram, indicando apenas que se não faça a jornada, apesar de curta, senão quando elle esteja completamente restabelecido. E dizem que, dentro de seis ou oito dias, o julgam prompto. Fiquei contentissima com isto. Quasi dou tudo por bem empregado; já nem me lembro do que tenho supportado n'estes dias. Ahi sempre é melhor para nós, mesmo em caso de qualquer nova doença. Não nos separa esta distancia immensa... Não te vendo, a distancia que me separa de ti é sempre immensa... Não fazes perfeita idéa de quanto te amo! Era preciso morar dentro do meu coração, para perceber como elle palpita por ti, só por ti.

Adeus, querido. Lucinda pediu-me para te dizer muitas coisas d'ella. Recebe-as com agrado, pois tens n'esta amiga uma admiradora rara.

Vou fechar esta carta. Julio está a chamar-me, eu bem lhe ouço a voz. Ahi vem uma creada pelo corredor... Não me deixa um minuto. A'manhã espero carta tua. As tuas palavras, ainda que me fallem de coisas de todos os dias, consolam-me. Sempre são tuas... Tudo que vem de ti, tem para esta alma um sabor, um encanto!... Adeus, mil beijos de

Maria Paula.

X

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 22 de Junho.

O não teres vindo agora a Lisboa, por causa da doença de teu marido, occasionou-me uma enorme perturbação nervosa. O caso é repetido; mas nem por isso deixa de ser grotesco e tetrico. Grotesco, porque eu não posso sinceramente sentir o soffrimento d'aquelle que me rouba a felicidade; tetrico, porque uma dor que te afflija, tem no meu cerebro uma tal repercussão, que me extingue as forças. E chegamos assim á extravagante situação de eu desejar ardentemente a saude e o bem-estar d'aquelle que me desejará o contrario. Encaremos, porém, o facto como elle é, visto não se poder conseguir que seja coisa differente. Estás agora mais socegada e isso é optimo; em breve voltarás para Lisboa e a meus braços e isso é tudo. Bem o diz o proverbio — não ha mal que não acabe, nem bem que sempre dure. O nosso bem, ainda que imperfeito, ha-de durar emquanto os nossos corações palpitarem, posto que devamos augmental-o em tudo quanto de nós dependa. Causa-me enorme pavor, ver-te a ti, flor delicadissima que mereces e precisas todos os esmeros, envolvida em casos afflictivos e ridiculos de colicas nocturnas, com aguas quentes, tijolos quentes... que sei eu!... Não ha palavras para commentar o infimo suc-

cesso e tu, ainda por cima, me impões que te poupe ás minhas ironias! Estou bem pouco para ellas! Mas não posso deixar de pensar em como, os teus nervos delicadissimos de sensitiva amorosa, se não confrangerão doentes á vista do misero espectaculo! E suppórta-l'o heroicamente, em vez de o evitar! E's admiravel, tens denodo para tudo! De apparencia fragil, delgada como haste de lyrio, que leve sopro de vento póde quebrar, és mulher valorosa. As contrariedades vulgares que amollecem os corações sensiveis, fortalecem-te. Pedes-me coragem e alento; mas és tu que me dás uma e outra coisa, e tambem prudencia para te não ir arrancar á tua propria casa. O que o meu animo ordenaria, se pudesse, era o exigir de ti o abandono d'esse inferno, saltando por cima de todos os preconceitos sociaes, para seres completamente minha. Porém tu oppões-te, enleias-me carinhosamente em palavras d'amor, dominas-me com essa tua vontade tão branda e tão forte. Comprehendo que tenhas razão; a minha paixão violenta transporta-me a mundos de insania!... Mas o facto tem de se dar, mais dia, menos dia... Respeito os teus melindres, não te quero ver desclassificada; porém, o mundo, é vasto, não se circumscreve a Lisboa. No nosso infinito amor, longe de vistas incommodas, encontraremos a verdadeira felicidade. Tudo está nos teus preconceitos religiosos, no temor do ceu... Seja: vergo-me ao teu querer; porém custa muito conhecer-te sugeita, meu doce encanto, minha petala mimosa, a certas obrigações triviaes e sem grandeza. Em fim... dilatemos por mais algum tempo

o supplicio, visto assim o ordenares. Mas repito-te, a trivialidade dos outros ha de afogar-nos.

Já te não tornarei a ver senão aqui. Que não haja adiamento, que não venha alguma nova e abominavel colica!... Trata-o bem, vigia-o nas comidas, que não faça algum disparate! As reticencias das tuas cartas ácerca do teu estado, tambem me lançam confusão no espirito. E' doença ou não é doença? Quando ahi estive, vi-te magnifica, formosa como sempre, encheste-me a alma de ventura. Pena foi que as naturaes vigias, em volta de nós, fossem tantas! Porque te não has de queixar ao medico, quando vieres? O teu mal estar pode muito bem ser excitação nervosa, resultante d'essa vida abominavel de enfermeira e de tantas trapalhadas domesticas. Nas tuas queixas encontro a pontinha de mysterio proprio da tua alma de sonho; mas insisto para que o teu medico de Lisboa diga o que entenda.

Queria escrever-te muitas mais coisas, mas tenho a imaginação esteril. É da atmosphera mortalmente trivial em que nos debatemos, com a alma sacudida por tantas miserias. Estou hoje aborrecidissimo e comprehende-se que o esteja. Sinto-me como ao fim d'uma longa viagem, impaciente e cançado, com a pelle mordida da poeira, exhausta de forças e sem poder conciliar o somno. E' uma especie de febre nervosa, que me traz momentos delirantes. Este meu estado, como o teu, não tem realmente outra explicação que não seja a da ausencia em que nos encontramos. Vem o mais depressa que possas tirar-me d'este aborrecimento. A tua

presença bastará para me restituir a paz e a felicidade. Com uma simples palavra da tua linda bocca se acalmarão os meus nervos. Que poder extraordinario tens sobre todo o meu ser, sobre toda a minha vida, Maria Paula! Vê se consegues regressar mais cedo um dia, uma hora que seja!... E' infinita a ventura que antevejo no nosso proximo encontro. A só alegria da tua presença me faz ver o universo todo em festa; esta separação mergulha-me n'uma escuridade infernal. Não te demores, vem restituir a vida ao teu

Roberto.

XI

De Maria Paula *a* Roberto

Azáleas, 28 de Junho.

Fiz-te a vontade: consegui que partissemos dois dias mais cedo e que fossemos no comboio da manhã, para te ver logo á chegada. Estarás satisfeito? Não tens razão para o não estar. Lucinda ajudou-me em tudo isto com a dedicação e empenho, que emprega em todas as coisas pelas quaes se interessa. Tambem volta para Lisboa ao mesmo tempo que nós. Aqui sósinha não podia ficar: não tem genio para isso, ainda que ella diga o contrario.

Despeço-me d'estas queridas sombras e queridas arvores... Por quanto tempo? Nem sei; mas affirmo-te que não levo as saudades d'outr'ora, as sauda-

des da minha infancia, que me entristeciam tão docemente. Sou uma ingrata, pois devo a esta paisagem muitas e muitas consolações durante as amarguras da imaginação de rapariga, que sempre as tive, sem que os outros o soubessem; porque as não confessava. Como é possivel, despegar-se d'um coração este amor tão antigo, que eu tinha ás Azáleas?!... E' que o substituiu outro amor mais forte e querido! Se estes dois amores se pudessem juntar, eu pertencer-te-hia a ti e a estas arvores, flores, sombras e rouxinoes; mas, como estes dois amores se não podem, por agora, reunir, serei sómente tua. Imagina que a sorte nos tinha sido favoravel e que podiamos hoje viver ambos n'este calmo e agradavel socego, n'este silencio que me encanta a alma! Oh! que divino paraiso não seria a nossa existencia! Mas não póde ser: conformemo-nos com o que possuimos e esperemos... Esperemos o que? Nem eu sei; mas o meu sentir, diz-me que não sou amaldiçoada de Deus! Elle poz no meu caminho o teu amor, que, apesar de tantas contrariedades, me torna feliz... E' signal de que me não abandonou. Creio que não estou a blasphemar, pois sinto agora, como sempre, vivo e arreigado no meu coração, o mesmo fervoroso respeito pelo Altissimo e pela Virgem! Este religioso sentimento não me póde enganar. Tenhamos fé e esperança: Julio é muito mais velho do que nós.

Ouço d'aqui o reboliço das creadas no arranjo das malas, para partirmos depois d'amanhã. Como me alegra este barulho, a mim que sou inimiga de barulho! Meu marido foi com o dr. Angelo e Diogo visitar, mais

uma vez, as taes ruinas e despedir-se d'ellas. Queriam que nós os acompanhassemos; mas está muito calor. Tenho passado um dia agradabilissimo, só com Lucinda, conversando de todas as coisas em que costumamos conversar e principalmente de ti. Homem feliz, que tanto interessa toda a gente, que o conhece! Não te sentes orgulhoso? Sentes, sentes, ainda que finjas o contrario. Pois a vaidade é coisa muito feia, até nas mulheres. A tua, porém, terá justificação? Eu não posso dizer o contrario; se o dissesse, o meu procedimento desmentia-me.

Vês como estou hoje com o espirito limpo, os nervos socegados e alegre?... Não tenho queixas a fezer-te, nem que as tivesse t'as faria, para te não aborrecer. Mas não tenho, não, estou n'um dos meus dias optimos. E' a certeza de te ver muito breve, que assim me transforma; o meu mal eram saudades. Ahi vae uma coisa que não poderei dizer-te ao chegar: como na segunda feira saio para ir á modista, fica desde já combinado que nos encontraremos n'esse dia á hora do costume. O meu coração bate contente e ditoso com tão risonha esperança! Os dias de amargura e tristeza servem, para tornar mais apreciados os dias de ventura! Soffre-se primeiro; mas depois a recompensa é consoladora. Em todo o caso peço a Deus que nos poupe novos desgostos e contrariedades; pois, por nosso mal, já temos bastantes motivos de aborrecimento.

Querido amor, vae-nos esperar á estação do Rocio. Haverá mais gente das minhas relações e das de Lucinda. Muitas pessoas sabem da nossa chegada. Leva

um cravo branco ao peito, para me trazeres á memoria certas lembranças deliciosas... Até lá. Mil beijos da tua

Maria Paula.

XII

DE MARIA PAULA *a* ROBERTO

Lisboa, 4 de Julho.

Faz hoje justamente tres mezes que tu me deste aquelle lindo ramo de cravos brancos vindos de Nice, que tanto me encantaram com o seu aspecto e aroma. Ainda os vejo e os sinto agora, como no dia em que os puzeste na carruagem... Nunca mais esquecerei esse momento, nem essas flores! São lembranças, que assentam no fundo da imaginação d'uma mulher sensivel e amante como eu sou!...

Hontem de tarde, como estava combinado, veio cá o dr. Vieira, por causa de Julio e por minha causa!

A elle receitou-lhe Vichy, a mim fez-me muitas perguntas, a que respondi com pouca vontade e talvez com não muito bom modo. Conhecel-o? É muito meu amigo, trata-me desde creança, era medico da nossa casa, antes mesmo de eu nascer. Por isso me não levou a mal as minhas respostas esquivas, e até ria e gracejava com ellas. A mim, porém, aborrecia-me o que me perguntava na presença de Julio... Por fim, para melhor fazer idéa do que meu marido lhe dizia, ácerca do meu estado, entendeu que me devia mandar metter na

cama. Lembrei-me de me recusar; porque me parecia sécca de mais. Porém não tive remedio; Julio quasi m'o ordenou. Repugnava-me, pois adivinhava onde elle queria chegar... E' um velho, bem sei, conhece-me e trata-me desde creança, mas estas coisas são sempre importunas e desagradaveis. Sujeitei-me para não fazer scena.

Meu marido entrou junctamente com elle no quarto e assistiu a tudo. Reparei-lhe na physionomia, que não era das melhores. Estava apprehensivo e transtornado. O medico até lhe disse: «Homem, isto são coisas naturaes, você devia estar contente». Não respondeu e nem pestanejava, emquanto o dr. Vieira me ia examinando estupidamente. Por fim deixaram-me, justamente no momento em que eu, já muito aborrecida, ia dizer que não estava para mais massadas. Ao retirarem-se, o medico disse rindo; «Bem, isto não é nada». Mas disse-o de modo, que percebi perfeitamente, que era muito. Eu andava com desconfianças; mas nunca t'o quiz dizer... Como a porta ficasse aberta para a minha salêta, onde conversaram, ouvi perfeitamente o que o Vieira disse a Julio: «Opinião segura não lh'a posso dar, porque isso só aos cinco mezes e o caso está longe d'isso. Mas que outra coisa hade ser n'uma mulher casada? Bem comprehende que é o natural. O que lhes desejo é um rapaz robusto e forte, que lhes dê alegria e de que muito precisam para os herdar.»

Conservei-me na cama até ao jantar. Disse á creada que me encostasse as janellas, encontrava-me fatigada com o exame do doutor. Doía-me a cabeça e

queria ficar só. Queria ficar só, a pensar na minha vida, na nossa vida. Não desejava encontrar-me logo a seguir com Julio... Deixei-o primeiro com a sua alma. Elle tambem não procurou estar commigo. A Felismina, que me trouxe o meu chá, disse que, logo que o dr. Vieira se despediu, elle entrara no seu gabinete e ainda áquella hora de lá não tinha sahido. Quando eu me estava a vestir mandou lembrar-me que tinhamos o D. Amelia, com a companhia franceza. Durante o jantar esteve sereno, attencioso, fallando nos assumptos das nossas conversas costumadas, como nos tempos de maior tranquilidade das nossas almas. Parecia um pae discorrendo sensatamente com sua filha, dando-me conselhos para a vida e para a administração da casa, pois que elle um dia me poderia faltar. Mas fel-o sem resentimentos, sem nenhuma mostra de reserva. Acerca da visita do medico é que lhe sentia frieza de mais e apenas disse com voz calma; «O peior é que, tendo eu de ir a Vichy, vens a ficar algum tempo só. Não é prudente que me acompanhes este anno». Eu para o experimentar e porque me pareceu bem, disse-lhe: «Isto por ora não é nada, quem sabe mesmo o que será?» Respondeu-me com um pequeno *frisson* nos beiços: «Não, não... jornadas longas em caminho de ferro custam muito. O medico é muito experimentado, e aconselhou que não fosses... Eu não me demorarei muito, lá por fóra...»

Não mostrou alegria, nem tristeza; mas trazia sombras nos olhos. Não teve as expansões, que se dizem usuaes nos homens de certa edade, quando lhe dão no-

ticias d'estas. Tambem não pronunciou uma syllaba sequer de desagrado ou suspeita. Ha bastante tempo que ando a pensar n'isto que hoje acontece, sem te dizer nada; mas tinha resolvido que, quando chegassemos a declarações, se elle fosse brutal ou desabrido, eu seria muito clara e firme nas palavras a dizer. Desde que as desconfianças do meu estado me assaltaram, procurei ajuntar energia e coragem para não me perturbar na occasião. Confessar-lhe-hia que é a ti que eu amo e não a elle. Ainda que o visse disposto a matar-me, era o momento de desabafar o que trago cá dentro. Porém o proceder de Julio desnorteou-me, fiquei muito mais confundida do que estava. Achas natural que elle se mostrasse quasi indifferente, depois da conversa com o medico?! Eu não acho; tudo se poderia esperar, menos isso. Terno amante, pae feliz... comprehendia-se; violento e selvagem, como Othelo, tambem se comprehendia; mas frio e insensivel... depois do que sabe! E' inacreditavel! Que premeditará elle?! Vivo n'um mar de suspeitas e não posso conciliar o somno. Não posso manifestar a alegria que sentiria se fosse tua mulher, nem tu podes abraçar-me com transporte e enthusiasmo, como o farias se fosses meu verdadeiro marido. E aqui está a situação a que nos levaram as más leis dos homens, que o meu coração de mulher amantissima não póde acreditar que sejam as leis de Deus. Isso pensava eu antes de te cochecer, meu querido esposo.

Mas voltemos á minha idéa fixa: qual será o verdadeiro pensar de Julio?... No theatro esteve muito

bem, fallando com todos d'um modo natural. Eu nunca o tive por simulado; se o é agora, foram as circumstancias que o fizeram. Declaro-te que preferiria todas as violencias a este modo de proceder. Com as violencias tudo se punha a claro; assim, vivo n'um inferno de desconfianças e de escrupulos. E isto é o que mais me incommoda e definhará, agora que tanto precisava de alento e conforto. Ando na escuridade, sem saber onde ponho os pés, temendo cahir a todo o momento. Ainda bem que elle se vae embora por algum tempo!... Mas ampara-me, dize-me palavras fortalecedoras. E' o instante mais angustioso da nossa vida d'amor, eu bem o percebo. Sinto, dentro de mim, abafada uma alegria immensa; mas tambem sinto que me tortura o remorso de haver concorrido para a desgraça d'este homem, que um mau fado ligou á minha existencia. Que situação tão dolorosa! Só me dá coragem a certeza do teu amor. Porém o que trarei dentro de mim?! Será a felicidade ou a desventura! Mysterio immenso!

A tua amada

Maria Paula.

XIII

De Roberto *a* Maria Paula

Lisboa, 5 de julho.

Apesar das tuas cautelas e segredos, eu tinha desconfiado do que me dizes agora. A minha commoção foi grande ao ler a tua carta; porque, apesar das reservas do medico, eu tenho a certeza. N'este momento penso unicamente em ti e tenho a declarar-te d'um modo terminante que, á menor palavra de recriminação, chames por mim, que eu te ouvirei e te receberei nos meus braços, hoje mais teus do que nunca. Todas as coisas estão pensadas e preparadas: em Lisboa ou fóra de Lisboa, onde quizeres, viveremos juntos. Que importa o mundo, que importa o que possam dizer?...

Previne-te contra teu marido, que, apezar do que dizem em contrario, é homem de pensamentos escuros e dissimulações. Não o temas; vive confiada e serena. A cabeça d'elle não é normal; se o fôra não teria casado comtigo, quando tu, innocente arvéloa, tinhas desoito annos e elle quasi cincoenta. Houve demencia ou delirio d'ambição. E o mal que d'ahi resultou foi contra ti e não contra elle; por isso julgo mal sentidos os teus remorsos.

Isto não quer dizer que a situação não seja difficil para todos. É-o e muito, concordo. A minha commoção, o grito, que n'esse momento me devia sair glorioso do

peito, não me tira o sentido das proprias responsabilidades. Abafo todas as festas e alegrias do meu coração, para ser homem de julgamento tranquillo, como é indispensavel.

O que me diz o meu juizo e o meu sentir é que, agora, os nossos corações devem ficar mais unidos do que estavam. Eu é que sou hoje teu marido. Apesar de o julgar a elle homem de pensamentos tortuosos, não o julgo capaz de grandes violencias. Não te ha de matar: como tu disseste um dia, se o tentasse, caía-lhe a arma da mão sem força. Se vier contra mim, nada receies, saberei defender-me, sem procurar offendel-o. Esta altiva serenidade com que te fallo, vem-me da convicção de te haver conquistado pelo direito do amor, que reputo anterior e superior ao direito convencional do casamento.

Bem sei que isto é contrario á avalanche dos preconceitos estabelecidos; mas é o meu pensar. Quero que o entendas tambem assim e afastes de ti o que ouvires dizer em contrario. Só d'este modo terás fortaleza para vencer as contrariedades, que podem surgir.

Não te amo por capricho de sensibilidade; mas por ter reconhecido que a minha alma só será vencedora na vida, emquanto estiver emparceirada com a tua. De modo que fui buscar á tua fraqueza de mulher, a coragem necessaria ao homem. Nem todos os casados podem dizer o que eu digo e com a segurança da verdade que proclamo. Não é vulgarissimo darem-se paixões ephemeras nos que vivem unidos pelos laços *indissoluveis*?... Mas não entremos em discussões, pois

não julgo azado o momento para isso. Eu devo-te a minha vida, a minha vida toda: ella responderá pela tua ventura. Um dia peguei na tua branca mão e convidei-te a que, em minha companhia, atravessasses uma aspera serra, para te mostrar o paiz doirado da felicidade. Seguiste-me confiada e no caminho surprehendeu-nos uma tempestade. Qual o meu dever? Dar-te coragem e salvar-te do perigo. É o que faço. Por isso, querida Maria Paula, conta commigo e exige a minha presença no momento exacto, em que a julgues necessaria. Tranquillisa os teus nervos, dorme socegada e conserva o nosso precioso thesouro. Do que fôr occorrendo, avisa-me.

Esta carta pouco diz ácerca do infinito enthusiasmo do meu coração n'este momento. E' desnecessario. A reproducção da nossa vida é a verdadeira immortalidade no homem; os filhos gerados no amor verdadeiro são o orgulho e a razão da nossa existencia sobre a terra!... Por isso te ama hoje, ainda mais do que hontem, o teu

Roberto.

XIV

De Maria Paula *a* Roberto

8 de julho.

N'esta casa vive-se n'um silencio de convento. Julio, attencioso e delicado, deixou a casmurrice dos dois primeiros dias, que se seguiram á visita do medico. Falla como da coisa mais natural acerca do meu estado e dos muitos cuidados que devo ter commigo. Isto confunde-me e trago o espirito cheio de melancolias. Estou immensamente triste, sinto-me sem energia, n'um grande abatimento. Preferia os maus modos, que me levantariam o animo! Como se entende este proceder de Julio, quando tenho quasi a certeza de que conhece a verdade toda?! Conformidade?... Custa-me a acreditar; é muito orgulhoso. Fingimento, para encobrir qualquer plano?... Talvez. Mas então tenho vivido enganada, nunca o julguei capaz de simulação. Tu dizes que é homem de pensamentos occultos... Quem sabe se não será assim!...

Tudo isto me abala e me faz soffrer. Bem me dizia o coração, que evitasse a visita do medico. Para que a consenti? Tu tambem tiveste a culpa, em m'a aconselhar. Se se não tivesse fallado agora em coisa nenhuma, iamos vivendo enganados, até quando isto se não podesse esconder... Era melhor, mil vezes prefe-

rivel. Depois do que se passou, parece-me que sou uma criminosa, que todos reparam em mim e sorriem...

Não ha maneira de tirar esta idéa da minha cabeça... Como eu soffro, Virgem Maria!... Então, esta generosidade de Julio, esta especie de perdão enfurece-me. Antes elle me batesse e me tratasse mal, como fazem os operarios ás suas mulheres. Ando rebaixada na minha propria dignidade; a paixão doida, que eu dizia elle ter por mim, nunca existiu. Talvez tenha alguma amante, creatura ordinaria como elle merece; e tomara eu sabel-o para lh'o atirar á cara, quando me venha dizer qualquer coisa. O mal que eu tanto receei, o terrivel ciume de meu marido, com violencias e até maus tratos, reconheço hoje que me faria bem, que seria proveitoso. Haveria um escandalo enorme, havia de fallar-se d'isso em toda a parte, separavamo-nos... Ao menos era uma coisa clara, sabia cada um o logar que occupava. Não me encontraria n'esta situação equivoca e deprimente, de acceitar um favor com que não contava. E depois, se é fingido, como parece, julgo-o um cynico; despreso-o e não quero viver com elle.

Não imaginas o estado de aborrecimento e quasi desespero, em que hoje me encontro! Baralham-se-me as idéas. O que eu desejava era soffrer mais pelo nosso amor. Se n'este momento cahissem sobre mim as maldições de todo o mundo, com a colera de meu marido ainda em cima, sentir-me-hia immensamente feliz e contente.

Julio prepara a sua viagem ao estrangeiro. Além da cura em Vichy, tem um congresso de archeologia em

Genebra, para o qual recebeu ha dias convite. Fóra das horas da mesa, vive fechado no seu gabinete, a escrever uma memoria ácerca das taes ruinas perto das Azáleas. Mandou vir o dr. Angelo, que está nosso hospede, para estudarem ambos. Dá tamanha importancia a isto, que parece coisa de testamento de homem, que tenha de ir para a guerra.

Hoje, ao almoço, não fizeram caso de mim, não trocaram commigo uma palavra; só fallaram das pedras que mandaram vir e das quaes está um desenhador a fazer estampas, segundo lhes ouvi. Melhor fôra que as levasse com elle no vapor e me tirasse de casa todas essas coisas. A sahida para a viagem é d'aqui a dez dias; tomara que partisse, pois talvez o meu coração se desopprima...

O que se passa é extraordinario. Parece que em volta de mim se representa uma peça de theatro, em que eu entro. Nunca pensei tanto em meu marido, como agora, e elle nunca pensou tão pouco em mim. Em todo o caso presta-me toda a attenção, sempre que eu lhe fallo. Ainda hoje me ajudou a escolher dois chapeus para passeio de carruagem, o que é raro n'elle, pois nunca deu grande valor a coisas d'estas, achando bom tudo quanto eu faça. Por outro lado deixa-me, mais do que até aqui, toda a liberdade; não pergunta onde é que vou quando sáio, e acompanha-me com prazer á companhia franceza do D. Amelia. Vão lá entendel-o! Se tem ciumes, não o parece. Quando tu entraste hontem no balcão, foi elle que disse, como se fallasse d'um irmão: «Lá está Roberto.» Não reparou, porque estava

com o binoculo; mas sempre lhe deitei um olhar!... Que se importa elle comtigo? Fizeste bem em não nos visitar.

Reconheço que tu tens razão: Julio é um simulado. Isto preoccupa-me e interessa-me mais do que eu suppunha. Em vez de ser elle que ande a espiar e espreitar os meus actos, como ainda ha bem pouco fazia com bastante aborrecimento meu, sou eu que lhe estudo as palavras, o rosto e dou attenção a quanto faz. Até penso de noite no que lhe ouvi durante o dia! Já viste maluqueira assim, como esta minha?! Quando a creada me entra no quarto de manhã e abre as janellas, allivia-me de todos esses pesadellos, que me atormentam. Mas tenho razão: este procedimento de meu marido esconde alguma coisa de funestamente grave! Não te parece?

Desabafei comtigo, estou melhor. Encontras juizo no que acabo de escrever? Desconfio do estado da minha cabeça, sabes? A'manhã estarei sósinha comtigo e has de fortalecer-me, explicar-me todas estas coisas em que penso. Repousar a minha cabeça no teu peito, é o unico prazer que me resta. Que doce amparo o do teu coração!... Toda a outra gente me detesta. Até Lucinda é menos carinhosa commigo, depois que soube a opinião do medico. Sempre achei pessimo que elle me observasse. A culpa foi tua, que m'o aconselhaste.

Até ámanhã, meu rico amor. Sinto a cabeça esvaida, vou-me deitar um poucochinho. Mil beijos te manda a tua

Maria Paula.

XV

De Maria Paula *a* Roberto

12 de julho.

Só estou bem, quando estou comtigo; a separação estabelece em volta de mim um silencio, um vasio insupportaveis. Agora até os creados me parecem menos respeitosos; descubro-lhes, nos sorrisos submissos, certa ironia, que d'antes não tinham. Serão coisas da minha cabeça, pela falta da tua palavra leal, que, quando a ouço, me chama á realidade.

Meu marido anda todo entregue á sua viagem. O congresso será a 24 e elle parte d'aqui a 18. Vamos ficar em absoluta liberdade, para nos encontrarmos quando quizermos. Quem sabe se por isso diminuirá o teu enthusiasmo! Os homens são tão caprichosos!... As coisas faceis valem tão pouco!... Receios e sustos tornam o amor mais interessante, não é verdade? Ainda ha bem pouco tempo, nas sombras perigosas das Azáleas, os teus beijos eram calorosos a mais não poderem!... Julio andava então com um ciume, que o devorava; eu sentia que esses zelos de meu marido te prendiam mais a mim. Será verdade?!...

Não é verdade. Sejam quaes forem as circumstancias, nunca deixaremos de nos querer immensamente. O meu coração refresca-se de novo amor, quando bate junto do teu; porém, mesmo a distancia, tambem nos

amamos muito. Para estas minhas imaginações é uma força e um allivio a tua presença, que me garante sempre felicissima realidade. Quando formos completamente livres e senhores da nossa vontade, muitas occasiões teremos de encontrar mais amor no nosso amor. Em breve, durante a ausencia de meu marido, poderei ver-te todos os dias; esta ventura é tamanha que eu já soffro, só porque ella tem de acabar.

Julio irá d'aqui a Bordeus e depois directamente a Genebra. O congresso durará quatro dias e nos principios d'Agosto conta estar em Vichy, voltando no fim d'esse mez para Lisboa. Tal é o seu plano.

O dr. Angelo deixou-nos hoje; o que se passou entre elles, não sei se foi só archeologia. Como ando desconfiada, tenho sido mais assidua junto de Julio. Quero convencer-me de que, o que escreve, é realmente para o congresso, pois temo que me engane. Contra o meu costume fui hoje ter com elle ao gabinete; mostrei-lhe interesse em vêr essa tal *memoria*, com que me não importo. Apresentou-me muitos papeis escriptos, alguns eram de contas e fallou mais uma vez da administração da casa. Não vinha a proposito; mas explicou que tendo de embarcar... ás vezes um naufragio... Não me pareceu natural e as minhas scismas augmentaram. Procurará elle distracções ao seu soffrer n'uma viagem?... Não me parece. Para que passa, então, horas e horas fechado no gabinete, recommendando aos creados que o neguem a todas as pessoas, que o procurem?!... Será só para escrever a memoria?! Tambem me não parece...

Quando fallou das coisas da casa, lembrei-me de que ande preparando a nossa separação. Se fôr isso, paciencia; é uma sahida, que *generosamente* me offerece. Seja, fico uma *déclassée*, teremos de abandonar Lisboa. Como tu dizes, o mundo é grande, para toda a parte podemos levar os nossos corações amantissimos. Ainda assim... custa-me.

Sinto, agora, os effeitos da educação que me deram e que está fortemente agarrada á minha alma. A victoria d'esse teu amor, que me venceu, foi grande. Hoje só isso me consola... Com a certeza de o possuir por toda a vida, sou feliz. Quando o mundo me repellir, encontrarei no teu valente coração energia e amparo. E Deus, a quem fervorosamente respeito, tambem me não abandonará. Elle é infinitamente misericordioso, infinitamente bom e ha de perdoar-me. Bem o mereço; porque a minha culpa é toda d'amor e uma voz, bem cá de dentro, me diz que tu eras o homem que me estava destinado desde o nascimento. O que se deu foi um engano. Se na vida as coisas se disposeram, para se dar esse engano, a culpa não foi minha.

Não pensemos em coisas d'estas em occasião tão triste!... Até ámanhã...

A tua

Maria Paula.

XVI

De Maria Paula *a* Roberto

Lisboa. 18 de Julho.

Partiu hoje de manhã; embarcamos n'um bote do caes de Sodré, ás oito horas. Fui acompanhal-o ao vapor, appareceram bastantes pessoas das nossas relações. Elle chorou muito, eu tambem chorei muito. E' a primeira vez que nos separamos por tanto tempo. Que queres?!... O meu coração é assim, não pode deixar de ter lagrimas, quando as vê nos olhos dos outros. Depois elle nunca foi mau para mim; houve tempo em que lhe dediquei affecto e respeito de filha. Hoje... nem isso; mas as suas lagrimas eram tão sentidas, que me commoveram devéras. Algumas pessoas sorriam; mas outras tinham as palpebras humidas. Lucinda era d'estas e disse-me ao ouvido: «Como elle te ama!» Não m'o devia dizer; porque me impressionou muito, dito por ella. No ultimo abraço e no ultimo beijo de despedida, Julio parecia rebentar d'afflicção. Tremia d'um modo, que fui eu que o amparei! Vi geitos de se não desagarrar de mim, foi preciso que Diogo do Amaral nos separasse. Nunca o vi assim; nunca imaginei que fosse tão meu amigo! Lucinda, apesar do seu genio descrente, estava enternecida e não me desamparou até ao caes. Afinal todos têm coração, caso é apparecer o momento d'elle se mostrar. Houve exagero, pois elle estará cá

d'aqui a pouco mais de um mez. Das terras por onde fôr, pode mandar e receber telegrammas e cartas todos os dias. Quando voltámos ao caes de Sodré e entrámos nas carruagens, já todos sorriam e me diziam coisas amaveis com sorrisos de brincadeira.

Combinada esta despedida chorosa com o que me disse ha dias, quando me fallou dos negocios da casa, talvez seja o medo d'um naufragio, que assim o affligia. Fosse por terra: eu mais de uma vez lh'o lembrei. Sempre me pareceu que esta separação, a primeira grande nos seis annos de casados, lhe havia de custar; mas não suppuz que fosse tanto! No ultimo abraço parecia querer-me levar comsigo e se o tivesse exigido, eu não poderia negar-me. Porém elle, desde o primeiro dia em que planeou a viagem, pôz-me sempre de parte, por causa do meu estado... Nunca comprehendi o alcance d'esta razão!... Aqui ha mysterio ..

Fizeste bem em não ir á despedida. Terias complicado tudo. Elle havia de soffrer muito mais. Lembraram-se de ti; mas de maneira que todos acharam muito natural que um serviço te obrigasse a estar ausente... Eu sou do mesmo parecer; mas com a condição de voltares depois d'amanhã, como prometteste. Tens-te dado bem por essa cidade do Porto? E' monotona, não é? Conheço-a só de quando passava ahi para as Pedras Salgadas, onde no ultimo anno nos principiamos a amar. Tenho ahi uma prima, que todos dizem parecer-se muito commigo. Ha de ser mais bonita, é mesmo formosa, tenho cá o retrato d'ella. Não me escrevas. Vem tu em vez de carta; do que pre-

ciso é de ti e não das tuas cartas, que só fazem crescer as minhas saudades. Pouco falta para nos encontrarmos; só tres dias! Mas tres dias não é pouco, é tempo infinito! Não sahirei de casa até lá; fingirei de viuva e estou-o realmente... Quando não tiver ninguem para jantar, já disse, á Felismina, que me servisse ella na minha salêta. E' assim mais bonito e mais commodo. Não hão de ser muitas as vezes, pois terei frequentemente *amigas* para me distrahirem. O que ellas quererão é bisbilhotar, vêr se mostro muitas saudades de meu marido. Bem as percebo; mas hei de enganal-as. Mostrarei todo o recato durante a ausencia de Julio e a mudança dos nossos encontros para de manhã, póde satisfazel-as, encontrando-me de tarde em casa. O amor que te dedico é immenso, mas isso não me deve tirar o juizo. Esta tristesa agradará a toda a gente, Por termos sido cautelosos, gosamos a nossa felicidade, assim deliciosamente. Por isso, ainda não cheguei ao grande escandalo em que outras andam envolvidas. Fica assente: na quinta feira, ás dez horas da manhã, recomeçaremos a nossa ventura, interrompida por estes amargos dias. Não me roubes um minuto que seja, e porfiemos em esconder o nosso amor em delicioso mysterio... Assim reservado, tem este sentimento um tão agradavel perfume, que para não desapparecer, deve, como todos os perfumes, estar bem rolhado no seu frasco. O frasco do nosso amor é o coração.

Meu rico filho, não penses que esta magua causada pela partida de Julio diminuisse, um só momento, a mi-

nha paixão por ti. Quando nos encontrarmos, reconhecel-o-has, logo no primeiro beijo... Do que sou incapaz é de supportar certos choques, sem lagrimas. Se tu o visses, abraçado a mim, sem se poder despegar, tambem te commoverias. E' uma das maiores afflicções que tenho supportado, egual á da morte de minha santa mãe! Logo que o nosso bote se afastou do vapor e lhe disse o ultimo adeus, vi que elle cahiu nos braços d'um desconhecido, que o amparou. Em quanto não cheguei ao caes vim a pensar sempre n'isto, encostada ao seio de Lucinda. Mas pensava tambem em ti, que és a consolação da minha vida. Quando entrei em casa, passei silenciosa por entre os creados, que estavam tristes. Quasi não almocei. Com as janellas meio cerradas tinha-te na imaginação a ti, e tambem a elle que ia sobre as aguas do mar. Estou a escrever-te com a porta fechada, para me não interromperem. Logo terei por ahi Lucinda, que vem naturalmente vêr se ainda estou triste. E' assim o mundo; ella que tanto nos tem auxiliado, sinto que depois do que disse o medico do meu estado... mudou. Então que queria ella?! Não a percebo. Nos ultimos dias, deu-lhe para me fallar muito de Julio, da enorme paixão que elle tem por mim!... Até me aborrece.

Já vês que só posso confiar em ti. A tua companhia, o teu amparo são-me indispensaveis. Não exigi que chegasses hoje mesmo; porque parecia mal. Porém d'aqui a tres dias ter-te-hei, abraçar-te-hei, beijar-te-hei e com isso augmentará este amor, se é que póde ainda ser maior.

Ouço fallar Lucinda. Vem consolar-me... e talvez *espiar-me*. Principio a aborrecel-a. Antes me deixasse só. Adeus, querido amor. Mil beijos da tua

Maria Paula.

XVII

De Julio Maldonadó *a sua mulher* Maria Paula

Genebra, 28 de Julho.

Minha adorada mulher:

Esta carta é o meu testamento, a minha ultima vontade escripta; dirijo-t'a a ti, alma, felicidade e desventura d'esta existencia, que vae findar. Não é legado de bens terrenos, pois de poucos sou possuidor; mas herança que te offereço das delicias e amarguras do meu coração, visto de tudo isso ter ajuntado em vida.

A estrada para seres ditosa e feliz, como desejas e mereces, vae-te ficar livre e ampla; caminha por ella com melhor sorte do que tiveste commigo. Sou eu que t'a abro voluntariamente; communico-te esta resolução, que terá seu epilogo em poucas horas; mas desejo que os outros ignorem o motivo da minha morte. O filho que trazes no teu ventre, Maria Paula, não é meu e entendo que se lhe deve dar o pae verdadeiro. Da nossa vida conjugal de quasi seis annos, é a unica imposição que te faço; cumprindo-a, segundo os preceitos estabelecidos, é a maior attenção que poderás ter para a

minha memoria. Não levo resentimentos da existencia, não quero mal a ninguem n'este momento tão triste: a ti, alma da minha vida, adoro-te hoje com maior fervor e paixão do que nunca! Não posso esquecer que, durante mais de cinco annos, tu foste o explendor, a mocidade d'estes cabellos brancos. Que mulher, a não seres tu, mostraria em tão longo periodo, o carinho, a ternura, a bondade que tiveste?! A minha edade e a minha falta de attractivos pessoaes não o mereciam; o casto goso da felicidade conjugal, que fortemente desfructei, compensa-me d'esta suprema amargura de te deixar para sempre, para sempre, sem esperança de tornar a ter os afagos da tua divina presença. Fui durante algum tempo homem bem favorecido da ventura; se depois da morte eu pudesse conservar memoria do que tenho gosado, seria para louvar a nossa estreita união. Já vês, querida mulher, quanta paz, quanta infinita serenidade, a minha alma tem n'esta hora, para te dizer que ainda te ama e te abençoa.

Não odeio ninguem, não quero mal a ninguem: diz ao homem, que para te conquistar, teve de destruir o meu lar e desfazer a enganadora ventura que n'elle gosava, que lhe perdôo, se perdão fôr necessario, para que seja feliz. Reconheço-o como o meu supremo inimigo, dilacerou-me, fibra a fibra todo o coração; mas perdôo-lhe, por ver que a sua felicidade d'hoje me não pertencia, e que fui para elle um antecipado usurpador. Tu, adorada Maria Paula, assim o sentenciaste, e tu não podes sentir senão a verdade, pois considero o teu coração puro e sem malicia. Amor mais grande do que

aquelle que te consagrei nunca existiu no peito d'outro homem; mas eu não te merecia. Desde que ajustamos o nosso casamento, acompanhou-me sempre este receio; tu tambem o presentias, mas disfarçaval-o com deliciosas meiguices. Tamanha era a tua bondade, enebriava-me tanto essa tua candidez, que cheguei a julgar que não haveria sufficiente motivo para as minhas tristezas, que afogava nos estudos da minha predilecção. Mas existia esse motivo, os factos vieram confirmal-o. Não me julgo com direito de censurar-te, ainda que o teu proceder me leve a abandonar a vida. Ao contrario: confesso-me reconhecido pelas dadivas do teu immenso carinho, cujo goso ainda conservo na memoria. Na nossa união houve erro, houve engano; mas sou eu o principal responsavel, senão o unico.

Por isso determinei afastar-me do caminho por onde deve passar aquelle, a quem já pertences como amante e desejarás pertencer como esposa. Conheço-te muito bem: os meus quasi seis annos de illusão ensinaram-me que não és mulher lasciva, nem leviana; por isso o teu procedimento será limpo de vicio grosseiro. Vou acabar a existencia, sem remorso de ter sido teu companheiro de tantos annos, pois com isso não pratiquei acto contrario ao bem, á justiça, nem á propria consciencia. Ao teu doce caracter e bondoso coração dirijo uma supplica: depois de lançares alguns pensamentos de triste saudade sobre a minha memoria, não procures remover, nem consintas que outrem o faça, este misero corpo da sepultura escolhida pela minha liberrima vontade. Quero ficar em terra estrangeira, longe

d'aquella em que nasci; desejaria até, que o meu corpo se decompozesse nas aguas d'este formoso lago. Se para a terra me vierem a transportar depois de morto, que me deixem jazer n'esta formosissima região, n'esta margem murmurante e poetica, habitada em longinquos seculos com tanta preferencia, por homens simples, rudes, ignorantes, que não sabiam fixar pela escripta as suas idéas; mas admiravam com intensa sensibilidade a belleza d'estas collinas e se enlevavam na musica das aguas do seu lago. As palafitas, desde Genebra a Villeneuve, em todo o circuito do Leman, são das mais celebres e ricas em documentos préhistoricos. Que o meu corpo repouse junto d'ellas, é o meu ultimo desejo. Sou homem singelo, de sentir elementar e primitivo, que nunca se ageitou muito bem com os requintes de *civilisação*, por isso ambiciono que os meus ossos fiquem perto d'esses meus irmãos, que viveram vida plena e sem artificios. Eram reduzidas as suas necessidades materiaes, a imaginação tinha lazer para centuplicar os gosos, que a boa natureza espontaneamente lhes offerecia. Raciocinava-se então imperfeitamente, mas gosava-se mais pelo sentir. Santas edades! Porque é que eu não viria mais cedo, para gosar a sublime desambição, que n'ellas existia?! Espero, pois, da tua ternura pela minha memoria, que façàs o necessario para não transportarem d'aqui o meu cadaver.

E' hoje o ultimo dia do congresso e a elle vou assistir com o recolhimento com que assistiria ao meu proprio funeral. E' a ceremonia religiosa apropriada a

quem tanto amou e gosou o passado, que aqui temos estudado e celebrado. Tenho ouvido com infinito prazer as interessantes communicações ácerca dos jazigos de instrumentos de pedra e de bronze, dessiminados n'esta região. E não podia imaginar tão bellos responsos para a minha alma, na hora extrema da minha vida.

Sinto-me cançado, digo-te o ultimo adeus. Maria Paula, deleitosa e suave companheira, o meu pensamento derradeiro e o derradeiro suspiro serão para ti, enviar-t'os-hei atravez dos espaços. Que sejas feliz, completamente feliz, no resto da tua existencia, é o que te deseja aquelle que foi teu marido. Recebe no melhor do teu coração o meu ultimo e saudoso adeus.

Julio Maldonado.

XVIII

TELEGRAMMA DO CONSUL PORTUGUEZ EM GENEBRA, *ao* MINISTRO DOS NEGOCIOS EXTRANGEIROS, EM LISBOA

A sua excellencia o Ministro dos Extrangeiros, Lisboa.

Genève, 29 de Julho.

O cadaver do congressista portuguez Julio Maldonado, appareceu hoje e foi reconhecido por mim, boiando no Léman, perto de Nyono. Ignora-se se houve crime, desastre ou suicidio. Auctoridades procedem a averiguações.

Consul.

FIM

INDICE

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

TERCEIRA PARTE